

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

ROGER CARDÚS JUVÉ

ROMANCE DE AMOR E LOUCURA

SEGUIDO DE

DIÁRIO DE UM ROMANCE

**PORTO ALEGRE
2010**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ROMANCE DE AMOR E LOUCURA
SEGUIDO DE
DIÁRIO DE UM ROMANCE

Roger Cardús Juvé

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

**Porto Alegre
2010**

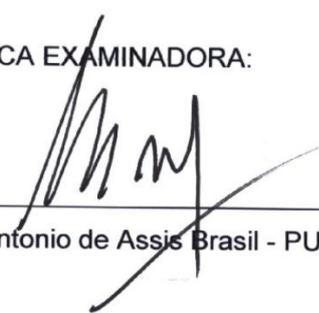
ROGER CARDÚS JUVÉ

ROMANCE DE AMOR E LOUCURA
SEGUIDO DE DIÁRIO DE UM ROMANCE

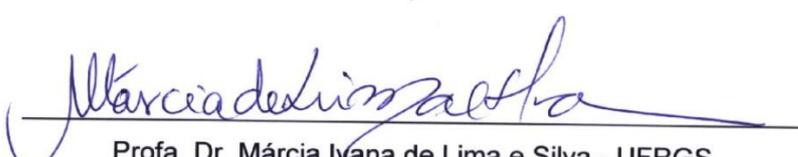
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 31 de agosto de 2010

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil - PUCRS



Profa. Dr. Márcia Ivana de Lima e Silva - UFRGS



Profa. Dr. Vera Teixeira de Aguiar - PUCRS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Josep e Rosa, e irmãos, Ramon, Oriol e Rosa.

Ao escritor, professor e orientador da dissertação Luiz Antonio de Assis Brasil.

À psicóloga Raquel Soveral.

À Anna Faedrich (que revisou o diário). À Gabriela S. Floriani.
À Ana Santos (que revisou o romance).

À Clotilde de Bellegarde, Isabel Borja, Antoni Bulbena Vilarrasa, Rose Côrtes, Bianca Faraco, João Floriani, Rosária Floriani, Pedro Furtado, Ana Maria Lisboa de Mello, Nelia Llera, Sérgio Lulkin, Ronaldo Machado, Isabel Pereira, Leo Wittmann.

A escrita do romance teria sido muito mais difícil, talvez impossível, sem a amizade, a ajuda, a força e o carinho de todos eles.

Aos professores e colegas do Mestrado.

Ao apoio institucional da CAPES, que me concedeu bolsa de estudos durante os anos do Mestrado.

SUMÁRIO

<i>ROMANCE DE AMOR E LOUCURA</i>	10
<i>DIÁRIO DE UM ROMANCE (O PROCESSO DE ESCRITA DE ROMANCE DE AMOR E LOUCURA)</i>	51
BIBLIOGRAFIA	120

RESUMO

Romance de amor e loucura é um romance de autoficção, escrito em primeira pessoa, que tem como temas principais e entrelaçados o amor, especificamente, o amor-paixão, a “loucura” ou doença mental e a memória e sua recuperação. *Diário de um romance* permite acompanhar o processo de criação: as leituras realizadas para a preparação do romance, a procura de soluções para obstáculos literários e emocionais, as reflexões sobre o trabalho criativo no seu dia-a-dia.

Palavras-chave: *Romance de amor e loucura*; Roger Cardús; memória; autoficção; diário

RESUM

Romance de amor e loucura és una novel·la d'autoficció, escrita en primera persona, que té com a temes principals i entrelligats l'amor, específicament, l'amor-passió, la "bogeria" o malaltia mental i la memòria i la seva recuperació. *Diário de um romance* permet seguir el procés de creació: les lectures fetes per preparar la novel·la, la cerca de solucions per a obstacles literaris i emocionals, les reflexions sobre el treball creatiu en el seu dia a dia.

Paraules clau: *Romance de amor e loucura*; Roger Cardús; memòria; autoficció; diari

Romance de amor e loucura

Roger Cardús Juvé

Agora imaginem uma cidade sitiada, bombardeada dia e noite. Inclusive nesse cenário – e em determinadas circunstâncias – uma pessoa pode não ser capaz de esquecer as preocupações mais banais. E, no entanto, a gente foge à menor oportunidade. Abandona sua casa, deixa seu trabalho, carrega uma leve bagagem e começa a caminhar. São momentos em que andar sem destino se apresenta como única opção.

Homens desprezados atravessam oceanos para se afastar da amada, só para descobrir, ao fim de uma vida tentando, que não a conseguiram esquecer. Mas o amor não é o único motivo. Há uma infinidade de situações que exigem lentas transformações da alma, e a gente não sabe sempre o que fazer durante a espera.

Reparem nos olhos opacos de Alícia, que fuma sentada nos degraus da escada, sozinha em frente à porta do escritório onde trabalha. Reparem em Xavier, que percorre lentamente as ruas da cidade, chega até o cais e senta num dos bancos, com o olhar perdido entre o velame. Ou em Manuel, que todos os dias, em qualquer parque, em qualquer café, lê (um acúmulo de palavras sobre a inadequação das palavras). Não estão sonhando. Não pensam. Têm coisas importantes a resolver.

A vida de quem espera é uma vida em suspenso, uma vida cujos eventos cotidianos são percebidos como um longo entreato; uma série interminável de encontros e desencontros não vividos. É a vida de quem espera o retorno do amado à beira do mar. Mas o amor não é o único motivo. Há coisas que se perdem, sem as quais não é possível viver. Coisas que se perdem mas podem ser recuperadas. Perdas que não aniquilam a esperança, que obrigam a lutar quando já não restam forças.

Desde que cheguei, fui duas vezes ver os pinguins do zoo do Central Park. Que prazer enorme, ficar só olhando. O maior e mais gordo parece uma estátua de pinguim, imóvel sobre uma rocha, sozinho, alheio a tudo. Outros se projetam fora d'água, em pulinhos totalmente verticais – mecânicos, dir-se-ia. Muitos nadam, disparados, lançados como setas, deixando atrás de si longos rastros de bolhas. Ouço os comentários das crianças. “Esse não vai sobreviver.” Um homem joga sardinhas do alto de um céu pintado. “Deixa que roubem o peixe dele.” Gosto de passar o tempo aqui, na escuridão. Sento-me, levanto, ajoelho-me no feltro preto que cobre chão e paredes, o nariz colado no vidro que isola este espaço quente. Vejo os ventres finos e roliços das aves, que embaixo d'água parecem não ter plumagem.

Outros dias, a consciência de ter de escrever é maior. Então, nem ler o jornal eu faço tranquilo. Após o café, com um gesto de desgosto, atiro-o na primeira lixeira que encontro, às vezes do lado da banca onde o comprei. Como se sua leitura fosse um verdadeiro empecilho. Depois de tantos anos em que só tive paz de manhã, tomando o café e lendo o jornal.

Mas por enquanto espero. Evito as ruas e avenidas por onde andei em 2000. Sempre ao norte de Union Square, caminho sem rumo, depressa por causa do vento e o frio, ouvindo o náilon do casaco estalar, como se revestido por uma película de neve. Quando não aguento mais, sentindo pontadas na testa e nas mãos, enfio-me em qualquer lugar: uma loja de departamentos, o vestíbulo de um prédio de escritórios, a entrada de um museu. A Biblioteca Pública serve bem a esse propósito. Na sala de leitura, abro minha pasta, pego o livro e a revista que, junto com um caderno, levo sempre comigo e, sem vontade de ler ou escrever, observo os estudantes, as pessoas que enchem o salão, as altas prateleiras, o teto esculpido em madeira. Perto da biblioteca, na loja de uma rede de fast food, tomo uma sopa quente, servida em copo de papel.

Reparo em certos prédios como se fosse a primeira vez. Respirando através do cachecol, recuo até obter uma visão total. Olho as vitrines das lojas do térreo; deslizo o olhar pelos andares homogêneos da parte central; subo e me detenho em andares de perímetro menor, mais adornados, com elegantes frisos e vãos de janelas; até chegar aos últimos, com suas gárgulas e seus pináculos, que, entrefechando os olhos, enxergo

recortados no céu. Fantasio sobre a identidade dos moradores dessas torres medievais. Imagino carpetes velhos e gastos, assoalhos rangendo, corredores sombrios conectando elevadores antigos e novos.

Nessa postura, não reconheço o jovem com um objetivo específico para estar aqui. Reconheço a atitude que, outros dias, tem me levado ao Museu do Brooklyn, deixado-me encantado diante das máscaras africanas e dos totens do alto saguão – seccionados longitudinalmente, remontados e segurados com cercos de metal; ou, no Museu de Arte Folclórica, diante das superfícies lisas, vermelhas, das saias das meninas pintadas por um artista amador. Um estar sem estar. Porém, um estar sem estar prazeroso, bem diferente do outro. Como se meus sentidos entrassem em contato com os objetos, sem mais mediação. Terá meu pensamento – imagino, sorrindo – se espantado com meu grande ressentimento e ido além, retrocedido demais?

Na mala trouxe livros e pilhas de papéis; fotografias, impressões de e-mails; cadernetas, cartas, uma caixinha que nem sei o que contém, que em Barcelona não abri. Arrumei os livros na estante baixa em frente ao sofá, junto à TV; o resto ficou tudo em cima da mesa, no lado da sala destinado à cozinha. Talvez nada disso venha a ser de utilidade. Algumas dessas coisas poderiam inclusive me atrapalhar. Mas é pouca a confiança na recordação dos fatos ou na generosidade da mente para me conceder pensamentos, e o material guardado de nove anos atrás, junto à possibilidade de rever certos lugares, parecem-me bastante preciosos, algo a que não posso renunciar.

No verão de 2000, não pisei neste bairro, nem em qualquer outro ponto do Brooklyn: minha vida transcorreu entre os limites marcados pelas ruas 14 e 4, a Terceira avenida e University Place. Agora moro em Bedford-Stuyvesant, num trecho da rua Bedford onde só há uma loja de conveniência, uma barbearia e um lúgubre take-away chinês. A três quarteirões de distância do apartamento está o metrô, e às vezes vejo, caminhando à minha frente, de salto alto apesar da neve, minha vizinha, a única que até hoje conheci. É psicóloga. De manhã trabalha num consultório em Manhattan e à tarde recebe pacientes em casa. Foi ela quem se apresentou. Eu ia

carregado de sacolas. Antes de conseguir abrir a porta, a ouvi descer pela escada e se deter no patamar. Seu nome é Anne, ou Ana (primeiro disse Ana, logo se corrigiu). Quis saber quem eu era, o que eu fazia. Escrevo, eu disse. Ela perguntou sobre o quê. Hesitei. Sobre uma múmia peruana, ocorreu-me dizer. Pelo seu olhar risonho, entendi que não acreditou. Deu-me tchauzinho com a mão e, terminando de amarrar o cinto de um casacão rosa, sumiu escada abaixo. Descendo, ainda disse: “Você não parece escritor!”.

Incrédula. E esta capa de livro na porta do banheiro, colada debaixo do mapa do metrô? O que pensaria se entrasse e a visse? Para disfarçar meu desencanto, eu brincaria: 30 mil cópias vendidas; *to great critical acclaim*. Porém, é só uma capa, sem sequer nome de autor. A imagem de um vulcão em sombra, ao cair do dia, com letras brancas sobreimpresas num céu cor azul anil: *Under the Peruvian Snow*. De todas as lembranças do curso de edição, só essa não esteve engavetada por anos. Não é uma capa especialmente bonita, mas tem um significado especial: é a prova de um pequeno e improvável sucesso – e de um trabalho que eu não fiz em solidão. Esqueci o nome e o rosto da garota que a desenhou. No grupo, era ela quem sabia usar o Quark, e ofereceu-se gentilmente para desenhá-las todas. (Lembro de tentar expressar a mais sincera gratidão ao recebê-la de suas mãos, num canto perdido do subsolo labiríntico da maior biblioteca do campus.) Anne observaria a capa, inclinando a cabeça para o lado, brincando de ajeitar o cabelo, leria o título e talvez diria: Então você não deveria estar em Lima? Eu não saberia responder.

Demorei duas semanas para reunir a coragem e ir a Union Square. Andei pela calçada sul da rua 14, passei, sem parar, pela residência universitária, de cuja larga e longa marquise vi que tinham retirado os painéis de metacrilato, deixando só a estrutura (embaixo dessa marquise, ao abrigo da chuva, não fumei e conversei brevemente com alguém, alguma vez?), e atravessei até a praça.

O gramado central está seco, queimado pela neve e o sol, e os galhos nus das árvores, como cabelos encrespados, deixam à mostra os prédios baixos, não escondem a cidade. Sinais de proibição, relativos a cachorros, comida e esportes, com a praça

vazia e em silêncio, parecem uma triste brincadeira. As folhas foram varridas, e as que restam formam círculos perfeitos aos pés dos troncos, anéis marrons. Não sinto nada. Agora que estou inteiramente aqui, não sinto nada. Que absurdo, querer rever a praça daquele verão.

Daqui liguei alguma vez para o meu pai, sentado de pernas cruzadas, deixando o corpo cair até quase tocar com a testa na grama. Sem nada ver ou ouvir. Como se os estudantes formando rodas, os velhos apertados uns aos outros nos bancos, os mendigos e os bêbados com bancos só para si, sem ninguém que os dividisse com eles, a música e a mistura de gritos e murmúrios, estivessem, viessem de um lugar distante. As lembranças podem ser tão mais completas do que os próprios fatos vividos! Era esse o meu medo destes dias? A inutilidade pressentida de querer voltar aqui? Meu pai tentava me resgatar. À menor chance, pedia-me que lhe contasse sobre o curso, sobre os colegas; e, sendo as minhas respostas vagas, interessava-se pelo que havia à minha volta. Com curiosidade sincera, mas ciente, também, que era disso que eu precisava. Dizia-me que ouvia música de violões. Como é a praça?, perguntava. O que você está fazendo para se divertir? Impelia-me a fazer um esforço (meu pai: aplicando, sem sabê-lo, uma técnica de distração). Sem sucesso, porque tudo o que eu queria era ajuda para resolver a pergunta que, havia mais de um ano, não me deixava em paz.

A pergunta adquiria diferentes matizes. O que eu disse? O que eu quis dizer? O que eu sentia quando o disse? Resolvê-la era indispensável para me ver livre dela e começar a viver em Nova York. Mas era uma pergunta que eu não podia responder. Tinha a experiência acumulada de centenas de perguntas mais simples e ridículas. Para mim, nem sequer dois mais dois tinham sido quatro. Houve um tempo em que, para contar, comecei a reparar em qualquer coisa, em quatro pedras, por exemplo, em quatro lápis, quatro árvores na rua. Só então “quatro” tinha algum significado. Ou agarrava os dedos. Com vinte e tantos anos, voltei a contar com os dedos. (Ocasionalmente, a realidade relativizava meu transtorno. Em casa de Lídia, certa tarde de início de verão, tomando café sob os pinheiros do quintal, vários amigos se puseram a contar com os dedos os dias que faltavam para irmos de férias. Para eles bastava, porém, fazê-lo uma vez.) Eu havia magoado muito Lídia e precisava averiguar se o tinha feito *sabendo-o*. Qualquer amante escrupuloso poderia se fazer tal

pergunta, cansei-me de dizer a J.-P.: as perguntas são, agora, de uma outra categoria, seu objeto é exclusivamente Lídia, a pessoa a quem mais amo no mundo.

J.-P. não possuía a beleza nem a juventude de minha vizinha Anne (que, nesses tempos, nem devia ser formada). Tinha olhos e nariz de coelho, a boca pequena e fina, com vincos no buço, os dentes e as unhas amarelados de tanto fumar. Comecei a visitá-la em janeiro de 97, um ano depois da aparição da doença, quando o medo do que me estava acontecendo pesou mais do que a vergonha de procurar essa ajuda. E a primeira coisa que fiz foi lhe pedir medicação.

Sei, por um de meus cadernos, que foi após a leitura de um livro de Erich Fromm que tomei a decisão. Para Fromm, neurose era expressão de um conflito moral, e eu não tive dificuldade em associar o que andava fazendo ao que ele chamava de “ética autoritária” – e opunha a “ética humanista”, a desejável. O temor da desaprovação e a necessidade da aprovação pelos outros eram em mim os motivos mais poderosos do juízo ético. Havia me tornado autoritaríssimo, criticíssimo, duríssimo comigo mesmo, e esses e os outros sintomas levaram-me a pensar que tinha uma neurose obsessiva. Soube que o caráter neurótico chegou a ser o foco da teoria e terapêutica psicanalíticas, e a doutora J.-P. se definia como psicóloga e psiquiatra “freudiana eclética”. O termo neurótico obsessivo, porém, nunca saiu de seus lábios (o DSM IV, manual diagnóstico norte-americano, teria me encaixado no grupo dos indivíduos com TOC, tivesse eu um, dois, três ou todos os sintomas descritos, sem considerar qualquer particularidade de caráter), e acredito que o fato de a doutora não batizar ou categorizar minha doença foi uma escolha feliz.

J.-P. era daquelas que ficam caladas. Nesses momentos, eu ficava calado também. Quando o silêncio se prolongava, se tornando desagradável, ela afastava a vista o instante preciso para acender um cigarro preto, reerguia a cabeça e dava a primeira tragada com seus olhinhos inquisidores e meio risonhos cravados em mim, levantando o queixo como a me perguntar: quê? Então eu me recostava no sofá, apoiava uma perna sobre a outra, jogava a cabeça para trás e via, por entre as lâminas da persiana, de cabeça para baixo, roupas estendidas em varais, toldos de sacadas

encardidos, o pátio interior de um quarteirão do Eixample barcelonês. Ou fingia pôr minha atenção no único enfeite nas paredes da sala, a reprodução de um desenho à lápis de Picasso. Minha memória faz troça de mim, lembro de um minotauro de imenso falo deflorando uma ninfa, e isso é descabido. Não: era um rosto de mulher, feito de um traço só. Esboço, talvez, da *Mulher de cabelo amarelo* do Museu Guggenheim, com suas curvas ondulantes – impossíveis, de tão singelas –, e suas cores cálidas e infantis.

Os silêncios me exasperavam, sobretudo quando eram aproveitados pela doutora para me perguntar sobre a infância. Se tive uma infância feliz. Se brigava com meus irmãos. Se tive amigos na escola. O que tinha a ver minha infância com o fato de eu estar abalado por não ter convidado *expressamente* um colega a ir ao teatro (ter dito, só: venha conosco, se estiver a fim), ou por ter dado tchau, mas *não no tom apropriado*, à mãe de uma amiga? O que tinha a ver minha infância com o fato de algum interruptor no cérebro ter sido desligado, ou ligado, de um dia para o outro, um ano atrás?

“Você faz passar tudo pelo crivo”, dizia-me J.-P., quando se referia à natureza do transtorno: “E é um crivo indiscriminado”. A maioria das vezes, no entanto, a obsessão pelo que eu tinha dito ou feito, a tal ou qual pessoa, nas horas ou os dias precedentes, a urgência de ter de saber se eu tinha dito ou feito *bem*, não lhe deixavam outra opção senão entrar no meu jogo. Então a conversa girava sobre a pergunta concreta, e a exposição do que estava me atormentando, sua visão sob uma nova luz, ajudava-me a perceber como aquilo era absurdo; desfazia, com sorte, o motivo da obsessão. Era um dar-me conta instantâneo, uma realização imediata, um céu a se abrir.

Chegado o final da sessão, J.-P. batia a mão na coxa e dizia, com pesar ensaiado: “Temos que ir”. Era só eu que ia. Se não tinha me desvencilhado totalmente da pergunta, saía mal dissimulando o descontentamento. Caso contrário, ia embora aliviado, a mente livre, muitíssimo grato à doutora, pulando os degraus de dois em dois. (Costumava subir pelo elevador, ansioso por chegar ao consultório da doutora, olhando, de um em um, os números se acenderem até o sétimo andar, e descer

satisfeito pela escada, prolongando o momento, desejando chegar em casa para sentar à mesa e jantar, sorridente e falante, com meus pais e irmãos.)

Mas era sempre só um alívio. O caminho mais direto para casa passava por uma rua mal iluminada, de calçada estreita, apenas com transeuntes e quase sem lojas, só um muro comprido, uma garagem, um posto de lavagem de carros e vários night clubs. Era habitualmente em algum ponto dessa rua que uma nova pergunta começava a se insinuar, sem que eu tivesse recursos para impedi-lo. A pergunta derivava, em ocasiões, do que eu acabara de resolver com J.-P., como se a doença também tivesse a capacidade de apresentá-la sob várias óticas. Outras vezes era uma pergunta anterior, cuja resposta eu já tinha esquecido, o motivo de sua eliminação (em seu momento, diáfano) tendo perdido o seu contorno e valor.

A descoberta, na vizinhança, numa esquina deste bairro semi-deserto e de *brownstones* depauperados (alguns possivelmente abandonados, a julgar pelo limo nos tijolos e pelas portas e janelas trancafiadas), de um impensável café, tem levantado meu ânimo e reduzido a frequência de meus deslocamentos a Manhattan. Este é o único lugar (com a exceção da barbearia, que, de fora, parece um centro multi-uso para homens em idade de se aposentar) onde encontrei mais de cinco ou seis pessoas compartilhando um mesmo espaço. À esquerda da porta de entrada, um sofá e duas poltronas recriam uma pequena sala de estar. Numa dessas poltronas, de manhã, leio o jornal, com maior ou menor abandono segundo minha leve ou pesada consciência, que depende de ter escrito ou não. À direita, no lado que forma a esquina, igualmente envidraçado e com luz durante o dia, há um aparador com dúzias de revistas e jornais locais e outras duas poltronas, às vezes ocupadas por duplas que marcam reuniões de trabalho. Duas grandes mesas de madeira, antigas, com seus respectivos bancos, encostam por um extremo à parede, adornada com arabescos que parecem de folhas de ouro. Xícaras de papel pintadas por crianças, penduradas no teto por fios de lã, giram em cima delas. E no balcão estão à mostra, em bandejas de pé, bolos e *cup cakes* caseiros – deliciosos.

No corredor que leva ao banheiro há uma mesa menor, com um banco de concreto revestido de almofadas e encostos com motivos indianos. É neste cantinho, separado do acesso ao banheiro por uma prateleira repleta de livros e jogos de mesa, que eu escrevo, à luz de um abajur. Ou poderia escrever. Porque não consigo pensar: só consigo esperar meus pensamentos virem. Então, eu me distraio. Repasso o contorno de uma ou outra palavra (o nome do café, o título da música que toca no som), dando-lhe volume e perspectiva. Contemplo as xícaras suspensas no ar. Reparo nos fregueses: jovens que, havendo empilhado nos bancos seus casacos, gorros, luvas, cachecóis, digitam ou leem em seus MacBooks, todos iguais. Estão tão concentrados, e sentam tão perto uns dos outros, que poderiam confundir-se de xícara de café, pegar a torrada da pessoa ao lado, pois nem quando dão uma mordida desviam a atenção do computador. Quem já está sentado dedica um aceno cordial a quem chega e senta, e outro quando os olhares se encontram por acaso, mas ninguém estabelece uma conversação com ninguém. São todos educados e discretos, trabalham em silêncio e sem interrupção. Gostaria de saber quem são, quais são seus trabalhos. Alguns têm idade para ter sido meus colegas no curso de edição – poderiam estar lendo um original. Quando levava a família inteira ao restaurante (ir a restaurantes fazia parte de seu trabalho), meu pai costumava brincar de adivinhar, pela linguagem corporal, o passado recente ou o futuro dos casais, e gabava-se de não se enganar (quem iria comprovar?). Agora posso dar-me ao luxo de imitá-lo, livre como estou da antiga limitação: as pessoas não são mais sombras. Mas os jovens não falam, estão isolados. A dona do café, entretanto, no início lacônica, sorri para mim, e o garçom e a garçonete me reconhecem. Não se vestem como garçons: suas roupas são iguais às dos fregueses, folgadas, surradas; compradas, provavelmente, em algum brechó do bairro de Williamsburg.

Minha irmã tentou me ajudar a abandonar a pergunta mais persistente, a mesma que levei comigo a Nova York em 2000. Disse-me que construía minhas perguntas sobre certezas. Disse que a noite em que, em Menorca, entrei no quarto de Lídia, o fiz por motivos que eu conhecia. Fossem quais fossem os motivos, não podia ter dúvidas a respeito. Disse que, depois, com efeito, podia ter me perguntado qualquer coisa: se o que fiz foi correto ou incorreto, se tinha desculpa ou não, se agi

de maneira egoísta ou como teria feito outra pessoa em meu lugar. Mas que aquilo que realmente eu fiz, aquilo que aconteceu, eu não podia não saber. Essa tarde fui tranquilo à academia. À noite jantei com amigos sem nenhuma pergunta a me incomodar, conversando com eles. Esperando, simplesmente, a lembrança, que viria quando viesse; aquele relâmpago de lucidez que me faria chorar pelos meses perdidos.

Mas antes da revelação reaparecia, sempre, a pergunta. E eu cedia, formulava-a uma, cinco, vinte vezes. Até que Lídia já não era a minha amiga, até que já não era uma garota, nem sequer um nome: só cinco letras levadas a força à minha mente, junto com as letras de outras palavras carentes também de sentido, zunindo dentro de mim.

Minha irmã tinha razão, eu não podia falar em dúvidas: não as tinha. Não podia duvidar do resultado de somar dois e dois; não podia duvidar de ter comido um croissant de manhã. Também não podia duvidar de que amava Lídia. Nesse caso, teria perdido o contato com a realidade. Mas podia perguntar-me. Qualquer um pode perguntar-se qualquer coisa, essa é uma das vias que conduzem à loucura.

Foi bom ter ido ao café todos os dias. Escrevi alguns parágrafos. Até sexta-feira, quando, por causa de uma tempestade de neve, metade da cidade parou. O tempo continua muito frio – *frigid*, é a palavra que eles usam. É o inverno mais frio dos últimos anos. Anúncios no metrô pedem às pessoas que, se possível, permaneçam em suas casas. Nas margens do rio Hudson, formaram-se placas de gelo em forma de vitórias-régias, que balançam pela força da água, visível nas finíssimas fendas. Estes dias, a margem do rio oferece uma imagem surreal: a de um Airbus amarrado por cabos de aço a um dos cais, com a cabine e uma asa emergindo das águas e o corpo e a cauda submersos. É o avião que pousou no meio do rio e não afundou, ficou flutuando como um ganso, na tarde de minha chegada, simultaneamente ao pouso de meu avião no JFK.

Na sexta-feira da tempestade o café encheu, só ficou tranquilo depois do almoço. Nessa hora, apareceu Anne. Foi um impulso: acenei; e, por ter acenado, senti que devia convidá-la a sentar (funciono assim). Antes de ela tirar o casaco e deixá-lo dobrado no banco, já estava arrependido. Anne é linda, de olhos grandes verde-escuros, cabelo loiro. Enquanto tirava as luvas e o gorro de lã, para mim só existiram seus cabelos, amarrotados na cabeça, caindo em desordem ao longo do pescoço, encaracolados no suéter azul. Fui pego pelo seu olhar travesso e o mesmo sorriso do primeiro encontro e de imediato me encolhi, temendo o que ela ia fazer, para o que eu não estava preparado.

Em vão lhe perguntei se ela havia chegado ao consultório. O trem nem chegou à estação, fui obrigada a dar meia volta, ela disse. E apontando para meu caderno, que não tive tempo de esconder, perguntou:

–Esse é o livro?

Tinha um segundo para escolher. Ou estava escrevendo sobre um neurótico obsessivo, o que me deixava numa posição delicada, ou estava escrevendo sobre múmias, o que podia causar estupor. Ela fez a escolha por mim:

–Era sobre o que, do Peru?

–Uma múmia. Você entendeu bem. – Senti-me ridículo por dizer que esse era o assunto, e ao mesmo tempo, tal qual um escritor, ofendido por seu esquecimento, ainda que fosse fingido, uma forma de provocação. Ridiculamente ofendido.

Ela percebeu e recuou. Ao fazer a pergunta, contudo, não sorriu. Se alguma coisa, mostrou interesse, sincero ou não. Mudei o tom:

–Sobre uma múmia de mais de quinhentos anos, encontrada num vulcão dos Andes.

Tentei lembrar rápido do velho artigo de jornal:

–Os incas sacrificavam pessoas aos deuses, e ela foi uma das jovens eleitas. A encontrou americano, de Illinois, se eu lembro bem. Quando o gelo fundiu pela erupção de um vulcão vizinho.

–Então é verdade – disse Anne.

–O quê?

–Que há uma múmia. – Sorriu de novo: – Que você está escrevendo sobre ela.

–Sim. Há uma múmia. Numa urna de cristal, a não sei quantos graus abaixo de zero. Em Arequipa. Você esteve no Peru?

–Não. Perto. Fiz uma viagem depois de formada. Estive no Brasil, Argentina, Chile.

–Onde você se formou? – eu disse, sem desistir de desviar a conversaço.

–Aqui em Nova York – ela disse. – O que tem essa múmia? Qual é a história?

–Nada. Ela é linda, se dá para acreditar. Os incas sacrificavam as jovens mais bonitas. E está incrivelmente bem preservada. Com os cabelos, a pele, os olhos, as roupas, tudo.

O garçom trouxe à mesa uma omelete recheada de verduras. Anne temperou meticulosamente a salada. Quando terminou, espetou uma azeitona, e olhando de novo para mim, insistiu: queria saber da história.

–Esses são fatos que estão nos jornais – eu disse. – A história veio depois. Alguém gostou do relato que o explorador, ou antropólogo, esqueci o nome, escreveu sobre a expedição, e idealizou tudo o que leu sobre Juanita.

–A múmia.

–É. Conseguiu enxergar nas descrições uma mulher que não existia. Vai saber. Que existiu, só que quinhentos anos antes. Pode-se dizer que se apaixonou. Ou endoideceu, segundo a opinião mais sensata. – Adicionei: – E a minha.

Anne pousou o garfo no prato. Continuei:

–Desde esse momento, o homem só quis saber de Juanita. Uma história de amor impossível, maluca...

Anne, séria, por alguns minutos somente comeu, cabisbaixa. Eu, meio coibido, não soube o que mais dizer. Minha vizinha era realmente bela. Contra o desejo de observar seu rosto, virei-me repetidas vezes para os jovens nas outras mesas e a dona atrás do balcão, que lavava louça. Bela não como a jovem do patamar da escada, confiante, extrovertida, mas de uma beleza silenciosa, como devia sê-lo no consultório quando enfrentada com algum problema real. Com pequenas rugas entre as sobrancelhas e abaixo das pálpebras.

Queria lhe perguntar se também ouvia a música, de ritmo e melodia tão pouco familiares para mim, que, à noite, quando cansado de não ter escrito me deitava no colchão, incomodava-me e me impedia de ler. Havia auscultado as paredes e o chão e concluído que vinha do andar de cima. Mas achei que não era apropriado, e nesse

momento não me importava tanto. Sem ter terminado a omelete, Anne fez menção de se levantar. Tinha um paciente aguardando, disse. De pé, pondo as luvas, pediu, antes de ir:

–Escreva essa história. Gostaria de ler.

Comi o que restou de sua omelete com outro café. Se eu duvidava de ter a capacidade, a força ou a vontade necessárias para escrever minha própria história, não ia escrever a de um homem apaixonado por uma múmia, num país que eu mal conhecia, para lhe satisfazer.

Alguém escreveu que nunca deveríamos sequer tentar voltar aos lugares onde fomos felizes. Mas quando fui para Nova York já não acreditava no que lia nos livros. Sempre fui de tudo ou nada, e entre 98, quando me formei na universidade, e 2000, quando fugi, deixei absolutamente de ler. Não só isso. De frequentar a biblioteca da faculdade, onde um mês antes das provas começava a estudar, lendo, um dia atrás do outro, até as 12 h da noite, obras literárias, filosóficas ou históricas dos mais diversos autores, passei a trabalhar num quatinho de dois por três metros num contêiner de obra ao lado de uma escavação. O que viria a ser o maior centro comercial de Barcelona era então um buraco monstruoso, de forma triangular, 18 metros de profundidade e quase 40 mil m²; à beira do mar, com dezenas de muros de contenção, uma multidão de operários, caminhões, misturadores de cimento subindo e descendo por rampas de terra, todo tipo de outras máquinas cujos nomes eu tive de aprender.

Meu trabalho era o de tradutor e intérprete, mas logo fui dispensado da segunda função, da qual passou a ocupar-se exclusivamente minha colega. Eu já estava doente, e toda a minha capacidade de concentração teria sido pouca para entender e traduzir o que diziam uns aos outros nas reuniões norte-americanas e espanhóis. Minha colega e eu ficávamos a maior parte do tempo na cabine, e o fato de as cartas e documentos a serem traduzidos chegarem de maneira intermitente dava-me a oportunidade de fazer o que eu mais gostava: descer à obra. Pegava emprestados um par de botas e um capacete protetor e saía acompanhado por algum dos engenheiros estagiários – que, mais do que os chefes, que ficavam nos contêiners metálicos com

seus planos e seu ar condicionado, estavam encarregados de passar as ordens aos grupos de operários e controlar que tudo corresse bem. Gostava de andar pelas rampas, pisar no barro do fundo da escavação, passear entre os pilares metálicos e os de concreto armado, ver como o concreto era vertido para formar as lajes. Admirava o reflexo das nuvens nas superfícies líquidas, banhadas para a cura do concreto. Perdia-me nos bosques de barras de aço que sustentavam as lajes já secas. Depois de anos de estudo, sentia satisfação e alívio – e um certo orgulho – por estar, de algum modo, participando na construção de algo material.

Não procure em fúteis brigas de infância entre irmãos, poderia ter dito à doutora J.-P., nem em inexistentes conflitos familiares. Procure, melhor, no modo em que aos poucos fui aprendendo a pensar. Procure nos livros que eu li na faculdade, com suas conceitualizações, sistematizações. Guerras, reinados, movimentos artísticos, crises económicas e sistemas políticos, até poetas: tudo ordenado e completo; tudo *dizível*. Ah, as chamadas ciências humanas! (Sigam chamando a economia de ciência, agora, com a crise que afeta o mundo inteiro e que ninguém soube prever; digam isso aos nova-iorquinos que nunca imaginaram que iriam comer sopa na igreja de Chelsea.) Quão ingênuo eu fui, quão estúpido ter buscado auxílio em Montaigne (“Querer, desde agora, isto e aquilo, mas sem desposar-se com qualquer coisa que não seja nós mesmos. Ou seja, que o demais esteja em nós, mas não tão unido e colado que não possa desprender-se sem nos arrancar a pele e algum pedaço de nós”); ter lido sobre o amor e sobre a amizade depois das turbulências do namoro com Taís. Se Taís foi o fator que precipitou a doença, a predisposição só pôde vir dessas leituras. Que outra coisa poderia explicar que minha compreensão de Taís fosse tão distorcida, minha análise do fracasso do relacionamento tão errada, tão seca e tão racional? Aqueles livros podem, e a maneira como os li: anotando, resumindo, esquematizando; reduzindo esquemas até que coubessem em post-its.

Sento à mesa da cozinha e abro os cadernos que trouxe comigo, os mesmos que um dia entreguei ao meu pai para que os guardasse fora do meu alcance.

Embrulhou-os em papel de jornal e os deixou ao fundo de uma gaveta. Para evitar voltar a examiná-los à procura de respostas, esse dia também apaguei a maioria de meus e-mails. É ridículo como o neurótico busca afastar de si a tentação; e ao mesmo tempo é heroico. Uma pessoa sã não pode imaginar o esforço que para ele supõe, por exemplo, não comprovar pela segunda vez se apagou o fogão. Ele fica de pé, ensimesmado, pensando que não deve fazê-lo – porque, no fundo de si, *sabe* que não deve fazê-lo –, mas logo, irremediavelmente, volta sobre seus passos e o apaga de novo. O acende e o apaga de novo. Algo o impulsiona, uma força à qual não pode resistir e que não é mais do que uma dúvida fabricada. O acende e o apaga. O acende e o apaga. Tantas vezes quanto precisar.

Numerei os cadernos por ordem cronológica, do primeiro ao quarto. Falta o quinto, o caderno de Nova York, que uma tarde em que não aguentei mais joguei pelo cano de lixo do terceiro andar da residência estudantil. E do primeiro arranquei, não sei quando, as páginas que tratavam do fim do relacionamento com Taís. Essa semana faltei muito às aulas, fiquei trancado em casa, lendo e pensando. Cumprindo, inconscientemente, uma espécie de penitência; examinando, com consciência e rigor desmedidos, o que acabava de acontecer.

Taís foi a garota que, indiretamente, por ser uma pessoa boa e generosa, deixou ao descoberto meu egoísmo. O que hoje posso escrever sobre ela sem mentir é muito pouco: *Ela era boa*. A melhor e mais triste pessoa que jamais conheci. (“A bondade personificada”, lembro que diria a J.-P., que sorria, sem dizer nada.) No fim de uma aula, ouvi uma voz doce e infantil e estaquei. Sentada no tampo de uma mesa, uma garota falava sobre um romance com encantadora exaltação. Como o simples fato de eu parar, de unir-me ao grupo, pôde mudar tanto a minha vida! Porque só alguém como ela poderia ter me causado tamanho choque moral.

Apaixonei-me por seus olhos, grandes e castanhos, redondos como o rosto e de um cândido entusiasmo. Tudo o que eu sentia vinha deles. Se ela lembrava-se do avô, de quando ele a buscava na saída da escolinha e a levava a passear no Park Güell, ou das manhãs de domingo, quando assistia com o pai às peças de teatro infantil da

Fundação Miró (e assim voava muito longe, esquecendo que, no dia seguinte, deveria voltar à escola), era em seus olhos que eu via a cena. Por isso eu gostava tanto de ouvi-la falar: porque se transportava. No bairro de La Salut, desconhecido para mim, onde Taís morava, o passado para ela devia ter sido mais feliz, por isso a alegria vinha de tão fundo. Como os de uma criança, seus olhos se acendiam com fascínio em resposta aos menores estímulos, como o produzido pelo aroma de uma xícara de chá, ou pela visão de um entardecer especialmente luminoso, ou pela descoberta de um novo espetáculo de dança em cartaz (e ela se dava conta, era engraçado vê-la ruborizar, refrear-se, como se existisse razão para isso, como se fosse excessivo se maravilhar com tão pouco), e logo, de repente e com igual facilidade, umedeciam-se, tomados de uma onda de tristeza. Nos tempos da escola, ela me contou, quase não falava com ninguém, como se fosse muda; no secundário, ficava por semanas inteiras em casa, fechada no quarto, onde lia sem parar.

Andávamos pelas ruas de paralelepípedos, as ladeiras empinadas de La Salut, de casas baixas e caiadas, reluzentes sob o sol. Taís me assinalava lugares que conhecia bem, casas de familiares ou amigos, vivos ou mortos. Mostrava-me o bar onde o avô, de quem sentia tanta saudade, passava as tardes jogando dominó. Quando ela, criança, chegava, não havia dominó que valesse: ele se desculpava, levantava-se da mesa, e, rejuvenescido, saía a passear de mãos dadas com a neta, deixando os colegas de partida ciumentos. (Se algum deles ousasse imitá-lo, a dona do bar retrucaria: “Trabalhar no quê, se você aqui ganha mais?”.) Perdíamos-nos pelas trilhas e recantos do Park Güell – seu parque –, com a cidade aos nossos pés e o mar lá longe, que, visto da praça, parecia subir vertical até o céu.

Pensar que esses momentos não fazem parte da história. Se houvesse sido isso, só, quem sabe já teria escrito sobre a paixão daquele homem por Juanita. (Mas, Anne, o que você acha estranho? Qual é a diferença, ao fim e ao cabo? Ignoro se é solteira, se é ou foi casada, se tem amantes. Mas seja quem for que dorme ao seu lado, a quem você toca, com quem você fala, a quem você ama, na visão que você tem ele não é mais real do que uma múmia. Ah, se não fosse porque é passageira! A paixão amorosa, *l'amour fou*, encheria o seu e todos os consultórios do mundo.) Houve mais, e o que houve estava em minha cabeça e nas páginas do caderno que arranquei. Nelas, para eximir-me de culpa, com o dano já causado, analisei o namoro com Taís

agoniado e como eu sabia fazer. A exemplo dos grandes filósofos, ergui um edifício absurdo, porém sólido e cheio de significado. Sintetizei sentimentos, dissequei estados de ânimo, encontrei causas e efeitos, dei dimensão de categoria aos traços de caráter de Taís, *reduzi-a*. Até achar, no fim, verdades incontestáveis, que tracei com uma régua.

Nunca pensei tanto como durante esses meses (quando ainda era capaz de pensar, ou pensar era o que achava que eu fazia). Taís-boia e Taís-triste: uma era o avesso da outra. Triste *porque* não se importava com seu próprio bem. Taís-inocente e Taís-desvalida, resignada (alguém lhe disse que nunca seria feliz). Gênio de sensibilidade. Entregue aos outros, a quem nunca deixou de cuidar: Taís-sacrificada. Contenta ao meu lado, mas incapaz de, sozinha, manter-se em pé (porque o seu contentamento não dependia dela). Amante das velhas tradições do bairro e dos romances da Barcelona de pós-guerra (menina de um tempo que não era o atual).

Na pracinha da estação de metrô de Vallcarca, abraçava-me, apertava-me com força, aferrava-se a mim. Eu, encostado na balaustrada, o rosto colado ao dela, sentia-a, mas não a via; impotente e medroso, olhava para as copas das árvores em cima de nós e afundava. Ela, olhando para o lado oposto, a ponte lá embaixo ou o céu, afundava comigo, compenetrada. (A mesma garota a quem, em outros momentos, bastava um sorriso para me desarmar.) Você é bom, ela dizia; ao que eu respondia, citando Pascual Duarte: *Yo, señor, no soy malo*, que não é a mesma coisa.

Sinto vergonha de contar o que eu vi nela. Nem sei até que ponto eu não a inventei. E se passou tanto tempo, e essas conclusões arruinaram tanto tudo, que é improvável que um dia volte uma recordação fiel. O mais valioso que tenho são três fotografias, que guardei num envelope fechado. Taís com oito anos, na escola, de camisa pólo branca, abraçada com sua melhor amiga, as mãos uma no ombro da outra, ambas sorrindo, ela com um espaço entre os dentes da frente, o cabelo pretíssimo e copioso, em forma de capacete. Taís com catorze anos, em casa, de bailarina, com uma meia-calça bege e um vestido preto de alcinhas, os pés juntos em meia ponta, o braço esquerdo e os dedos estendidos, a acariciar o ar, o direito recolhido, um buquê de flores na mão. Taís me abraçando, vinte anos, sua boca entreaberta, os olhos, os lábios e as maçãs do rosto brilhando; o cabelo à chanel, a

franja desajeitada, suando. Com seu ar de menina, de garota mais nova, e sua camiseta e vestido preto de bolinhas, de garota mais velha; um pinheiro e o mar atrás de nós.

Não preciso do histórico da faculdade para, comparando-os, saber que os resultados dos primeiros anos foram tão bons quanto os dos últimos. Como pôde ter sido assim? Se durante as provas, antes de começar a divagar, por exemplo, sobre questões referidas às atrocidades cometidas pelos espanhóis na conquista de América (lembro-me bem: filosofia política), eu dedicava longos minutos, fingindo olhar pela janela pensativo, a intentar decifrar as implicações de ter dito a um amigo, dias antes, que eu não gostava de cachorros? Se antes de cada aula me trancava em algum dos banheiros da faculdade para resolver a pergunta que estava me incomodando e poder entrar na sala livre da perturbação? Passei incontáveis horas trancado em banheiros: de casa, da faculdade, de restaurantes, de bares. Primeiro vocalizando internamente, depois verbalizando em voz alta, depois escrevendo nas portas ou as paredes com o dedo indicador, como quem escreve no quadro-negro; escrevendo repetidas vezes, pois quando o pensamento não acompanhava a escrita, ou a escrita não acompanhava o pensamento (o “a” não saía bem redondo), devia recomeçar a operação.

Lembro-me de portas azuis, roxas, pretas; de espaços mínimos, a penumbra onde eu ficava de pé. De meu caminhar apressado pelo corredor, até o fundo do restaurante; de subir ou descer escadas, se o banheiro estava num outro andar. Não podia ficar encerrado por mais de dez minutos, uma demora maior iria levantar suspeitas. Com sorte, via a resposta à pergunta. Então, rápido, sem dar tempo a uma outra se formar, voltava à mesa, com alívio, ansioso por participar da conversação. Mas a nova pergunta aparecia, e eu já não estava ali com eles, ficava quieto, fingindo que escutava, embora nada do que os amigos dissessem conseguisse captar minha atenção. Restava-me somente esperar o café, quando, com um cigarro na mão, poderia falar por cinco minutos mais.

Se me importasse com datas, saberia o dia exato em que me aconteceu pela primeira vez. Falta pouco para as férias de Natal, 1995. Sou aluno de segundo ano de Humanidades. No antigo prédio da faculdade, na rua Balmes, quase não resta ninguém. São por volta das 20 h, pois já anoiteceu. Há um mês que não vejo nem falo com Taís.

Estou no meio da escadaria aberta que leva do vestíbulo direto ao segundo andar, em frente ao próprio vestíbulo e à biblioteca, por cujas portas de vidro vão saindo, em longos intervalos, os últimos estudantes. Estou sentado, pensando. A uns dez metros de mim, no corredor que comunica o vestíbulo com a entrada do prédio, meus amigos continuam conversando diante de um dos painéis envidraçados, iluminados por lâmpadas fluorescentes, onde estão penduradas, junto com avisos importantes do decanato, as folhas com as notas trimestrais. Eles virão me procurar, para irmos juntos embora. Eu vou me desculpar, dizer que vou ficar ainda um pouco, buscar na biblioteca alguma coisa.

Há uns minutos estive lá com eles, ao lado do painel que parece um aquário. E perguntei a um amigo – um garoto alto, magro, de óculos – seu resultado numa prova. Ele respondeu e, em seguida, surpreso e divertido, adicionou: “Eu já lhe disse”. Eu balbuciei, procurei de imediato uma maneira de me justificar, de justificar o esquecimento, atrapalhando-me, acredito, na escolha das palavras; e fui invadido por uma sensação de pavor nunca experimentada.

Por isso me retirei e me sentei na escada. Dou voltas ao que ele deve ter pensado (que eu não me importo?). Tento lembrar as palavras de desculpa usadas (o que eu disse, exatamente?), deduzir o efeito que podem ter-lhe causado. Culpo-me pelo esquecimento, pergunto-me o seu porquê (é meu amigo, não deveria ter lembrado?). Meses atrás, antes de conhecer Taís, não teria me formulado tais perguntas, nem me preocupado com tão pequeno deslize. Semanas atrás, teria sabido respondê-las. Agora estou pensando, como nunca pensei. De uma maneira a tal ponto esquisita que em breve vou deixar de chamá-la de pensar.

Taís está comigo, tão presente que a imagino sentada ao meu lado na escada. A comparação é terrível. Ela sabia do que os outros gostavam. Qualquer percalço

alheio a deixava sinceramente preocupada. Ela não teria esquecido algo *tão importante* como a nota de uma amiga numa prova; se ruim, teria ficado triste, se boa, se alegrado tanto ou mais do que a pessoa afetada. Colado no degrau, eu me censuro, me faço perguntas. Não tenho a intenção de me levantar e ir embora, não sem antes ter-lhes achado resposta.

Além da inaudita urgência com que sinto que devo respondê-las, as perguntas adquirem uma forma pouco usual: são parecidas com frases, frases com todas as palavras, como se coisificando. À medida que as repito em minha mente, as palavras se tornam também mais concretas, como se pensadas uma atrás da outra, separadamente. E, nesse processo, perguntas, frases e palavras, depois de pensadas, desfazem-se, esmigalham-se.

Os vidros que separam vestíbulo e biblioteca, e a luz artificial, refletida nas placas azul-claro das paredes, transformam o lugar em algo parecido ao interior de um grande aquário, tal qual o painel extravasado. E eu não estou nele: sinto-me, pela primeira vez, dentro de uma espécie de bolha, atrás de uma espécie de filtro. Há um espaço entre meus pensamentos e o mundo ao meu redor, uma separação entre meus pensamentos e a maneira habitual ou normal de pensar.

Existe consenso entre os psicanalistas: as pessoas relutam em desistir de seus sintomas; superar sua doença representa um risco, pois ela serve como cura de outros conflitos. Numa sessão, muito tempo depois desse primeiro episódio, a doutora J.-P. fez essa consideração: que eu usava a doença com algum fim. Meu transtorno, ela disse, era uma arma que eu usava contra o que eu queria... ou não queria. Tive dificuldade em compreender. De que você tem medo?, ela perguntou. Lembrei dos meses em que namorei Taís, quando sempre tive medo: medo de sua tristeza e melancolia; medo de fazer com que ela afundasse ainda mais. Disse à doutora que não suportei a culpa de tê-la magoado. E que não suportei descobrir, ao lado dela, como eu era egoísta. Repeti que foi então que saí dos trilhos: quando quis deixar de sê-lo, quando quis mudar (ser, paradoxalmente, mais parecido com ela). Mas entender minha doença como *cura*? Como arma para suportar (para não sentir) o peso da culpa

ou do que descobri em mim? Se me infligi tal pena – tal tortura – com esse fim, meu inconsciente não tinha piedade, nem senso de medida algum.

Hoje tudo se conjugou para levantar meu ânimo. Na rua, fui cumprimentado com ênfase por um homem negro, de meia-idade, que passeava com dois cachorros (o bairro não é tão frio e deserto, afinal). Depois de vários dias cinzentos, o sol saiu. Passei meia hora me espreguiçando na cama, embalado pela música que, agora eu sei, vem do andar de cima, que aos sábados e domingos toca também de manhã e que já não me incomoda, ao contrário, começa a me agradar. A garçonete que me serviu a fatia de torta, que escolhi no balcão pelo visual, piscou-me um olho. Bendito sábado! Sei que não por isso, é claro, as frases virão; não por isso vou conseguir escrever. Por que não me dar uma folga, então? Afinal de contas, sábado não é dia de semana. Afinal de contas, meu desejo inconfesso é encontrar Anne – deixar que Anne me encontre. De frente para a rua, recostado numa das poltronas, leio o jornal. No início, com atenção relativa, pois a cada figura que se aproxima pela calçada olho por cima das páginas para ver se é ela; confiante em que, num momento ou outro, será.

No jornal está tudo errado. A crise, quando não tratada diretamente, ecoa nas notícias de todos os cadernos. Na cidade se perdem empregos em ritmo acelerado. Os teatros reduziram o número de apresentações, as pessoas assistem cada vez menos aos eventos esportivos e ao cinema. Os donos de restaurantes se lamentam, têm de reduzir pessoal. Só encham os Starbucks (o Starbucks de Astor Place parece um campo de refugiados) e os cafés da rede de livrarias Barnes & Noble, onde a gente fica por horas sem ter de gastar um centavo. Os mais prejudicados, os trabalhadores imigrantes, estão voltando aos seus países de origem, e os que não o fizeram (entrevistados no jornal) vão esperar um ou dois meses, ver se a situação melhora, e, caso contrário, também vão voltar. Em Miami, famílias inteiras perderam suas casas e se instalaram embaixo de pontes, com a aquiescência da prefeitura, que parece não ter uma outra solução a oferecer. Na Califórnia, criam-se comunidades à beira de estradas, onde pessoas moram em seus carros ou suas tendas de acampamento. Os membros do gabinete do novo presidente Barack Obama foram anunciados esta semana. Leio com curiosidade seus perfis. Dizem-se esperançosos. Corajosos, os

herdeiros deste desastre! Terão de reconstruir, ou reinventar, o que um analista chama, em primeira página, de país “não só economicamente falido”. É irônico: no som toca “Perfect Day”. Mas é: é um dia bom para mim. E seria fantástico, um dia perfeito, se Anne aparecesse agora. A música talvez me desse a coragem para convidá-la a passear, falasse por mim. Quem sabe ela também trabalhe aos sábados.

Se ao menos Kate estivesse aqui. Sempre pensei que iria reencontrá-la ao voltar: a amiga que ficou na cidade, uma das poucas colegas contratada por uma editora logo que o curso acabou. Ela também perdeu o emprego. Por enquanto sua odisseia terminou. Com 18 anos, saiu do Havaí para se afastar da família. Estudou e se formou na Universidade da Califórnia. Considerou que a distância da família ainda era pouca e veio fazer o curso de edição aqui. Morou em três apartamentos, cada um pior do que o outro e cada vez mais longe do centro. Em suas cartas, sempre desenhava um croquis e descrevia o lugar. Por menor que fosse, convidava-me, escrevia que a gente se viraria no espaço que houvesse. O primeiro nem era um apartamento, era um quarto, no Soho. Tão pequeno que teve de comprar um beliche sem a cama de baixo, para poder embutir a mesinha e o computador. Na área comum, as fechaduras não fechavam, as torneiras pingavam (por dias, contou-me, a água quente do chuveiro não pôde ser fechada, tudo enchia de vapor), ratos se afeiçoaram por ela. Na cama, passou noites em claro, lendo originais, revisando provas. As dez ou doze horas trabalhadas na editora não eram suficientes (nunca são, ninguém consegue morar em Manhattan sem se entregar totalmente ao trabalho, nem os parasitas de Wall Street). A editora era prestigiosa, mas o salário era baixo, e não aumentava. Fosse isso pouco, os superiores aproveitavam sua docilidade de recém chegada, seu ar em aparência medroso, para alfinetá-la, atordoá-la, enchê-la semanalmente de trabalhos de que ninguém poderia dar conta num mês.

Sua primeira mudança foi para o bairro de Greenpoint, no Brooklyn (para a mesma rua Bedford onde eu moro, só que quilômetros mais ao norte). Alugou um conjugado minúsculo, porém tudo para ela, onde cabiam uma cama, a mesa com o computador e um sofá-cama militar que ela encontrou na rua, para acolher os amigos de passagem na cidade. Greenpoint também se tornou caro demais. Então foi para um bairro mais pobre, de lojas com vitrines protegidas por tábuas, de conjuntos

habitacionais subsidiados. Onde a maioria da população era negra, e ela, de origem e feições asiáticas, sentia-se uma minoria no meio de uma outra minoria.

Em algum ponto entre tais mudanças, Kate saiu da editora. Com uma mágoa profunda, abandonou para sempre o mundo editorial. Em certa ocasião, tendo sido relegada de seu gabinete para um simples cubículo, me escreveu: “I no longer have a view, but the temptation to fling myself out the window is no longer there”. Kate lia Theroux, Pamuk, Mafuz, e os livros desses e outros autores se amontoavam na mesinha enquanto ela gastava as noites lendo medíocres romances históricos e novelas de mistério, guias turísticos, livros os mais estrambólicos (enviou-me um, para eu dar risada: *Knitting with Your Dog's Hair*, com figurinos e instruções para tecer peças de roupa com pelos de animais de estimação). Tudo demasiado entediante, demasiado deprimente, demasiado *estúpido*. Apesar das dúvidas, não perdeu a vontade de permanecer na cidade. Fez um novo curso, de documentação; trabalhou, com maior prazer, embora também exigida até o limite, num programa de debate político da televisão pública. Quando a série de debates terminou, ficou sem nada. Há poucos meses foi para Chicago, morar por um tempo no apartamento de um amigo, companheiro na época de estudante na Califórnia. São as últimas notícias que eu tenho: Kate procurando emprego em Chicago antes de ter de voltar ao Havaí, de onde sonhou sair durante toda a adolescência.

Foi graças ao que chamei de meu pequeno, improvável sucesso que conheci Kate. Assim como Anne, ela gostou da história do homem e da múmia. Na metade do curso, terminada a parte de edição de livros e antes de iniciada a de edição de revistas, na lanchonete onde minhas colegas e eu comemorávamos o fim do trabalho (*elas* comemoravam, eu me sentia aliviado, liberado por ter falado em público e me saído mais ou menos bem), Kate veio me dar parabéns, elogiar o projeto de livro que eu acabara de apresentar. Seus foram os elogios que mais me surpreenderam e deixaram lisonjeado – mais do que os do diretor e os do velho Ernest, que tanto faziam por mim depois, com o intuito de que eu encontrasse emprego na cidade. Foram os de Kate. E não por ela ser tão bonita, seu rosto e sorriso largos, o cabelo curto como o de Taís, os olhos cor de avelã; ou tão inteligente e afetuosa; ou por estar vencendo sua prudência

e proverbial timidez (tudo isso eu iria perceber mais tarde, em nossas longas caminhadas e conversas nos cafés). Foi por serem totalmente insuspeitados, por virem de alguém que eu não tinha notado, uma pessoa com quem (nesse instante me dei conta) eu deveria ter muitas coisas em comum.

Difícil dizer como foi a apresentação. Nos primeiros minutos, minha voz tremeu, eu só olhava meus papéis. Quando o tremor na voz passou, aproveitei algumas pausas na fala para, por meio segundo, levantar a vista da tribuna. Enxergava as pessoas sentadas na primeira fila: o diretor, os coordenadores do curso. O resto da sala estava escuro, os alunos disseminados pelas fileiras de bancos, até o fundo, agrupados por editoras fictícias. Do início ao fim, falei sem pensar, tratando unicamente de verbalizar as anotações, sem esquecer nada e no melhor inglês de que era capaz. Minhas colegas estavam de pé no estrado, à esquerda, e entre elas e eu, numa telona, foram se alternando a projeção da capa do livro e alguns outros slides, preparados por elas, com dados sobre a produção.

Tempo depois, eu perguntaria a Kate por que só veio falar comigo então. Queria saber se, até esse dia, eu tinha lhe parecido um aluno medíocre, ou vulgar. Não: se alguma coisa, você me pareceu alguém altivo, desdenhoso – *aloof*, foi o que ela disse. Maravilha. O fato de eu estar sempre tão calado, fumando, evitando os colegas quando se reuniam para ir almoçar (porque eu não me sentia em condições de manter, ao redor de uma mesa, uma conversação), foi interpretado por ela como sinal de arrogância. Eu!, eu que talvez não em Nova York, porque há vários anos carregava a doença e já me importava pouco com o que os outros pensassem, mas sim antes, fiz tanto para que ninguém percebesse o que acontecia?! Kate me dava vontade de rir. Então a neurose não transparecia, não se mostrava? Era para cada um o que bem entendesse?

Eu sabia das condições em que preparei a apresentação. Por isso os elogios não me serviam, só me deixavam perplexo. Nas semanas anteriores, tinha ido com frequência à sala de computadores mais próxima da residência, ciente de que não conseguiria trabalhar. Entrava e, passados cinco minutos, saía para fumar. Entrava e saía de novo, incapaz de escrever uma linha. O que fazia era ler e-mails e tentar pesquisar. Lia páginas na Internet (resenhas, por exemplo, deixadas por leitores na

livraria Amazon) como um autômato, impossibilitado de conectar informações, de articular nada novo a partir delas. Imprimia algumas páginas e, sem ânimo para conversar com os colegas que encontrava ali (esforçava-me, apenas, para sorrir para eles, ou os cumprimentava com um inclinar de cabeça), saía ao pórtico do prédio, desejando que não aparecesse ninguém mais, pois só desejava fumar, conseguir que a pergunta me deixasse momentaneamente tranquilo, sem ter de falar sobre nada, de explicar por que estava com esses olhos, essa cara.

Às vezes aparecia o bom e velho Ernest, colega de curso que, quase em idade de se aposentar, queria abrir uma pequena editora em sua livraria de Indiana. Gordo, com as pontas da camisa por fora da calça, de cabelo branco amarelado e bochechas e nariz sanguíneos, óculos de vidro grosso, Ernest fumava e conversava comigo. Mas ninguém ia à sala de computadores, nessas horas do fim da tarde, ou à noite, a não ser para trabalhar, e nossas conversas eram breves. Ele entrava e eu ficava. Acendia um outro cigarro e dava uns passos pela calçada; voltava, encostava numa coluna, os pés cruzados, olhando para o outro lado da avenida. O sol, menos inclemente, suavizava as fachadas, deixava prédios em sombra e prédios em luz, fazia visíveis as partículas de poluição no ar, que criavam uma abóbada de um lado ao outro, por cima dos carros.

Recentemente li as memórias de uma pessoa com múltiplas fobias, músico de profissão. Quando, em sua vida – ele contava –, encontrava-se face a uma situação de risco ou perigo real (sem importar se ele estava num espaço pequeno e fechado, numa estrada em campo aberto, num local lotado de desconhecidos), todas as suas fobias desapareciam de imediato; e, nesse lapso de tempo, como qualquer pessoa, reagia, voltava ao normal. Não é o caso do neurótico – ou não foi o meu. Lembro de, certa vez, voltando para casa com Lídia, ter sido assaltado: receber um soco na cara e, a caminho do hospital e enquanto o médico costurava minha sobancelha, continuar analisando se um comentário feito a um amigo durante a janta estava certo ou errado, podia tê-lo magoado ou não; sem reagir nem ser capaz de tentar acalmar minha namorada. Na apresentação, no entanto, a neurose talvez tenha me ajudado. Porque o pensamento obsessivo embotava minha capacidade de sentir, me emocionar, e ele esteve lá comigo, no estrado, ainda que encolhido, recolhido num canto. Isso, naquela circunstância, para alguém tímido como eu, pôde ter sido bom. Impediu que me

expressasse melhor, mas, ao mesmo tempo, imunizou-me contra a pressão e a vergonha que, de outro modo, sem dúvida teria sentido ao falar ante aquela plateia.

Anne, no som tocou “Satellite of Love” (baixinho, como sempre, para não incomodar os jovens que trabalham) e você ainda não veio. Terminei de comer uma omelete recheada, menos cheirosa e saborosa do que a que você comeu. Li o jornal do princípio ao fim. Passei do meu limite de *refills* de café e agora vou embora. Mas um dia terei a coragem de bater à sua porta e convidá-la a passear no Prospect Park. Se o tempo estiver ruim, poderíamos entrar no museu. Eles têm uma bela coleção de máscaras africanas...

É uma lástima, porém, pois hoje eu estava pronto, preparado para lhe contar o pouco que soube desse homem do Peru. Quem sabe tanto faz: é uma história trágica, não é conversa de sábado no parque, nem sei se você ia gostar. Não sei nada de você, só que é linda. E que à noite escuta essa música melódica e triste. Porque é você, não há ninguém mais morando nos apartamentos do andar acima do meu.

Alberto R. é seu nome. Ele era camponês numa aldeia da província de Ayacucho, no Peru. Cultivava batatas que ia vender no mercado da capital: *papas* de vários tipos, formas e tamanhos; há *papas* de casca roxa, amarela, azul, nesse país, acredita? Deve ter sido durante uma dessas viagens. Quinze pessoas, a metade dos habitantes da aldeia, entre elas a mulher e a única filha de Alberto, foram assassinadas num ataque do Sendero Luminoso. Teriam, supostamente, se negado a colaborar com os guerrilheiros. Foi no final da década de 60, quando os ataques indiscriminados eram comuns, tanto da guerrilha como do exército e dos paramilitares que diziam combatê-la. Alberto, que tinha pouco mais de vinte anos, ficou sem nada. Vendeu sua pequena propriedade e mudou-se para Ayacucho.

Dos trinta anos seguintes de sua vida não há notícia. Mas parte do relatório policial está na Internet, permite reconstruir o que lhe aconteceu em 96. Ao que parece, morou por uns meses num quarto de pensão em Arequipa, 650 km ao sul de onde nasceu. No quarto, a polícia encontrou uma pilha de livros, só livros, não havia

roupas sequer. Livros sobre os incas e sobre povos andinos pré-incaicos. Também de astronomia. Junto com eles, algumas cadernetas, com notas em letra grande, porém difícil de ler. Alberto não deve ter tido uma formação escolar, quem fez o relatório zomba de sua escrita, qualifica-a de “típica de una chica de catorce años sin instrucción”. Poderiam conter um pequeno tesouro, essas cadernetas. A única nota transcrita é reveladora, diz assim: “Los seres humanos son unas personas pésimas”.

Alberto entrou no museu armado com um martelo. Essa frase é esquisita, “armado con un martillo”. Um martelo não é propriamente uma arma, e tal inexatidão surpreende, sobretudo num relatório oficial. Passou rápido pelas quatro primeiras salas das cinco que o museu tem, onde estão expostos objetos cerimoniais de ouro, prata e cobre, e estatuetas em argila e metal, e entrou na quinta sala, reservada a Juanita. Sem nem olhar para ela, ao contrário, segundo o relatório a imagem é a de um homem cabisbaixo (provavelmente ele esteve lá outras vezes, disso não há registro, as fitas se reutilizavam), tirou o martelo do bolso e golpeou com força o cristal, na altura dos pés da múmia. O cristal só rachou, e o segurança chegou na hora, um instante antes que Alberto golpeasse a urna pela segunda vez.

Juanita não sofreu nenhum dano. Por um tempo, foi retirada da sala, substituída por Sarita, tão antiga quanto ela, porém bem menos conservada. Hoje em dia, Juanita continua no museu, em sua eternizada posição semideitada, as costas inclinadas para frente, os joelhos dobrados, os braços cruzados sobre o peito. Com os cabelos longos terminados numa fina trança e uma fratura de cinco centímetros na parte posterior do crânio, imperceptível ao olhar. (Ressonâncias magnéticas determinaram que a jovem morreu assim, com um golpe desferido de trás com algum tipo de bastão.) Com seu manto cerimonial, vermelho e branco, seus brincos e pingentes e seus sapatos de pele.

“Cuidado com os livros que vocês vão querer editar”, disse uma das primeiras palestrantes a nos visitar no prédio de Cooper Square – uma profissional de prestígio. (Na reunião de confraternização, Lilian e Ray, os coordenadores do curso, anunciaram que teríamos o privilégio de aprender, em menos de três meses e com os melhores

profissionais, o que qualquer um que trabalhasse numa editora demoraria anos em descobrir por si mesmo.) “Cuidado porque ninguém vai querer saber de nada que não venda mais de 30 mil exemplares. E isto é o que vocês vão ouvir: se quiserem editar esse tipo de livro, vão trabalhar numa editora independente.” O próprio Ray dedicou a sessão inicial a falar de marketing, usando expressões como “selling points”, “bestselling potential” ou “media relevance”. Em que vocês reparam antes de comprar um livro?, perguntou. A cor da capa, o título, o assunto, a extensão? Ou no nome do autor, nos prêmios? Antes de adquirir os direitos de qualquer original, pensem: o que levaria alguém a deixar \$ 25 no balcão? Não esqueçam, podem-se comprar muitas coisas com \$ 25. Tenham um mercado em mente. Não pensem que todo o mundo vai querer comprar seu livro. Pensem em nichos de mercado específicos. O tamanho dos nichos não é desprezível, neste país. Posso me permitir adquirir esse original? Façam uma avaliação de custos e benefícios, considerem todas as etapas de produção. A reputação do autor: vocês querem um autor com autoridade, com experiência. Existem livros concorrentes? Investiguem. Certifiquem-se de quais são os concorrentes. Há livros comparáveis? Este vai ser o próximo *Bridget Jones’ Diary*? Ou o próximo... quê? Sim, mas também vai ser *diferente*. O assunto é de atualidade?, é controverso o bastante? Terá repercussão na mídia? Poderá virar filme? Se assim for, cuidem para que o livro esteja nas lojas dois meses antes da estreia. Vai entrar na lista do Oprah Book Club? *Guaranteed success*. Considerem a hipótese de que seja o primeiro livro do autor: ninguém o conhece, isso pode ser bom (peçam uma resenha a um jornalista amigo). Mas o editor deverá reescrevê-lo? Reescrever é um trabalho pesado – demais, para um editor. Falem com os representantes comerciais, *mimem* os representantes comerciais da editora. Eles decidem, afinal, quais livros pular na hora de apresentar o catálogo às livrarias. Pensem como marqueteiros. Como editores, vocês não se dirigem ao público leitor.

Durante o voo que em 2000 me trouxe aqui já me fiz a pergunta: duas, três vezes, timidamente, para ver se pegava a resposta de surpresa, antes da chegada – a resolução de deixar a doença atrás tendo durado só umas horas. E tive medo, percorreu-me o medo de arruinar tudo desde o início. No trajeto de táxi até Manhattan não falei, não vi nada, meus sentidos anulados, ansioso como estava por chegar ao

hotel. Do hall do hotel falei ao telefone com meu pai. Ele me pediu que passasse algum tempo revisando os trabalhos que devia entregar logo: a história de Juanita (naquela época, o projeto de um projeto) e a resenha crítica do romance que os candidatos ao curso tivemos de fazer. Pediu-me que dormisse cedo. A sua impressão, disse, era que eu estava superando a doença, mas insistiu que lembrasse o que havíamos discutido, não podia perder um segundo procurando esclarecer dúvida alguma. “Com paciência, as respostas virão.”

Não segui seus conselhos. Quando o neurótico precisa com maior urgência deixar de sê-lo é quando escolhe o caminho mais curto, e eu só tinha essa noite: na manhã do dia seguinte entraria na residência estudantil, e à tarde estava marcada a reunião de confraternização entre os estudantes, à qual queria assistir já curado. Jantei na primeira lanchonete que encontrei e voltei sem demora ao hotel. Meu propósito era insensato, e eu tinha a vaga consciência de que não conseguiria resolver nada. Mas se abria diante de mim uma possibilidade melhor: talvez pudesse ver, claramente e de maneira definitiva, o que em algum recôndito lugar eu já sabia: que mediante o pensamento obsessivo não veria a resposta jamais. Não era isso exatamente o que eu queria?

Com as cortinas corridas, a pasta com os trabalhos em cima da mesa e os fluorescentes do banheiro tornando o quarto asséptico e frio como o de um hospital, recostei-me na cabeceira da cama, abracei com força o travesseiro e me dispus a pensar. A pergunta adquiria sua forma habitual, a de uma frase com todas as palavras, palavras cujo sentido estava por um fio. Era a última de uma série interminável. Após sua primeira formulação, nada: um leve ruído de fundo, uma luz preta por trás das pálpebras cerradas Levantei-me, fui até a mesa e fiz uma cruz no caderno. Apertei o travesseiro de novo, fechei os olhos, respirei fundo. Um pestanejar inoportuno deixou entrar um fiozinho de luz, afugentou as palavras. Fiz mais uma cruz. Deitei-me de costas. Deitei-me de lado. Em vez de vocalizar internamente a frase, tentei evocar o cenário completo, a lembrança sentimental: a ilha de Menorca no verão, a noite no porto de Maó, o bar onde estivemos dançando, a estrada escura através do para-brisa do carro, a casa de campo, o quarto de Lídia, os lençóis brancos, ela ainda acordada. As imagens se desmanchavam tão depressa quanto as palavras. Mais tarde fui ao banheiro. Sentei-me sobre a tampa da privada, afoguei o rosto nos braços. *Pensei:*

Entrei no quarto de Lúdia e lhe disse... Mais rápido, para que as palavras se amoldassem ao que queriam dizer: Entrei no quarto e disse: “Eu...”. Repeti a operação de pé, com as mãos e todo o peso do corpo contra a moldura do espelho, evitando me olhar (olhei: um rosto feio, sério e tenso). Formulei a pergunta em voz bem alta, como a me autoflagelar. Uma e outra vez, até estar desfeito. Até que, perto das 3 h da manhã, as cruces me pareceram suficientes. Eram a prova tangível à qual iria me aferrar. Exausto, com a cabeça por fim clara, lembro que dormi placidamente, com a certeza de que o caminho neurótico podia legitimamente ser abandonado.

Tomei o café da manhã no hotel e arrastei a mala de uma ponta à outra da rua 14, a vista fixa no chão, contornando com rápidos golpes de pulso os obstáculos na calçada. Meus olhos registravam formas e cores – das camisas das pessoas que passavam por mim, dos artigos expostos nas vitrines (o resto era tudo cinzento, o dia amanheceu nublado) –, mas elas me chegavam como em surdina, deixando em mim só uma leve impressão. Esforçava-me para reter a imagem das cruces no caderno, que, aos poucos, iam escorregando, deixando de simbolizar qualquer coisa.

Quando cheguei à residência, um prédio novo, da cor lilás da universidade, vi jovens empurrando contêineres contra as portas de vidro da entrada: terminado o ano universitário, iam embora, esvaziavam os quartos. Preenchi um formulário no guichê da recepção e, enquanto uma mulher comprovava meus dados, li, com certa desilusão, que a cafeteria, um corredor ao longo da fachada, não reabriria até o início das aulas, em setembro.

O apartamento, no terceiro andar, tinha uma sala, um banheiro, uma pequena cozinha integrada e dois quartos, um de cada lado. O chão da sala era de carpete escuro; as paredes, de um branco desbotado, sem nenhum enfeite. Por mobília havia um sofá com armação de madeira ruim, encostos e assentos removíveis, e, ao fundo, em frente a uma janela, uma mesa redonda e três cadeiras. Na cozinha, copos, panelas e pratos sujos se amontoavam de dias atrás. Com restos de comida por tudo e latas de cerveja jogadas na mesa e no chão, a sala parecia uma terra de ninguém. Mas eu já

estava resignado, o abandono não mexeu com meu ânimo: é aqui que eu vou morar, simplesmente pensei.

Meu colega de quarto havia chegado. Suas malas estavam no estreito vão entre as duas camas, e em cima de um colchão vi um envelope como o que eu tinha na mão, com o nome Douglas Green e a sigla MCH escritos com marcador preto. Nas estantes à cabeceira da outra cama coloquei livros trazidos de Barcelona que depois não iria ler. Na mesa embaixo das estantes enfileirei fotografias que não iria mais olhar, que só olhei naquele momento, ao encostá-las na parede cuidando para não ocultar o rosto de nenhum amigo. As grossas pastas-fichário que recebemos no primeiro dia de aula – Book Publishing e Magazine Publishing –, com documentação exhaustiva sobre cada palestrante e assunto do curso, também ficaram lá, esquecidas na pequena escrivaninha. Só as usaria de manhã, para me informar de quem iria nos falar durante o dia e decidir se assistiria à palestra ou não.

A solidão nos deixa tristes e a tristeza nos torna frágeis. Por isso não me decido a bater à porta de Anne, ou a aparecer no patamar da escada, cedo, na hora em que ela sai. Mas há semanas penso nela, quero encontrá-la, ouvi-la, ser olhado por ela. Não sou de ficar espionando, nem de tecer estratégias, porém tentei por três dias provocar esse encontro. Enquanto me arrumo, ouço movimentos no andar de cima, o arrastar de uma cadeira, passos. Acredito distinguir o som amortecido de uns pés de meias ou chinelos, na madeira, do som seco e vigoroso do salto alto. Morar sozinho aguça o ouvido. Então eu saio, entre as 8 e as 8 h 15. Em vez de ir direto para o café pela rua Clifton, sigo pela avenida Bedford, tão devagar quanto eu posso, como se fosse pegar o metrô. Faço esse pequeno contorno sem olhar para trás, desejando ser avistado por Anne, e que ela não mude o andar apressado (teria por quê?), me alcance. Só no final, quando atravesso a rua, olho de viés. Sem rasto dela, vou em frente, passando pela entrada do metrô, desiludido, dirigindo-me ao Cozy Cup no sentido contrário do habitual, acenando com a cabeça para um ou outro rosto mais ou menos familiar.

Fico no café por horas, até depois do almoço, no banco da mesinha do corredor. Aguardando lembranças de nove anos atrás; pensando em Anne e em Alberto R. Rabiscando ou desenhando no caderno. Deixando-o aberto em alguma página escrita pela metade antes de a garçonete vir me atender ou alguém se levantar para ir ao banheiro. Desenho a caneca de cerâmica vitrificada ou o que enxergo da minha posição, uma ponta do balcão, com a caixa e alguns bolos expostos, a carcaça da máquina de café, os quadros negros pendurados na parede, com nomes de saladas, sopas, doces escritos em giz, numa elaborada imitação de caligrafia infantil. Sinto raiva. Anne não mora no mesmo prédio, não dorme no apartamento acima do meu? Por que teimo em encontrá-la por acaso?

Gostaria de ler, você disse. Eu adoraria lhe contar. Mas é sobre mim – você não sabe –, não é sobre Alberto que estou escrevendo. Para isso eu deveria ir ao Peru, solicitar uma entrevista, sentar no pátio ao lado dele, conversar (se ele estiver a fim de conversar comigo), perguntar-lhe os motivos de sua louca paixão. *Os motivos da paixão*. Você vê, Anne, que absurdo? Mas é isso, só isso o que também me intriga. Alberto se apaixonou por Juanita: primeiro se apaixonou, depois endoideceu – pode ter sido ao contrário? Ele pediu, isso eu sei, e conseguiu, por meio de seu advogado de ofício, que argumentou que Alberto só pioraria, não ser trasladado a Lima, permanecer em Arequipa, perto da amada.

Não devem ser lugares tão estranhos, os sanatórios. Nos pátios destinados aos banhos de sol, não devem encontrar-se pessoas muito fora do comum. Haverá os que gritem frases incompreensíveis e os mudos por decisão. Mas quantas pessoas não achei, estes dias e em 2000, discutindo consigo mesmas, sussurrando segredos às lixeiras, interrogando, xingando, chutando máquinas dispensadoras de jornais. Há jovens e adultos que seguem vivendo a escutar o céu, temerosos de um novo 11-S.

A gravura à minha frente prende minha atenção, demoro-me observando-a. É uma mulher que pula, no que parece a representação de um suicídio, mas não é, não acho que seja. (No sábado, um menino ficou olhando o quadro; o pai escolhia um jogo na prateleira ao lado; apontando com o dedo para a mulher, o menino perguntou: “o que é?”; um anjo, disse o pai.) Ela pula de um prédio semelhante ao que eu vi na Quinta avenida, um castelo medieval. Um de seus andares preenche o lado direito do

quadro, em primeiro plano, como se o pintor e o observador vissem a cena de uma janela desse mesmo andar. O céu ocupa os outros dois terços: acima, uma nuvem preta ameaçadora; no meio, camadas de ar água-marinha acinzentado; na parte inferior, distantes, o contorno da ilha de Manhattan e as águas da baía, de uma cor preta esverdeada tomada do céu. (A perspectiva é impossível. Onde se ergue o castelo?, acima do Brooklyn, do Queens?) Raios de sol furam as nuvens, deixam um trecho de mar reluzente, em volta da ponta da ilha, e iluminam o castelo (os arcos, os parapeitos, as pedras do muro) e a mulher. Ela pula de costas, com as pernas e os pés esticados, o corpo flexionado na cintura, formando um ângulo reto – a cabeça e os olhos fechados no centro da composição. Está executando um salto ornamental, veste um colorido maiô de natação. Mas não cai, nem está em movimento, só a memória de um salto traz esse pensamento: está parada no céu. Seus cabelos são da cor do castelo, branco e cinza alternado, como os de uma estátua; as coxas, as pernas e os pés, de pele fina e tersa, são de uma mulher real. Parece uma cena de filme, de um filme voltando atrás. A mulher abaixa muito lentamente as pernas, endireita o corpo, vai subindo e retomando a posição vertical. Até pousar com graça, os braços estendidos, no lugar não visível de onde saiu. Um anjo sem asas.

Costumava sair da residência cedo, com tempo para tomar o café da manhã (Douglas, de Michigan, ainda um vulto virado na cama). Fazia-o na lanchonete da esquina da Quarta avenida e a rua 13, que não existe mais, hoje é uma loja de componentes eletrônicos. Pedia qualquer coisa, um *doughnut*, ou um *muffin*, com uma taça de café com leite, e pagava um dólar – “un peso”, dizia-me o caixa, mexicano; e quem sabe não era por essa mínima graça que eu parava cada dia lá. Comia porque me obrigava a não deixar de comer, não por ter vontade ou fome. Havia deixado de ler jornais. Não fazia nada, só mastigar, mal percebendo os sabores. Se por acaso sentava perto da janela (o local estava sempre vazio, os fregueses levavam o que pediam para a rua e eu, com minha pasta, me deixava cair numa cadeira qualquer), às vezes via, esperando na sinaleira, de costas, colegas do curso, com suas saias curtas, meias de listras coloridas, copos descartáveis de café na mão. No carrinho estacionado em frente ao prédio da faculdade, em Cooper Square, onde outros estudantes compravam *pretzels* ou o que houvesse para comer, pedia um segundo café. Então

acendia um cigarro e me afastava um pouco da porta. Era a hora dos pensamentos voluntariosos. Com a ajuda do cigarro e do café, tentava me lembrar dos motivos pelos quais podia – devia – esquecer a pergunta. Não conseguia, ou conseguia por um tempo risível, o de entrar na sala e uns minutos mais. Outros dias chegava à faculdade derrotado de antemão, após ter procurado a resposta no banho, de cócoras na banheira, com a cortina colando na pele e o jato d’água batendo nas costas; ou de pé, apoiado nos azulejos, o queixo caído sobre o peito. Nesses dias, iniciada a palestra, eu já estava dedicado a tentar enxergar a resposta de novo, dizendo para mim: a última vez; cedendo, caindo devagar e firmemente na obsessão. Mais do que dos palestrantes, lembro-me das nuças, das cabeças dos colegas à minha frente; de me virar e ver, mais do que rostos, objetos: copos de café, garrafas térmicas, latas de bebida energizante. Ou de acenar para Carolina, amiga colombiana, mais velha do que eu, que sentava nas primeiras fileiras. Às vezes sentava com ela. Se a palestra nos parecia pouco interessante ou achávamos o que ouvíamos bobo demais, trocávamos mensagens, escrevendo um na caderneta do outro, como dois adolescentes. Carolina não entendia minha troca de Barcelona por Nova York. Não sentia nenhuma atração especial pela cidade e suspirava, revirava os olhos ao ouvir determinadas perguntas dos colegas “americanos do norte”, mais novos. Eu anotava algumas frases, era capaz de distinguir o que era relevante do que não. Mas não estava inteiramente escutando, não sei com que grau de atenção assistia às aulas. Sei que esperava ansiosamente pela pausa entre cada intervenção, quando, por volta das 11 h, poderia sair à calçada e fumar.

Encostado na fachada de tijolos, esquecia o dito pelo palestrante e, inalando e exalando fumaça, impedia que a pergunta se formasse em minha mente. Nos intervalos era capaz de conversar, sentia-me inclusive à vontade com os colegas, os estrangeiros, todos fumantes, os únicos a enfrentarmos o calor. Fumando, minha percepção ficava menos obstaculizada: via os carros rodando pesados no asfalto, quase sem emitir ruído; o sol que fazia o ar reverberar, dando à praça do outro lado da calçada uma aparência de miragem. Falava com Lilly, uma senhora israelense, arqueóloga, editora de uma revista de antiguidades em Tel Aviv; com Leia, novaiorquina de pais tailandêses, de olhos puxados para cima e pele fosca, que usava chales de seda; ou John, de nome verdadeiro impronunciável, um engenheiro chinês sempre bem-humorado (os americanos pareciam acostumados ao seu sotaque; para

nós não era tão simples entender suas piadas); ou Rita, grega, que usava uma franja até as sobranceiras e tinha um sorriso de meia-lua. Quem não faltava nunca nessas rodas era o velho Ernest, que seguido iniciava algum tipo de discussão. O livreiro de Indiana tinha assunto para qualquer um de nós. Quando não tinha, uma faísca em seus olhinhos anunciava que iria nos cutucar. Entre tragada e tragada, suando, divertia-se a argumentar o pouco interesse que para eles, americanos, tinha o resto do mundo. Ele era culto, e mesmo sem ter saído do país (isso dizia) estava bem informado de quanto acontecia no exterior. Mas se fazia de ignorante, percebia-se seu prazer em se alinhar com seus conterrâneos. “Pro bem ou pro mal, nada do que se passa nos países de vocês tem influência em nossas vidas”. Nós gostávamos dele. Apesar do sorriso burlão, Ernest era extremamente educado, e estava sempre disposto a ajudar qualquer um no que fosse. Surpreendia-nos, além disso, sua jovialidade, a naturalidade com que se misturava com uma turma de jovens com idade para sermos seus netos. Eu ficava por último na calçada. Acendia outro cigarro e esse eu fumava só, como realmente queria ou precisava, sob um dos toldos, vendo sem ver, refletida no vidro escuro da janela, a praça, que os estudantes não usávamos, que era o lar de dois ou três sem-teto.

Na quinta-feira, andei a passo normal até o metrô, resolvido a descer normalmente as escadas, pegar o trem rumo a Manhattan e refazer velhos caminhos de 2000. E Anne estava lá, seu corpo perfilado diante de uma viga vertical, com seu casacão aveludado e uma boina em vez do gorro de lã. O trecho central da compridíssima plataforma está sempre vazio, os passageiros concentrados perto de um dos dois acessos, e do lado de Bedford não havia mais de quinze, vinte pessoas. Quando a vi, fiquei parado, sem atinar no que poderia lhe dizer (três dias desejando encontrá-la e na hora não saber!). Reagi quando ouvi, muito ao longe, o rumor que antecede a chegada dos trens. Então me aproximei dela, dei-lhe um oi de uma certa distância – um oi alongado –, como se eu fosse um estranho e ela pudesse se sobressaltar. Anne me cumprimentou de volta, surpresa.

–Senhora psicóloga – eu disse, tímido, num tom entre reverente e provocador.
Ela fez cara de processar as palavras, como se eu tivesse errado a profissão.

–Senhor *escritor* – retrucou. Puxei os cantos da boca por uma fracção de segundo.

–Estava pensando em você – eu disse, sem querer ser levado a sério. – Para o trabalho?

–Aham. – Anne adotou uma postura mais erguida, que nela parecia natural. – E você?

–Vou dar uma caminhada. Depois volto para o café.

–No frio?

–No frio. Não parece que o tempo vá mudar. – Ia caminhar, só não ia lhe dizer por quê.

–Está bem. Vai lhe fazer bem – ela disse.

Fiz cara de não compreender

–Caminhar, faz bem à memória. – E como eu acentuei minha expressão, acrescentou: – Faz bem em geral.

Assenti, premendo os lábios. Talvez pensasse em seus pacientes.

Quis perguntar-lhe sobre eles. Saber que tipo de psicóloga era. Saber se os pacientes eram as únicas pessoas que ela via. Imaginei-a no consultório a manhã inteira, e de noite em casa, passando a limpo anotações. Sozinha.

–Sabe? – eu disse, sorrindo. – Sempre quis ter uma psicóloga.

Anne me fitou estreitando os olhos:

–Psicóloga *mulher*?

Não respondi.

–Qual é o problema do *senhor*?

Solidão, ansiedade, medo, depressão.

–*Writer's block* – eu disse.

–Ah, isso – ela disse, como se houvesse escutado “dor de cabeça”.

Olhou em volta, inclinou-se para mim e sussurrou:

–Eu não trato amigos.

Senti seu sopro na orelha e me arrepiei.

–Também não trato vizinhos – emendou.

O trem estava entrando com grande estrondo na estação.

–Isso é norma, está nos livros?

–É facultativo – gritou.

Entramos juntos no vagão, sentamos juntos. Ela não tira o casacão, nem as luvas, somente a boina. Posso ver de perto seus cabelos, sinto um cheiro adocicado bom. Diferente do verão, quando o calor na plataforma é sufocante e as pessoas esperam impacientes pelos trens, agora o frio não dá trégua, é tão intenso sob a terra como na superfície, ou então demora muito em sair dos corpos. Com todo o mundo agasalhado, os vagões parecem mais lotados do que realmente estão, e os passageiros ficam colados uns aos outros, criando cadeias ininterruptas de roupas, sanefas desconexas de impermeáveis, felpudos, couros forrados, lãs. Através de camadas e camadas de tecido, roço o braço e o ombro de Anne, que tem as mãos no colo, em cima da bolsa. Eu sento direito, como um escolar, tentando não apertar o jovem corpulento ao meu lado, que usa fones de ouvido e um boné com viseira de time de futebol. Minha vizinha não fala. Olha para o alto, e eu olho também: um anúncio de um filme de terror para adolescentes, outro do aquário de Coney Island, com os dentes afiados de um tubarão. Ouço o ruído pneumático, intermitente do deslizar sobre os trilhos. O silêncio no vagão só não é constrangedor porque é compartilhado por pessoas igualmente entediadas ou sonolentas.

–Problemas com sua múmia, então? – Anne diz, baixinho.

–Sim. Ou com seu namorado. Quem sabe da história é ele, eu só posso conjecturar.

–Esse não é o trabalho do escritor?

Anne gosta de alfinetar. Eu aproveito para contemplá-la. Usa brincos de aro grande prateados, batom suave nos lábios. As maçãs do rosto, marcadas, dão maior vigor ao seu olhar.

–Talvez. Mas quem disse que eu sou?

Ela reprime um sorriso. Logo diz:

–Procura ele.

–Ele está preso, em Arequipa.

–*Preso?* – Anne deixa os lábios entreabertos, os dentes da frente à mostra.

–Num sanatório.

Resumo para ela o que Alberto fez no museu. Falamos tão baixo que parecemos estar conspirando. Não faz mal, penso.

–Escreve pra ele – ela diz.

–Escrever o quê?

Agarrado no balaústre, um jovem lê a *New Yorker* dobrada, tira a luva para virar a página. Outro homem lê um romance de Joseph O'Neill que eu vi em várias livrarias. Perto das portas, de pé, uma mulher chama a atenção de Anne, que acompanha o diálogo mudo entre ela e a filha. A menina, de uns cinco anos, está sentada à nossa frente, inquieta, com o rosto tristonho. Dá mostras de querer se levantar, juntar-se à mãe. Não: quer ceder-lhe o assento. A mulher parece mesmo muito cansada, está com olheiras. Faz uma careta como que agradecendo e um gesto para que a filha não saia do lugar.

–Deve ser difícil, fazer reviver uma morta – Anne diz, insuspeitadamente.

Pode haver mais informação no tom, disse certa vez J.-P., do que nas palavras ditas, e Anne fala com uma melancolia que espanta.

–Você não acha? – Ela gira de repente para mim, seus cabelos esvoaçam e uns fiozinhos acariciam meu nariz.

–E fazer com que alguém se apaixone por ela.

O trajeto no segundo trem é curto, a travessia subterrânea do rio. Ambos descemos na estação de Union Square. Penso em inventar uma destinação ao norte, mudar o passeio, mas desisto. Afinal, Anne vai trabalhar. Despedimo-nos num cruzamento de galerias (ela me estende a mão), parados em meio ao turbilhão. Ela segue em direção Uptown. Quando já está de costas, lembro:

–A música que você escuta, o que é?

Anne não se volta.

–Anne!

Ela vira o rosto apenas o necessário, o instante justo para dizer:

–É brasileira!

Saio do lado da praça. Ao meu redor, o mundo continua a andar depressa. Logo as ruas desta parte da cidade vão ficar desertas. Os empregados não vão deixar seus postos até o fim do expediente (não vão sair nem para almoçar); os estudantes da NYU vão se encerrar em suas respectivas faculdades. Atravesso até a loja da Virgin para tomar o café da manhã. Faltam *cozy cups* em Manhattan (deve havê-los, Kate sabia encontrá-los, escondidos em ruazinhas do East Village), aqui há Starbucks, lojas de redes de lanchonetes, cafés de livrarias e de museus. São mais das 9 h e o local está vazio, só tem o segurança e uma garota no balcão. Música brasileira. O que é que eu

sei? Poderia procurar aqui na loja. Ou, melhor, perguntar a Anne. Seria a maneira. Outra seria contar-lhe a história de Alberto R., a quem, sim, posso tentar escrever uma carta, nessas horas infrutuosas no café.

Diário de um romance

**(O processo de escrita de
Romance de amor e loucura)**

Roger Cardús Juvé

Apresentação

O diário seguinte, parte teórica da presente dissertação de mestrado, contém a “preparação do romance”. A fase de pesquisa e preparação, realizada anteriormente e durante a escrita do romance, e que foi um trabalho interno e externo ao mesmo tempo, pode ser acompanhada em suas páginas.

No diário estão registradas as leituras, exaustivas mas não sistemáticas, que, quando confrontado com dúvidas ou dilemas, fiz com o intuito de encontrar a estrutura, a linguagem, a voz narrativa, etc. mais apropriadas para a história que eu queria contar.

Contudo, a maior utilidade do diário foi de ordem emocional, já que foram emocionais os maiores obstáculos encontrados no processo de escrita. Progressos, dificuldades, alegrias, frustrações, erros e acertos não só estão nestas páginas quanto, muitas vezes, surgiram ou foram resolvidos nelas.

A intuição de escrever um diário como ferramenta de descoberta e de apoio emocional revelou-se acertada. Mas a ideia não é nova de modo algum. No meu caso, surgiu da lembrança do *Romance de um romance*, livro em que Thomas Mann conta, em forma de diário¹, a gestação de *Doktor Faustus*. Foi nessa forma, e só na forma, que eu me inspirei.

As modificações feitas com respeito ao diário original, escrito em cadernos, limitam-se a ligeiras correções de estilo e à eliminação de repetições não significativas. O salto entre os anos 2000 e 2007 explica-se porque, nesse período, trabalhei numa editora e deixei o projeto do romance de lado. Os colchetes usados nas entradas dos primeiros anos sinalizam observações atuais, feitas para contextualizar esses textos antigos, que não formavam parte de um diário, mas já se referiam à escrita do romance. Indico o ano só na primeira entrada de cada mês.

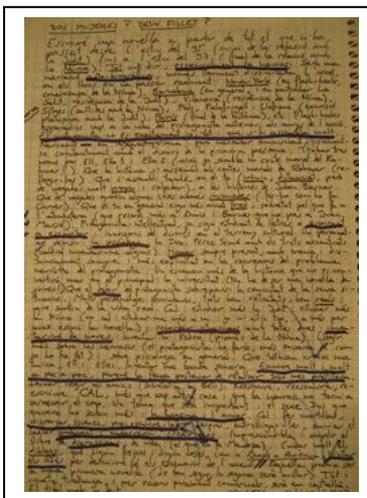
¹ A memória é enganosa. O “diário” de Thomas Mann, vejo hoje, não é tal: *Romance de um romance* conta em detalhe o processo de criação, mas não tem a forma de um diário.

Por último, todos os livros e artigos citados ou comentados, junto com vários outros que, de uma maneira ou outra, me foram úteis, encontram-se devidamente referenciados na Bibliografia.

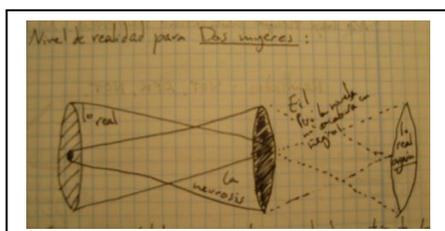
20 de janeiro de 1997, Barcelona. [Anotação no segundo dos quatro cadernos que guardei do tempo em que sofri um transtorno neurótico; com data de um ano após a aparição da doença, acompanha breves notas sobre fatos relacionados com ela. Tenho 22 anos.] Para cuando todo haya pasado y pueda concentrarme en escribir, entonces recordaré, concentrado.

31 de maio de 1997, Barcelona. [Citação de Fernando Pessoa, em espanhol.] “Expresar las ideas en las palabras inevitables.”

10 de outubro de 1997, Barcelona. [Página inteira sobre a escrita de um possível romance, com o título *Dos mujeres*, baseado na neurose, que inclui referências a personagens, enredo, estilo, etc.] [Ver entrada de 9 de maio de 2009, p. 89.]



12 de dezembro de 1997, Barcelona. [Esquema para o romance intitulado *Dos mujeres*.]



Texto:
Nível de realidade para *Dos mujeres*:
o real
a neurose
Ei! Mas o romance não vai terminar em negro!
o real again

10 de fevereiro de 1998, Barcelona. [Em espanhol no caderno.] Não existe nada de ilógico no comportamento de uma pessoa. Desconhecemos o lugar recôndito em que ele nasce, mas o lugar está ali, na pessoa que se comportou de tal maneira. O bom escritor, mostrando esse tipo de comportamentos numa personagem, estende um fio que pode levar o leitor a descobrir uma parcela desconhecida dessa personagem. Assim, o leitor conhece mais a personagem, se aproxima mais dela, de seu ser “real”; e isso tem alguma coisa a ver com conhecer melhor a si mesmo.

4 de abril de 1998, Barcelona. Quando escreva o romance, reler as notas tomadas nas disciplinas “Pensamento greco-latino” e “Filosofia da linguagem” [do curso de Humanidades da Universidade Pompeu Fabra, onde me formei].

13 de setembro de 1998, Barcelona. [Transcrição de parágrafos do livro de memórias *Papa Hemingway*, de A. E. Hotchner, dedicado aos últimos anos da vida do escritor. No primeiro parágrafo, Hemingway tenta animar um fragilizado Scott Fitzgerald. Tradução do catalão.]

‘Como diabos se lamentar dos dramas pessoais quando se é escritor? Ao contrário, deveríamos estar-lhes agradecidos, pois qualquer escritor válido há de ser gravemente ferido pela vida antes de poder escrever com seriedade. Superada a ferida recebida, é preciso sentir-se feliz: é sobre essa ferida que se deve escrever, permanecendo tão ligado a ela como um sábio em seu laboratório. Não podemos enganar nem fingir. Devemos tirar proveito honestamente da ferida.’

[...]

Ernest replicou que se a omissão era feita de modo inconsciente pelo autor, então a narração não valia nada. São as coisas importantes conhecidas e não expressadas as que reforçam a narração.

22 de outubro de 1998, Barcelona. Não tenho o tempo suficiente nem a vontade para contar tudo.

31 de outubro. [Colado no caderno, um artigo do jornal El País intitulado “La perfección”, do sociólogo Vicente Verdú. Sublinhado, o trecho seguinte:]

[...] E o anseio de perfeição não é só nocivo em se falando de ética; no estético, a perfeição pode levar à fronteira com o feio e, ao extremo, com o monstruoso e o sinistro.

5 de dezembro de 1998, Barcelona. Pensando que o romance que um dia vou escrever deveria tratar diretamente de minha enfermidade neurótica (por que não, uma reportagem romanceada?), vejo e compro na Fnac o livro da psiquiatra norte-americana Kay R. Jamison, *Una mente inquieta*, que fez isso mesmo em 1995, contando seus trinta anos de doença maníaco-depressiva ou bipolar. Alguns de seus comentários vão me ajudar, a mim e ao romance. Comento por contraste ou semelhança. [Escrevo sobre a neurose a partir do que Jamison escreve sobre a mania-depressiva.]

A neurose obsessiva *não* distorce o estado de ânimo: *anula-o*. Só afeta o estado de ânimo *depois* de cada “episódio”, quando a pessoa é consciente de ter estado sofrendo – mas então já não sofre e já não se aflige, sente-se bem. [...] A angústia é devida a cada episódio neurótico concreto, não à compreensão lúcida do estado neurótico geral.

A neurose não distorce o raciocínio, que segue funcionando bem, ainda que em espaços que não lhe são próprios. A doença está na direção que toma o pensamento racional, nos objetos que escolhe; e, também, no uso exclusivo desse tipo de pensamento em prejuízo de outras faculdades mentais. Só depois de anos, esse raciocínio começa a fraquejar, quando o doente já é muito consciente de seu estado e tende a confiar menos nele.

[Citação do próprio livro no caderno:]

Uma das vantagens de padecer a enfermidade maníaco-depressiva durante mais de trinta anos é que poucas coisas parecem impossíveis de vencer.

[Faço um juízo de valor (provavelmente pouco fundamentado, pois, neurótico, leio sem concentração).] O livro está resultando bastante ruim. Não passa emoção, não transmite o sofrimento.

18 de dezembro. “Quem pretende recordar deve entregar-se ao esquecimento, a esse perigo que é o esquecimento absoluto e a esse belo acaso em que se transforma então a recordação.” (Maurice Blanchot)

5 de abril de 1999, Barcelona. Sobre a ineficácia das palavras, leio *The New York Trilogy*, de Paul Auster. (Auster também poderia ser um bom modelo para o romance.)

10 de abril. Continuo lendo Paul Auster. Concordo: no mundo existem demasiadas *thingless words*, palavras sem coisa. [Posso ler o romance com certa concentração porque essa questão diz respeito à minha doença.]

17 de maio de 1999, Barcelona. O romance deveria ser a transcrição destes diários.

26 de maio. Terminada a *Trilogia de Nova York*. [Transcrição de alguns parágrafos do livro no caderno, entre os quais os seguintes:]

Using aimless motion as a technique of reversal, on his best days he could bring the outside in and thus usurp the sovereignty of inwardness. By flooding himself with externals, by drowning himself out of himself, he had managed to exert some small degree of control over his fits of despair.

[...]

Hence, every time we try to speak of what we see, we speak falsely, distorting the very thing we are trying to represent. It's made a mess of everything.

[...]

His method is to stick to outward facts, describing events as though each word tallied exactly with the thing described, and to question the matter no further.

[...]

These three stories are finally the same story [...]. I'm merely suggesting that a moment came when it no longer frightened me to look at what had happened. If words followed, it was only because I had no choice but to accept them, to take them upon myself and go where they wanted me to go. But that does not necessarily make the words important. I have been struggling to say goodbye to something for a long time now, and this struggle is all that really matters. The story is not in the words; it's in the struggle.

17 de julho de 1999, Barcelona. Para um romance (ou para o romance): alguém passa pelo que eu passei, consegue sair, anula o pensamento, e então escreve com a linguagem de verdade.

7 de setembro de 1999, Barcelona. [...] E quando tudo isto tenha terminado, por fim poderei escrever um romance, que talvez saia parecido com a *Cidade de vidro* de Paul Auster. [...] Agora escrevo porque há meses não escrevo no caderno, e algumas coisas estão mudando, e quero poder recuperá-las de um modo fiel quando me ponha a escrever de verdade.

12 de fevereiro de 2000, Barcelona. Para o romance: o inferno da tarde no cinema Bosque, vendo com Laia [Laia inspira uma personagem no romance] o filme *Nadie conoce a nadie*, angustiado e suando, fora da neurose e fora da realidade ao mesmo tempo, com medo de perder para sempre o contato com o real.

[...]

Não sei se vou lembrar-me de tudo quando escreva.

* * *

19 de janeiro de 2007, Barcelona. Trecho do romance *Vieja escuela (Old School)* de Tobias Wolff. Quem fala é, supostamente, o velho Ernest Hemingway, que teria visitado o jovem Wolff quando este estudava na faculdade para se tornar escritor. (Nos últimos anos da sua vida, Hemingway sofreu de mania de perseguição e paranoia, por isso a referência aos “federais”.) [Tradução do espanhol.]

‘Que o que mais? Não fale do que escreve. Se fala do que escreve tocará em algo que não deve tocar e isso se fará em pedaços e não terá nada. Levante-se com as primeiras luzes e trabalhe como um demônio. Deixe que durma sua mulher, isso vai lhe compensar mais tarde. Controle sua pressão arterial. Leia. Leia James Joyce, Bill Faulkner e Isak Dinesen, essa bela escritora. Leia Scott Fitzgerald. Apoie-se em seus amigos. Trabalhe como um demônio e ganhe o dinheiro suficiente para ir a outro lugar, a outro país onde os federais não lhe possam pegar.

Disse que conservara seus amigos? Conserve seus amigos, afeire-se aos seus amigos. Não fique sem amigos.’

12 de junho de 2007, S’Agaró (Barcelona). Não sei até que ponto o que me aconteceu foi extraordinário. Sempre pensei que fosse, e que o fato de tê-lo superado me obrigava de alguma maneira a contá-lo. Não acho que nada de tão extraordinário possa me acontecer no futuro. E o que escreva pode vir a ser de utilidade para alguém. O meu objetivo, porém, é maior, quero desfrutar escrevendo, e contar mais do que a mera doença. Mas se só conseguisse escrever um “caso clínico”, pesado e entediante (algo do que, por outro lado, não creio que seja capaz), já deveria me sentir bem.

Dou-me por satisfeito facilmente demais. Escrever me parece, às vezes, impossível, e quando algum dia o consigo, e escrevo algumas frases adequadas àquilo que eu quero expressar, fecho o caderno e vou dar um passeio. Ou saio a correr. Fico satisfeito comigo mesmo, confiante em que sou capaz, e então vem o desejo de estar bem por umas horas, de ter uns dias de paz, sem a angústia e sem a insegurança. Vejo que posso escrever e paro: melhor não insistir mais. Agora poderia preparar um café e tentar continuar ou, em vez disso, sair a correr. Mas não: já não me deixa tão satisfeito ver que o posso fazer. Quero me pôr a fazê-lo. Mas que vontade de sair a correr! Irei depois, e com sorte voltarei carregado de ideias.

Do que escrevi hoje, a metade não serve. Não serve porque foi escrito na dúvida de se devia seguir ou parar, dar-me por satisfeito ou insistir. Não quis parar e segui, meio forçado, com medo de estar perdendo a concentração. No entanto, é bonito ver estes três cartões cheios, um ao lado do outro, como um tríptico. É agradável escrever neste papel grosso e pautado. A mão desliza...

Quando viu que eu estava bloqueado, meu psicólogo e psiquiatra de Barcelona, que tem este tipo de cartões em cima da mesa, sugeriu-me dividir o livro em capítulos correspondentes às cidades onde cada coisa aconteceu. Já pensei nisso antes. Em 2003, escrevi sobre a época passada em Nova York. Mas escrevi mais sobre a cidade do que sobre a doença em si. Isso não é ruim, diria meu psicólogo. Não. Mas não é o que me interessa contar.

15 de junho. Ainda “sinto” as frases quando pretendo escrever, e assim não é possível. Levo as frases à mente, não vêm sozinhas, e essas não servem. As frases vêm, virão quando deixe tudo, levante da mesa e me ponha a escovar os dentes. Ou no chuveiro. Ou quando saia a correr (sempre que não saia com esse propósito). É comum a muitos escritores: ideias, frases, parágrafos inteiros vêm-lhes à mente enquanto passeiam, ou correm, ou nadam. O que não acho que lhes aconteça é o que ainda me acontece demasiado, esse pensamento forçado, consciente demais; esse levar frases à cabeça, senti-las, continuar sentindo a mente.

De novo 6 h da tarde. Não sei que diabos faço cada dia até as 6 h. Gastá-lo com 1) banho, 2) café da manhã com jornal, 3) leitura de algum e-mail, 4) mais jornal, 5) hoje, uma hora tomando banho de sol na piscina (outros dias, qualquer outra coisa), 6) almoço, 7) dormida. Agora poderia sair a correr, ler um livro mais um pouco, jantar... E assim perder o dia todo. Não seria a primeira vez. Se corro ou faço esporte, não o considero totalmente perdido – mas quase. Muitos dias não faço nem isso.

17 de junho. Ontem tive paciência. Como pediu meu psicólogo, aguentei o “Roger estúpido” (são palavras minhas) várias horas, enchi alguns cartões. Mas a concentração, o mergulho na escrita, o esquecimento de todo o resto, a fluidez, não chegaram nem às

8, nem às 10, nem às 12, nem às 2 h da madrugada. Escrevi mais do que nunca e a concentração não chegou. Posso consolar-me pensando que sou capaz de escrever melhor. E usar o escrito para, um dia, concentrado, melhorá-lo. O esquecimento de mim mesmo que me permitiria escrever bem deveria acontecer, já aconteceu. Já consigo alcançar esse estado, embora sempre dure pouco.

Hoje ventou todo o dia. Também faz sol: haverá gente na praia até a última hora. “Contumaz”. Eu não posso usar, não quero usar, determinadas palavras. Nem em catalão, nem em espanhol, nem em português. Não posso nem quero usar palavras que as pessoas não usam. O resultado será que o que escreva parecerá mais real, mas menos exato.

Continuo sem poder escrever. Estou desanimado. A [minha namorada] Gabriela não escreveu. São seus e-mails, e os e-mails dos amigos, aquilo que me permite estar só. O desânimo é um obstáculo a mais, tão grande como essa *self-consciousness*.

Talvez deveria ir escrevendo o livro em pedacinhos na Internet. Talvez (é uma boa ideia) deveria recorrer ao método das perguntas que sugeriu minha amiga Isabel, do Rio. Isabel propôs ir me fazendo perguntas por e-mail para que eu as respondesse e fosse, assim, escrevendo o romance.

20 de junho. Não sei o que fazer, se descer à praia ou ficar aqui no apartamento tentando escrever. Há poucas coisas mais agradáveis, ou relaxantes, do que sentir o sol na pele; e torturar-se, passar mal tentando escrever, parece desnecessário. Quero desfrutar escrevendo. Por enquanto, não consigo. Canso, vem o sono. E deveria ser fácil, porque tudo o que eu quero escrever eu vivi. Sei o que eu quero contar, mesmo que não saiba em que ordem, ou usando que estrutura.

Não vou sentir-me bem descendo à praia, nem tenho mais vontade de ficar no bar tomando café e lendo o jornal. Cansei de ler jornais. Melhor ficar aqui, escrevendo nos cartões, com ou sem café, fazendo poucas pausas. Ver aonde isto me leva. Não estou escrevendo sobre o que eu quero escrever, mas ao menos estou escrevendo, de um modo bastante fluido e até com certo prazer. O medo, porém, segue presente: a qualquer

momento posso me bloquear, não saber como continuar. Ou me desesperar ao ver que nada do escrito serve. Mas assim como sei que é melhor ficar aqui enchendo cartões, sei que neste escrever frases que depois não vou usar deve haver um valor escondido.

Sei o que quero escrever. Faltam-me os episódios concretos. Não sei qual será a estrutura, mas sei qual deve ser a forma. Quero contar tudo com a maior exatidão. Com a maior delicadeza, como li em Clarice Lispector: “A história já está em mim, só falta trazê-la à luz com delicadeza”. Escrevo num estado de torpor. Mas sentar-me à mesa já não é sinônimo de passar mal. Talvez agora deva escrever desta maneira, curtindo a escrita, sem me preocupar com encontrar as palavras exatas, sem me incomodar por estar escrevendo besteiras.

23 de junho. Ontem escrevi bem o episódio da cafeteria em Nova York. Logo me aconteceu o de costume: resolvi parar e conservar essa alegria, e essa certeza, em vez de aproveitar a ocasião e ir em frente. Assim evito escrever a seguir algo não tão bom, e que a “felicidade” se transforme de novo em frustração.

Meu cérebro está em alerta. Não estou mais neurótico: é um alerta bem mais tênue, um querer me concentrar, um querer lembrar que não me deixa fazê-lo, ou não o tempo suficiente.

Nunca estou satisfeito.

Que absurdo ter de escrever sobre algo que não tenho vontade de escrever, mas que ao mesmo tempo é o único assunto sobre o que vale a pena que escreva! E ter de fazê-lo carregando ainda a incapacidade que me leva a só poder escrever frases soltas!

Hoje escrevi durante uma hora e meia, sem tomar café (só uma xícara, no final), e acho que vou poder aproveitar alguma coisa. Talvez esteja encontrando uma maneira, depois de tanto tempo, de voltar a escrever. Agora vou sair, dar um passeio. Estou num lugar privilegiado, vendo o mar. Talvez compre um jornal estrangeiro – estou num lugar turístico. Quase sempre tenho um desejo enorme de estar num outro lugar. Não levarei papel nem nada para escrever, mesmo sabendo que as frases virão, frases melhores do

que as que tenho escrito. Tentarei deixá-las vir e ir, e procurar lembrá-las depois. Que maneira estúpida de escrever.

20 de outubro de 2007, Porto Alegre. Lendo “The Eureka Enigma”, reportagem de Jonah Lehrer publicado na revista *The New Yorker* de 28 de julho, vejo, ou lembro, que não é só o escritor quem consegue escrever quando *não está querendo escrever*. Grandes descobrimentos científicos foram feitos quando o cientista *não estava trabalhando / querendo encontrar* a solução ao problema que o ocupava (isto é, não foram feitos “conscientemente”).

8 de novembro de 2007, Porto Alegre. Do escritor e professor Luiz Antonio de Assis Brasil, na Oficina de Escrita Criativa da PUCRS: “O que o autor não escreve ou abandona é muito maior do que escreve. O autor está sempre abrindo mão de caminhos (mas os caminhos abandonados estão sempre na mente do autor)”. Eu não devo, portanto, me preocupar por deixar algum episódio da doença sem contar.

15 de dezembro de 2007, Barcelona. Encontrei por acaso e comprei no aeroporto de São Paulo *Os melhores contos de loucura*, uma antologia editada pela Ediouro e organizada por Flávio Moreira da Costa (que escreve uns textos introdutórios bem fracos). Li os contos no avião. Achei a antologia, em geral, decepcionante, mas me interessaram os contos (ou trechos de narrativas mais longas) de Georg Büchner, Lima Barreto e Carlos Sussekind e Carlos Sussekind Filho. Desses autores vou tentar ler, respectivamente, *Na pena e na cena*, que inclui a novela *Lenz*, *O cemitério dos vivos* e *Diário do hospício* (e *A vida de Lima Barreto*, de Francisco de Assis Barbosa), e *Armadilha para Lamartine*.

28 de dezembro. Li o novo romance de Julian Barnes, *Arthur & George*. Não gostava tanto de um livro seu desde *El loro de Flaubert* [lido em espanhol, na faculdade]. Achei interessante o fragmento seguinte, em que o início de uma investigação detetivesca é comparado à arte de escrever:

It's like starting a book: you had the story but not all of it, most of the characters but not all of them, some but not all the causal links. You had your beginning, and you had your ending. There would be a great number of topics to be kept in the head at the same time. Some would be in motion, some static; some racing away, others resisting all the mental energy you could throw at them.

Um poeta é citado no artigo de um professor de economia, no jornal El País. O poeta se refere aos relacionamentos entre pessoas, à vida cotidiana, mas acredito que sua afirmação possa se aplicar à escrita/leitura de um romance: “La gente olvidará lo que dijiste, incluso olvidará lo que hiciste, pero jamás olvidará lo que le hiciste sentir”.

27 de fevereiro de 2008, Porto Alegre. Lido na Folha de S. Paulo, na resenha de um livro de diálogos entre Norman Mailer e seu filho: “Para o pai, parte dos malefícios psíquicos que assolam a geração do filho advém do fato de escrever diretamente no computador, que une dois processos essencialmente opostos (escrever e corrigir), que exigem habilidades diferentes”. Achei a observação cheia de sentido. Não tinha pensado nisso, mas quem sabe inconscientemente o soubesse. Eu escrevo à mão num caderno – fora de casa, em cafés. Só passo o texto para o computador quando fico mais ou menos satisfeito. Depois imprimo e corrijo no papel.

17 de março de 2008, Porto Alegre. Terminei de ler o livro de Arthur Schnitzler *Contos de amor e morte*, recomendado e emprestado pelo professor Assis Brasil, agora também meu orientador. O livro reúne contos, isto é, ficções, com personagens que sofrem algum tipo de transtorno mental. Alguns em terceira, alguns em primeira pessoa. (Ver também entrada de 29 de março de 2009, p. 84.)

Lista de palavras, expressões e frases usadas por Schnitzler que eu vou poder ou ter que usar: turvações, “reforçado em minha esperança”, inquietação, assustador, “em desarmonia com”, vívido, perambulando, mal-estar, desassossego, apaziguamento, inquietante, “sem oferecer resistência”, ressoar (de palavras), enganoso, demência, torturado, doente/são, impelido, tenso, abalado, sossegado, soluçar, se assustar, “imenso

esforço”, “medo tolo”, tolice, “à revelia dele”, “procurava relembrar”, “a respeito disso não existe mais a menor dúvida”, “e mesmo assim meus pensamentos volta e meia correm naquela direção”, “não poderia acontecer que...?”, “ideias compulsivas”, em ordem, “então tudo está em ordem”, “pensamentos frios”, raciocínio, temor, “parecendo a qualquer um que o visse um despreocupado turista”, “sem emoção”.

Expressões de dúvida ou incerteza, algumas já usadas por mim: “e se...?”, “como provar...?”, “por que ele não teria...?”, “era provável”, “era plausível”.

Expressões que não posso usar por não serem “atuais”, ou não serem “realistas”, ou darem um tom de mistério às narrações que eu não quero para o romance: “escuros abismos da alma”, pavoroso, “obscura ameaça”, “profundezas de sua alma”, “medo indistinto”, presságio, sinistro, “obscuro país das cambiantes possibilidades (no qual conviviam em impura proximidade a maior das probabilidades com aquilo que estava nos limites do imaginável)”, “poderes inimigos”, “espírito maligno libertado”.

Schnitzler escreve, num dos contos:

Robert murmurou essa palavra uma, dez, cinquenta vezes, como se assim pudesse roubar-lhe seu significado e sua força. E, de fato, ela começou a se tornar aos poucos mais vazia e insignificante, e no fim, não era mais nada do que uma sequência causal de letras, aleatoriamente justapostas, não mais ricas em sentido do que o canto das rodas do trem [...].

Excetuando essa última comparação (“do que o canto das rodas de um trem”), que enriquece o parágrafo, eu escrevi algo muito parecido, com as mesmas palavras. Quando estava doente, o resultado de repetir perguntas ou frases obsessivamente (cinquenta ou mais vezes) era sempre o mesmo: uma série de palavras cada vez com menos significado, se esvaziando de sentido, até virarem letras. A diferença é que a personagem do conto repete as palavras para “roubar-lhes” o significado, e assim escapar do que o perturba, enquanto eu as repetia – não podia evitar fazê-lo – querendo que o recobrassem.

29 de abril de 2008, Porto Alegre. Na Oficina de Escrita Criativa, o professor Assis Brasil fala da importância do espaço. O espaço pode ser usado de forma a potencializar/reforçar o conflito. Isso se consegue, em geral, por semelhança, mas pode se conseguir, também, por oposição (homem triste em paisagem alegre). O olhar, diz o professor, pode transformar o espaço. Nenhum espaço é inocente: não devemos deixar o espaço ao acaso.

Li *A mulher de trinta anos*. Balzac usa o espaço (no caso, a paisagem natural) com esse fim: “as manhãs brumosas”; “um céu de claridade fraca”. E chega a ser explícito: “nuvens correndo baixo sob uma abóbada cinzenta ajustavam-se ao estado de sua doença mental”.

30 de abril. Algumas armadilhas a evitar. A primeira ideia para uma descrição pode parecer boa, e ser, no entanto, um lugar comum. Ou, então, a seguinte (em que eu caio com frequência): pensar que uma frase é um achado e ficar com ela, não ir além. Nos grandes escritores, uma frase que é um achado não raro vem seguida de outra frase que *também* é um achado (relacionado com o primeiro) e isso transforma o trecho de bom em maravilhoso.

12 de maio de 2008, Porto Alegre. Segundo Freud [ver também entrada de 25 de agosto de 2009, p.107], a superação da neurose se dá por três caminhos: a) pela arte, b) pela dedicação ao trabalho social, c) (isto não é bem um caminho) pela loucura.

19 de maio. Visito a mostra itinerante “Memória da loucura”, na Usina do Gasômetro. Leio e tomo algumas notas sobre alguns médicos e cientistas, representados em diversos painéis. (Podem ser-me úteis, acredito, para a parte do romance protagonizada por Alberto R., que está num sanatório.)

Philippe Pinel. Em 1801 escreveu o *Tratado médico-filosófico sobre a alienação ou mania*. “Há sempre um resto de razão no mais alienado dos alienados.” (Ele deu nome à seção Pinel, onde esteve Lima Barreto, no Hospício de Pedro II, Rio de Janeiro.)

Esquirol. Psiquiatra francês que influenciou a criação do Hospício de Pedro II, primeira instituição brasileira de assistência aos doentes mentais, e também Teixeira Brandão, primeiro “alienista” brasileiro.

(Acho interessante o seguinte: “No Brasil, em 1830, não havia ainda tratamentos para os doentes mentais. Os ricos eram mantidos isolados em suas casas, longe dos olhares curiosos, enquanto os pobres perambulavam pelas ruas. [...] No Hospício de Pedro II os pacientes de primeira e segunda classe viviam em quartos individuais ou duplos e se entretiam com pequenos trabalhos manuais, jogos e leitura. Os de terceira e quarta trabalhavam na cozinha, manutenção, jardinagem e limpeza. Os últimos recuperavam-se com mais facilidade.”)

Emir Kraepelin. Escreveu *Psychiatrie* e influenciou a primeira legislação brasileira de assistência às doenças mentais. “O manicômio deve diferir o mínimo possível de uma casa particular.”

Sigmund Freud. O ato de ouvir não vai poder se separar mais da prática cotidiana em saúde mental.

Luiz Cerqueira (1911-1984) e Ulysses Pernambucano. Praxiterapia, doentes não mais nos leitos, desospitalização psiquiátrica.

Nise da Silveira. Métodos artísticos como terapia (junto à observação dos trabalhos artísticos dos doentes). Terapia ocupacional.

Nos anos da ditadura militar: insalubridade, eletrochoques, injeções.

Wilson Simplicius e Oswaldo Santos. Eles descentralizaram o poder nos hospícios. Os próprios pacientes registravam nos livros de ocorrências suas ideias. Incentivo à criatividade.

Hoje: “Programa De Volta Para Casa”, “Programa de Redução de Leitos Hospitalares de Longa Permanência”, “Serviços Residenciais Terapêuticos”.

3 de junho de 2008, Porto Alegre. Depois do almoço, deito-me a ler e durmo. Acordo às 15 h. No café da Usina, leio e reviso, melhora páginas já escritas (pertencentes ao início do romance). Trabalho com pressa, faço pequenas mudanças (vírgulas, etc.), fico insatisfeito. Volto ao apartamento às 16 h. O dia não está frio e resolvo sair a correr e escrever mais tarde. Sinto que sair a correr é procrastinar, mas saio mesmo assim. Na volta, não escrevo: termino uma tradução para a editora de Barcelona. Às 20 h, fico um pouco na Internet, escrevo um breve e-mail e um breve post no blog. Janto com a intenção de escrever depois. Às 22 h, sento em frente ao computador para introduzir as mudanças feitas na Usina. Cansado e sem vontade, penso que nem isso eu vou poder fazer. Penso que amanhã, no cibercafé, com um café ao lado e o dia todo pela frente, conseguirei melhorar o texto (quero melhorar essa parte, em vez de continuar, para entregar um trecho bom ao professor Assis). Insatisfação.

4 de junho. Escrevo depois do almoço, na universidade. Duas horas, concentrado. Só meio concentrado na terceira. Fico medianamente satisfeito. Penso que à noite poderia continuar, mas nem tento: dou-me o prazer de ver, completo, o jogo Boca Juniors - Fluminense.

6 de junho. Escrevo à tarde, como previsto, na universidade. Entre duas horas e meia e três, concentrado. Fico satisfeito. Com a sensação do dever cumprido, mas sem aquele regozijo² que sentia quando escrevia nos anos anteriores à neurose – ou que senti no semestre passado, escrevendo alguns contos para a Oficina. Paro de escrever quando a concentração e a vontade vão se desfazendo de um jeito natural.

12 de junho. Leio “The Running Novelist”, de Haruki Murakami, na revista *The New Yorker*: um texto autobiográfico em que ele conta como se tornou escritor. Além de

² Rollo May, em *A coragem de criar* (ver Bibliografia), define esse “regozijo”: “A emoção que acompanha o mais alto grau de consciência, o estado de espírito que nasce da experiência de realizar as suas potencialidades”.

com aquilo que o título deixa adivinhar, identifico-me com vários fatos de seu relato, como o sublinhado na citação, e isso me anima e me dá força para seguir:

Most of my friends were adamantly against my decision, or at least had doubts about it. ‘Your business is doing fine now,’ they said. ‘Why not just let someone else run it while you write your novels?’ But I couldn’t follow their advice. I’m the kind of person who has to commit totally to whatever I do. If, having committed, I failed, I could accept that. But I knew that if I did things halfheartedly and they didn’t work out I’d always have regrets.

So despite everyone’s objections, I sold the club and, a little embarrassedly, hung out my sign as a novelist. ‘I’d just like to be free to write for two years,’ I explained to my wife. ‘If it doesn’t work out, we can always open up another bar somewhere.’

Eu pedi a minha amiga e ex-editora-chefe de Barcelona, Clotilde de Bellegarde, com quem trabalhei primeiro como editor e depois (até hoje) como freelancer, que não me enviasse mais trabalhos ao Brasil. Queria – quero – me dedicar por completo à escrita do romance. Só me sentirei satisfeito quando saiba que fiz tudo o que posso fazer – que “dei o meu melhor”. Sinto certa vergonha em me chamar de escritor e digo, sempre, se perguntado, que “escrevo”. Eu escrevo, não sou escritor. Tenho, simplesmente, uma história para contar, e nenhum plano de futuro além desse. *Tendo me entregado*, também não será um problema admitir meu fracasso. Será o momento de procurar outra profissão, sem frustração alguma. Pena eu não ter, como Murakami, uma mulher.

Mas o longo artigo de Murakami é dedicado, principalmente, aos benefícios que ele descobriu na corrida. Desde que se tornou escritor, explica, ele nunca deixou de correr. Viu que correndo cada dia de manhã conseguia se relaxar, esvaziar a mente, deixar as ideias fluírem, se concentrar. “When I think about it, having the kind of body that heavily puts on weight is perhaps a blessing in disguise”. Eu corro há muito tempo, me exercito há muito tempo (uma severa escoliose seria minha “blessing in disguise”). Correndo escrevi os contos da Oficina, no sentido de que foi correndo que consegui, várias vezes, me desbloquear, que me vieram à mente frases, ideias, soluções para obstáculos literários e até emocionais. Assim está sendo também com o romance. Corro de tarde, à beira do rio Guaíba (ou à beira do mar, se estou em S’Agaró; ou na avenida Diagonal, se em Barcelona). Só hoje, por ter lido esse texto, experimentei correr de manhã. Saí às 7:30 h. E mais uma vez, “escrevi”: no meio da corrida, vi a estrutura do romance; mais importante, vi por onde começar,...

17 de agosto de 2008, Porto Alegre. Encontro uma reflexão sobre a fidelidade aos sentimentos na arte (a ter em conta na hora de escrever o romance). É da cantora Marisa Monte, em entrevista à Folha de S. Paulo:

A sofisticação [dos músicos da Velha Guarda da Portela] vem da pureza, do contato direto com os sentimentos. Quanto mais você consegue ser fiel ao que está sentindo, para mais pessoas está falando. Todos nós vivemos temas como solidão, amor, abandono, o encontro de uma nova pessoa e a juventude que não se tem mais. A vivência deles é uma fonte de sabedoria. Sofisticação, para mim, é só isso. Não existe nada mais sofisticado do que sabedoria de vida.

18 de agosto. Se literatura é coisa de vagabundo, como escreve, meio brincando, meu amigo Ronaldo (grande leitor, empregado numa livraria em Salvador), o que não será seu estudo?

22 de agosto. Sem o amor da Gabriela, me animo um pouco ao ler esta frase na revista *The New Yorker*, numa crítica do filme *Les amours d'Astrée et de Céladon*, de Eric Rohmer: “(...) as a result, it takes Rohmer a long time to reunite the original pair, but from Love delayed, he asserts, nothing less than music, painting, poetry, architecture, and religion are born”. Não sei se isso é certo para mim. A Gabriela me deu força. Namorar dava sentido a estar escrevendo contos na Oficina da PUCRS, por exemplo. Amar alguém dá sentido às coisas. A desilusão, a tristeza, a melancolia, não me ajudam.

28 de agosto. “Cadê o prazer [de escrever]?”, pergunta a Raquel, minha psicóloga.

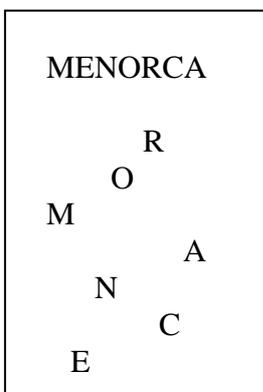
30 de agosto. Na Oficina de Escrita Criativa, anoto algumas observações do professor Assis Brasil. A credibilidade, ele diz, está ligada à questão da qualidade do texto. Escrever bem é a chave de tudo. E a qualidade está ligada à percepção de que um texto

“x” não poderia existir de outra maneira. (A isto eu sempre chamei de “necessidade”: um bom texto literário, ou uma boa frase, é “necessário” nesse sentido.)

3 de setembro de 2008, Porto Alegre. É curioso como Sergio Kokis, em seu romance *A casa dos espelhos*, lido para uma disciplina do mestrado, relaciona com frequência as cores com os metais ou elementos químicos que os possuem ou produzem: verde → sulfuro, cobre; amarelo, branco → magnésio; rosa, púrpura → cádmio.

Defeitos encontrados em *A casa dos espelhos*: algumas repetições; algumas literatices; insuficiente imbricação entre os capítulos alternos (que se passam uns no Rio de Janeiro, outros no Canadá).

5 de setembro. No chuveiro (como sempre, no chuveiro), dou-me conta de que a ilha de Menorca, um dos lugares onde deve se passar meu romance (ou ao menos um dos lugares onde aconteceu a história que quero contar), dá exatamente isso, um romance:



8 de setembro. Leio *O mundo à minha procura III*, de Ruben A., para uma disciplina do mestrado. Defeitos: discurso verborrágico; excesso de metáforas; texto barroco, quase rococó; uma riqueza formal que não disfarça a falta de interesse do enredo (professor de francês comercial, na cidade de Porto, compra casa e pensa no passado: no pai, numa ex-namorada, num amor platônico,...).

11 de setembro. Crio a pasta “Romance” no computador. Escrevo no caderno durante aproximadamente duas horas e meia, à tarde, com café e bolachas. Passo para o computador a primeira (ou primeira e segunda) página(s) do romance, que traduzi do espanhol para o português dias atrás. Fico insatisfeito. Acabo cansado, com vontade de dormir.

A Gabriela está meio presente em meus pensamentos.

Acho que escrevi concentrado (o que já é um sucesso), mas sem prazer (devido a quê?).

12 de setembro. Imprimo a primeira página. No Mercado Público, com uma salada de frutas e depois com um café, releio e corrijo, melho a parte que me deixou insatisfeito. Fico bastante contente, se bem que com aquela inquietude que vem sempre de pensar, logo que paro de trabalhar, que o texto pode ainda não estar bom. (Ia escrever “medo”, mas não é mais medo: é inquietude mesmo, algo mais leve e suportável.)

13 de setembro. Descubro e digo à Raquel que um impedimento maior para a escrita do que meu perfeccionismo é minha impaciência.

15 de setembro. Leio on-line, no New York Times, que existe uma divisão clássica, feita por Philip Rahv, dos escritores norte-americanos em *palefaces* e *redskins*. Entre os *palefaces* estariam Henry James e T. S. Eliot, “who specialized in heady, cultivated works rich in symbolism and allegory”; entre os *redskins*, Whitman e Dreiser, “who embraced an earthier, more emotional naturalism”. Sempre gostei mais destes últimos (nos anos imediatamente posteriores à neurose, só li eles), da linha que vai de Mark Twain a DeLillo ou Philip Roth, passando por Hemingway, Fitzgerald, Salinger ou Carver. Se eu tenho um modelo, é o deles.

24 de setembro. Segui a dica da Raquel e, na segunda-feira, continuei a escrever para aproveitar os ânimos de sábado e domingo, quando escrevi bem (e fui ao cinema com a

Anna: isso também me animou). Foi bom, consegui. Mas ontem, terça-feira, trabalhei para a editora de Barcelona, tive aula na universidade e saí a correr: não escrevi. E hoje, no Centro, no café, veio-me um grande desânimo unido a uma sensação de cansaço físico. Fiquei sem vontade de fazer qualquer coisa. O desânimo não é só pela interrupção da sequência de dias de escrita. Acho que tem a ver com a solidão: na segunda, vi a Raquel, ontem vi a Anna, hoje a perspectiva era passar o dia só. É como se a solidão fizesse com que tudo perdesse sentido, mesmo sendo uma “solidão por um dia”. Vivo no imediatismo, depois da neurose aprendi a viver assim, e achei isso bom; mas parece que viver desta maneira também tem seu lado ruim.

26 de setembro. A Raquel lê as quatro páginas do romance que lhe enviei por e-mail. Lê na sessão, em voz alta, e isso me ajuda a ver o que “não funciona”: as frases longas demais, literárias demais, etc. Ela também me assinala se uma palavra fica estranha, se alguma construção soa esquisita ou está errada em português. Com as anotações nas páginas e, mais importante, tudo fresco na memória, reviso o texto na cafeteria do Hospital Mãe de Deus – lugar que me é especialmente querido. Com um café, melhoro essas quatro páginas, as deixo prontas. Ao menos prontas para mostrá-las ao professor Assis Brasil. Mas o que fico é satisfeito comigo mesmo, com minha capacidade de concentração, que me surpreende: durante o tempo da revisão (uma hora), perco de vista o lugar onde estou, algo inaudito, impossível uns meses atrás.

3 de outubro de 2008, Porto Alegre. A Raquel lê a página que escrevi ontem (uma tradução do espanhol; até agora, faço principalmente traduções, e ao fazê-las procuro melhorar o texto, acrescentar-lhe elementos, adequar o tom, etc.; mas, afinal, são só coisas já escritas). Não gosto. Não gosto da forma, não gosto do conteúdo, não acho que o trecho se encaixe onde eu pensei. Hoje não dá mais para polir nada. Fico desanimado e sem saber como seguir. Pergunto-me, inclusive, sobre o interesse que o que estou escrevendo tem. No apartamento, durmo. Depois, das 22 h à 1 h, fico mexendo no blog. Antes de me deitar, penso que ler o livro *Oficina de escritores*, de Stephen Koch, poderia me animar.

Lendo esse livro na cama, voltam, efetivamente, os ânimos. Me ajuda, por exemplo, este comentário de Steinbeck: “Se uma cena ou segmento começar a levar a melhor sobre você, e você ainda quiser insistir nela, contorne-a e prossiga. Quando tiver terminado tudo, volte para lá; talvez você descubra que todo o problema era que ela não se encaixava naquele ponto”. Ou as observações seguintes, do próprio autor do manual:

Assim que sua primeira versão estiver pronta, prepare-se: vai achá-la ruim [...]. Faça uso da má qualidade. Use cada erro. As partes balbuciantes assinalam onde é necessário que as palavras expressem exatamente o que você quer. As arestas indicam o que deve ser polido. Os buracos mostram o que precisa ser preenchido. As partes enfadonhas indicam o que deve decididamente ser eliminado. As lacunas apontam o que você deve procurar e descobrir.

Com os ânimos de volta, fecho o livro. Leio mais umas páginas de *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, para o mestrado. Durmo sabendo já como continuar escrevendo o romance amanhã.

8 de outubro. Na segunda-feira (dia 6) almocei sozinho na universidade, com o objetivo de não perder a concentração (fui lá com vontade de escrever). Irritou-me encontrar a salinha onde escrevo ocupada; impacientou-me que a Anna demorasse em terminar de conversar com uma amiga para tomar um café comigo; chateou-me, se bem que o que dizia me interessava (ele falava sobre os seus contos), ter que escutar um colega;... Quando por fim fiquei sozinho em frente ao computador, com o arquivo do romance aberto e um café, não tive energia para nada. Cinco minutos depois, fechei tudo. Voltei para casa e dormi, das 20 às 22 h. Comi duas maçãs (essa foi minha janta) e li até tarde.

Na terça-feira, tentei não falar em aula, poupar energia. Não foi a solução. Ou por achar a aula meio inútil ou pelo meu próprio descaso, o fato é que me impacientei. Quando a aula terminou, disse à Anna: “vou para a sala” (nem dei tchau). Lá, caí num velho erro: começar querendo ter terminado. Traduzi uma cena do romance rápido, com pressa, e ao cabo de uma hora fui para casa. Às 21 h estava na cama.

Hoje acordei tarde e triste, sabendo que não ia ver ninguém e que provavelmente não teria notícias da Anna. Mas estava meio resolvido a não me deixar abalar. Das 12 às 14

h traduzi para Barcelona. Depois do almoço, no Centro, traduzi uma cena do romance durante uma hora, no cibercafé. Foi bom. À tarde, saí a correr. Na volta, em casa, às 19 h, com umas bolachas e um suco, peguei outra cena para traduzir: foi bom, pois não só traduzi, lembrei de coisas importantes e as acrescentei. A mudança, hoje, se produziu quando, na rua, indo ou voltando do Centro, ou correndo à beira do rio, pensei: estou sozinho, está bem: não é disso que eu preciso para escrever? Pensei, também, em pessoas que há tempo querem ler meu romance.

9 de outubro. Sonhei com duas pessoas do colégio que não vejo desde então, quando tínhamos 18 anos: uma garota por quem cheguei a me apaixonar e um bom amigo. (Sonho muito, no Brasil, com colegas de escola. É esquisito, pois não sonho com os amigos da graduação, mais recentes e que não deixei de encontrar.) Acordo triste. Na rua, é um daqueles dias em que dá vontade de chorar por bem pouco: porque um grupo de pessoas está bloqueando a calçada; porque um garoto dos que repartem publicidade dá um passo atrás sem olhar e quase me faz tropeçar. Como de costume, não sei bem o que vou fazer. Passo pelo cibercafé sem me deter. Não quero ficar só. Vou para a universidade, onde talvez encontre alguém. Enviei uma mensagem à Anna, que disse que poderia me encontrar. Às 11 h, fico sozinho na sala de aula onde, às 14 h, teremos Oficina. Traduzo mais um trecho da parte do romance já escrita em espanhol. Faço-o automaticamente, triste, quase sem vontade.

À tarde, o contato com os colegas de Oficina me anima, assim como analisar com eles um conto bom. Os comentários escritos pelo professor Assis num trecho do romance (as quatro primeiras páginas) me deixam desanimado de novo. Falo com ele. Ele confia em mim. Isso e o fato de ele me esclarecer algumas dúvidas me anima *de novo*. Não gosto deste sobe e desce, pareço a bolsa de valores nesta crise. Pareço a crise mesma, que ninguém sabe quão profunda é, nem até onde vai.

11 de outubro. Ontem o dia foi bom. Acredito que foi porque resolvi ir à PUC. Lá encontrei T. e a professora R. Depois de estar em sua companhia, à tarde, escrevi bem,

mais um trecho do romance. Em casa também: escrevi um post no blog, não estive triste.

Mas hoje, agora, enquanto tomo o café da manhã no Centro, as forças começam a faltar, e não sei se escrever no cibercafé vai me ajudar. O problema volta a ser a perspectiva de não ver ninguém durante o dia. A Anna parou de mandar mensagens de celular, talvez queira definitivamente se afastar. Eu não posso usar ninguém para não me sentir só. T. expressou bem meu problema na quinta, na PUC: “Mas tu não anda muito sozinho?”.

18 de outubro. Percebo que, desde que estou bem (há uma semana), escrevendo, não me sentindo sozinho, deixei de sonhar com meus antigos amigos da escola.

20 de outubro. Leio na Internet o trecho de uma entrevista concedida por William Faulkner à *The Paris Review*:

Experiência, observação e imaginação a serviço da tentativa de criar pessoas verossímeis em situações comoventes e críveis, da maneira mais comovente possível.

24 de outubro. Quero escrever, em expressão do narrador de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, “à medida que me vai lembrando”.

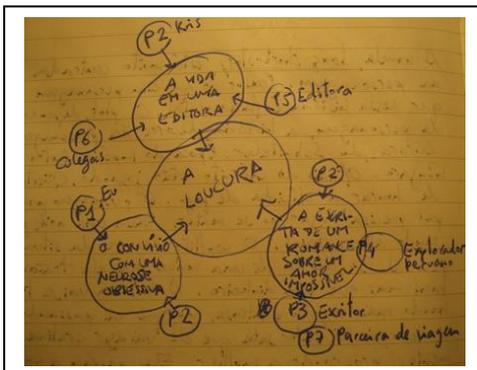
Faço-me algumas perguntas sobre o romance: com ou sem digressões?; com ou sem outras personagens importantes, além do narrador?; com mais ou com menos elementos fictícios? Lembro do *Tristram Shandy*, de Sterne: “na digressão está a vida do romance”.

A leitura de *A coragem de criar*, de Rollo May, para a disciplina de mestrado “Teorias da criação literária” está me ajudando muito. May escreve sobre a tensão que acompanha a atividade criativa; sobre a “solidão construtiva”; sobre a importância do descanso para que as ideias surjam. Cita vários trechos da autobiografia do matemático Henri Poincaré, como o seguinte [p. 65; ver Bibliografia]:

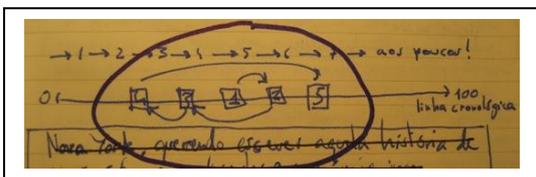
Essas inspirações súbitas só aparecem após dias de esforço voluntário, aparentemente sem resultado, cuja trilha parece completamente fora do rumo certo. Esse esforço não é, portanto, tão estéril quanto parece; é ele que põe para funcionar a máquina do inconsciente, que sem isso não teria entrado em movimento, e nada teria produzido.

Comentando a novela *Aurora*, de Arthur Schnitzler, o professor Assis fala dos momentos de pausa na história, que fazem com que logo o conflito volte com mais força. Ele diz, também, que a questão da novela não é só uma questão literária, senão uma questão humana. E que o “querer” das personagens, aquilo que aciona a história, não é um querer puro: é sempre um querer com alguma contradição interna. Esse *inner conflict* é o que dá consistência humana às personagens.

26 de outubro. Procurando uma estrutura para o romance.



P = Personagem



28 de outubro. Hoje terminei de escrever meu melhor conto. [“Coragem”, publicado na revista Letrônica da PUCRS.] O mais comprido e mais complexo. É bom que eu lembre como eu fiz – de que jeito o consegui. Escrevi-o sem nenhuma pressa. Deixei que fosse acontecendo. Tanto o início quanto o resto da primeira parte, assim como as melhores

frases, vieram-me à mente à noite, antes de dormir. Por várias noites consecutivas. Não tive preguiça: mesmo pegando no sono, não deixei de anotar nada. O mais importante foi não ter pressa. E ter confiança. (Ter confiança foi fácil: as frases não deixavam de vir.) Uma vez completada a primeira versão, fiz duas revisões, sempre devagar e sem pressa, tomando café, em momentos de “paz” e até de certa empolgação.

10 de novembro de 2008, Porto Alegre. Leio a versão definitiva do conto (distribuída hoje na Oficina para ser analisada pelo grupo na próxima aula) em voz alta, interpretando, e no fim digo para mim: *amazing*.

4 de dezembro de 2008, Porto Alegre. Terminei de escrever, para a disciplina “Literaturas Lusófonas” do mestrado, um ensaio sobre o livro *De profundis. Valsa lenta*, de José Cardoso Pires. O escritor português sofreu um acidente vascular cerebral, não propriamente uma doença mental, mas o processo pelo qual passou compartilha características com certas doenças. A leitura do livro foi prazerosa e útil.

No prefácio ao relato de Cardoso Pires, o professor e médico João Lobo Antunes reivindica o tratamento literário escolhido pelo autor e se manifesta contra os “interrogatórios, testes, etc. usados para o estabelecimento do conhecimento científico desse tipo de doenças”:

Em minha opinião, a sua história clínica só poderia ser contada ao seu modo, o que significa que os fenômenos que descreve são mais facilmente apreensíveis através dos seus instrumentos narrativos do que através de um relatório minucioso de um qualquer neuropsicólogo.

A incerteza, o não saber, não poder dizer de maneira certa, não lembrar com exatidão, permeiam o relato. Sinal disso é o uso recorrente que Cardoso Pires faz de palavras expressivas da dúvida: são os “acho”, “parece”, “creio”, “nada garante”, “quando?”, “talvez”, “é possível”, “suponho”, “não sei”, “não posso dizer”, “não faço idéia”, “devem ser”, “seria?”. É possível dizer que estas palavras e construções, que aparecem com tanta frequência nos relatos de doenças mentais, são justamente aquelas que outros

escritores, em outros textos autobiográficos, procuram evitar, pois sua intenção é, em geral, narrar os fatos vividos como certos e reais.

19 de fevereiro de 2009, Porto Alegre. Como recriar estados de consciência mediante palavras? E o narrador vai ser o “eu” de então, de 2000, que não os entendia, ou o “eu” de agora, que os entende e pode explicar?

O que significa escrever sobre uma doença mental? Se as realidades inventadas ou irrealidades são infinitas, por que contá-las? Talvez o contado não deva ser essa realidade “inventada”, esse particular “desvio do caminho”, com suas características específicas, senão o que existe em comum nas doenças mentais, o que leva a elas, o sofrimento, a luta,...

22 de fevereiro. Já fiz várias tentativas mas ainda não comecei a escrever o romance que eu quero, na forma que eu quero. Ainda não encontrei essa forma, essa estrutura – e acho que existe uma forma necessária para cada história que se quer contar.

1 de março de 2009, Porto Alegre. Leio o livro *Autobiography of a Schizophrenic Girl*, uma memória de 100 páginas de uma jovem apelidada Renee, com 50 páginas de interpretação pela seu analista e um prefácio de Frank Conroy. O livro é de 1994.

No prefácio, Conroy alerta sobre “the rampant overdramatization, the search for appealing devices, the defects in recall and the confusion in sequence”, características, segundo ele, demasiado frequentes nos relatos pessoais de doenças mentais. Renee não cai nesses “erros”. Eu quero evitar cair neles também. O mesmo Conroy fala da utilidade que, para os outros, esse tipo de narrações podem ter. A “utilidade” não é meu objetivo principal, mas sempre ocupou um lugar entre os motivos pelos quais quero escrever o romance. Conroy diz: “[Renee] seemingly recovered to normal mature adulthood. How this was accomplished will prove useful and interesting to anyone engaged in therapy”. Finalmente, ele elogia o “estilo frio”, “not novelistic” da autora, e assinala “the necessity of leaving out psychoanalytic language”. De fato, Renee usa uma

linguagem simples, junto com algumas metáforas, para recriar suas sensações e emoções.

Renee começa seu relato pelo início, pela primeira manifestação da doença, e escreve do presente da pessoa sã. Vê no sentimento de culpa a origem da doença e busca retomar o contato com a realidade. Suas metáforas e comparações são, em geral, simples: “like a bird fallen from the nest”. Usa palavras como “soul”, alma, algo que eu quero evitar (não quero palavras sem referentes claros). Usa, e eu vou usar também, a linguagem da incerteza, do não saber, da não lembrança: “how I know not”; “awaiting I know not what”. Uma ou outra vez, escorrega no excesso de dramatização que Conroy critica: “A tempest of horror, of desolation, of unreality, of hopeless abandonment roared in my soul”. Entregue ao relato do que acontece em sua mente, Renee quase não fala do entorno (só na metade do livro aparece uma menção à cidade de Genebra). Para mim, a descrição do entorno é fundamental (“a paisagem é um estado de ânimo”). Vejo um problema no uso de conceitos ou “palavras abstratas”, que, além de abstratas, são adjetivadas de maneira simples e pouco original e aparecem sem um contexto: “horror”; “confusion”; “indescribable anxiety”; “endless despair”. E, apesar de tudo, a narração é efetiva, concisa, *to the point*.

A explicação psicanalítica da doença feita no pós-fácio pela analista de Renee (ou é ela própria? Não é claro: a analista, Marguerite Sechenaye, aparece nos créditos como autora do livro) poderia ter sido evitada, é simplista e prescindível. A causa de tudo, segundo a analista, é a frustração: “[To frustration] might be ascribed the initial ego weakness by virtue of which the psychosis is able to break through”. No romance, devo fugir da tentação de explicar demais ou generalizar qualquer coisa.

14 de março de 2009, Porto Alegre. Não sei dizer como estou escrevendo. Comecei por volta das 15 h, como nos últimos dias, após passar café. Acho que estou “vomitando”, o que, nesta fase da escrita, por si só não seria ruim. O ruim é que estou “vomitando” meio sem vontade, talvez com o desejo de estar escrevendo de outra maneira; ou, pior, sem perder aquela consciência excessiva, sabendo que não estou escrevendo tão bem quanto poderia, nem lembrando tudo o que poderia lembrar, se estivesse escrevendo – ainda que fosse “vomitando” – com concentração. Sinto também certa preguiça: de procurar um determinado documento numa pasta, ou um mapa de Nova York para dar o nome exato ao lugar onde acontece o que estou contando.

Devo escrever com mais calma.

Quero pôr no papel o que eu fiz (a neurose) e o que eu não fiz completamente (por causa da neurose) nesses anos; e ainda, talvez, imaginar o que poderia ter feito.

17 de março. O romance não é sobre a neurose, senão sobre como a neurose afetou minhas *vivências* (principalmente, em Nova York). Quero contar “a ferida”. Qual é a ferida? Não só a neurose: também *o que a neurose me impediu de viver*.

18 de março. Mesmo tendo escrito bastante e bem, das 15 às 18 h, não consegui fazê-lo sem autoconsciência, sem me dar conta de estar escrevendo. Isso é o que eu persigo – e alcanço, às vezes, quando não estou em frente ao papel.

24 de março. Sempre tive problemas de constipação. Não tenho mais. Agora, quando trabalho com vontade e com prazer, escrever revela ter um efeito laxante. Engraçado. Nos últimos anos, foi ao contrário: acompanhava a escrita uma sensação de opressão, de angústia; talvez porque era um “ter que”, em vez de um “querer” escrever.

28 de março. Foi dito muitas vezes que “o romance morreu”. Nunca levei isso a sério. Agora eu começo a escrever um romance, tenho uma história para contar, mas me faltam o enredo e a estrutura. Neste contexto penso que, talvez, o romance *tradicional* morreu. Pode ser que o romance tradicional realista não sirva para contar, refletir ou recriar a realidade de hoje, que mudou tanto. Recentemente, li romances tradicionais que me pareceram “antigos”, que não me encantaram, não me deixaram “marca”: *Anna Karenina*³, *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, *Netherland* (este último, de Joseph O’Neill, bem contemporâneo, de 2008, mas de estilo tradicional). E, ao contrário, romances realistas, mas de estrutura não tradicional (tão pouco tradicional que há quem tenha receio de chamá-los romances), como *A Rainha dos cárceres da Grécia*, de

³ Certamente, a leitura de Tolstói foi prazerosa e útil. Reparei no modo em que o escritor usa as expressões faciais e corporais mais sutis para fazer as personagens “falarem”, e também no uso eficaz das repetições (de palavras, expressões). Além do mais, em relação com minha história, vi que Tolstói enxerga todas as personagens com o mesmo respeito, todas as ações como compreensíveis, normais, humanas. O “problema” com *Anna Karenina*, a meu ver, é que muitas das questões morais apresentadas, junto com as convenções, não existem mais, ou existem mas adquiriram outras formas. Eu diria que os romances de Machado de Assis, por exemplo, são mais “modernos”, no sentido de que têm mais a dizer ao leitor de hoje.

Osman Lins, ou *Los emigrados*, de W. G. Sebald, ou a trilogia de Javier Marías *Negra espalda del tiempo*, ou os contos de David Foster Wallace, tiveram esse impacto em mim, e neles reconheci a minha realidade, o mundo atual. Se assim fosse, seria paradoxal: a estrutura realista tradicional serviria para contar histórias não realistas (para alegorias ou paródias, por exemplo), ou para o romance histórico, e as estruturas híbridas, misto de ficção e não-ficção, de todo heterogêneas, para construir os romances realistas de hoje.

29 de março. Sem saber como continuar, e com grandes dúvidas sobre a estrutura do romance, decido responder algumas “perguntas norteadoras” que me formulei no “Projeto de dissertação” apresentado em fevereiro.

“1. Qual é a necessidade de relatar uma experiência pessoal, mesmo sendo ou parecendo extraordinária?” Dar-lhe um sentido que não teria se ficasse só para mim. Se uma experiência, qualquer uma, mas especialmente uma experiência incomum, não pode ser comunicada, compartilhada, perde o sentido. A experiência que é só para mim não me serve. Não experimento as coisas só para mim mesmo, não vivo só para mim. Lembrome de estar em Machu Picchu. Foi uma experiência marcante. E, no entanto compartilhada com a Gabriela, que esteve lá comigo, de volta ao Cusco senti a necessidade de escrever, para que familiares e amigos soubessem o que experimentei. É coisa unicamente de escritor? Qualquer experiência marcante, boa ou ruim, serve para o próprio crescimento pessoal, “muda” a pessoa, que a carrega consigo para o futuro. Mas inclusive esse crescimento deve “servir” ulteriormente para alguém além de mim, no que seria uma forma postergada, possivelmente não verbal, de compartilhar. Esse absurdo que é para mim o não poder comunicar está relacionado com o absurdo que é para mim viver em solidão.

“2. Qual é o melhor modo de fazê-lo?” Ainda não descobri. Não me parece que seja o romance ou obra de ficção tradicional.

“3. Por que escrever sobre uma doença mental?” Nos anos em que estive doente, pensava que aquilo que estava vivendo merecia ser contado. Pensava que poderia ser útil para outras pessoas. Talvez estivesse me enganando e a utilidade dissesse só

respeito a mim. Acredito que pessoas com outros tipos de caráter possam superar uma doença parecida sem contá-la; eu não (e não é simplesmente porque eu goste de escrever). Para recuperar experiências que a doença me impediu de viver? Porque a doença deixou algum trauma? Pode ser: pessoas com vivências traumáticas têm necessidade de contá-las... (Fato curioso: Jorge Semprún escreveu sua maior obra, *L'écriture ou la vie*, sobre os anos que passou no campo de concentração de Buchenwald, em francês, não em seu espanhol materno. Eu estou escrevendo em português, não em espanhol ou catalão. Segundo a teoria psicanalítica, o uso de um outro idioma é útil à cura de neuroses e traumas.)

“4. Para quem?” Não só para mim. Também para quem sofre ou quer conhecer esse tipo de doença, por isso o livro deve ser, tanto quanto possível, fiel ao que aconteceu. Também para qualquer leitor, por isso o livro deve ser bom.

“5. Como recriar estados de consciência mediante palavras?” Devo reler Arthur Schnitzler: ele o faz de maneira mais eficaz do que, por exemplo, Kay R. Jamison (*An Unquiet Mind*). O mais comum é fazê-lo mediante a descrição de comportamentos (“fumava sem parar”). Ou através de metáforas (“sua mente, uma nuvem negra”). Existe a descrição mais objetiva (“palavras vazias de sentido ocupavam sua cabeça”). Ou o fluxo de consciência. E existe algo mais sutil, que Schnitzler consegue: impregnar o discurso de tristeza, nervosismo, alegria ou outros estados de ânimo. Com que elementos isso se faz? Posso consegui-lo de maneira intuitiva? Alguns dos textos que escrevi até agora têm uma carga de tristeza... De qualquer maneira, será inevitável falar, em algum ponto, da impossibilidade de reproduzir fielmente com palavras não só o que se passa na mente, senão também qualquer tipo de experiência vivida; falar sobre os limites da linguagem.

8 de abril de 2009, Porto Alegre. Sentei-me em frente ao computador para pesquisar nos e-mails de 2001 e 2002, pois entre esses dois anos (não em Nova York em 2000) superei a neurose. Mas nem cheguei a abrir a caixa de entrada. Não tive vontade nenhuma de começar essa tarefa. Deitei-me na cama, li, caí no sono. Em que grau o desânimo tem a ver com a partida da Gabriela para França, eu não sei dizer. Sei que não desejo escrever sobre as partes mais “chatas”, menos interessantes (para mim, como

escritor) de minha história, já tive esse sentimento antes. Mas essas partes pertencem a ela...

Ando bufando muito, desde hoje de manhã. Quem me visse hoje de manhã na rua da Praia, pensaria que eu estava carregando um grande peso, ou que começar o dia estava sendo muito difícil para mim. O bufar durou todo o dia.

15 de abril. Começo a passar para o computador as 60 páginas escritas no caderno. Resolvo que não escreverei só sobre Nova York, mas sim só *desde* Nova York. O narrador-protagonista que mora em Nova York em 2009 fala de maneira pausada. O narrador-protagonista que revive fatos acontecidos na cidade em 2000 (ou antes ou depois) o faz num ritmo mais acelerado. Essa será uma das marcas, além do uso do presente e o passado, e da menção a datas, para o leitor se orientar.

16 de abril. Leio o artigo de Contardo Calligaris, psicólogo a quem acompanho na Folha de S. Paulo. Devido à minha férrea vontade de escrever sobre a neurose, e somente sobre a neurose, há pouco comecei a suspeitar que talvez tivesse um trauma. Mas não sei exatamente o que “trauma” significa ou implica. Calligaris escreve: “Primeiro: a ideia de que a lembrança do trauma seria desnecessária e descartável é problemática”; e usa o exemplo de uma pessoa estuprada: “se você foi estuprado na infância, é provável que você tenha construído sua vida inteira ao redor da lembrança dessa violência sofrida”. “Outro problema: tudo indica que um trauma não é uma lembrança nociva por ser forte demais; ao contrário, em geral, ele é um evento mal lembrado ou lembrado de maneira insuficiente.” Calligaris continua com o exemplo do estupro: “[...] em muitos casos essa experiência é traumática porque é lembrada só como uma violência penosa [...]. Você não memorizou, por exemplo, sua satisfação em se sentir objeto da atenção de um adulto [...]. O fato de reativar essas lembranças não desculpa o adulto estuprador, mas, para você que sofreu a violência, o sentido da experiência passada muda bastante; talvez não lhe seja mais necessário se conceber sempre como vítima da vida”. E para concluir, já falando em geral, ele diz: “A solução do trauma não consiste em apagá-lo, mas, ao contrário, em lembrá-lo melhor. [...] A

cura das experiências penosas de nossa vida não está no esquecimento, mais no esforço para se lembrar delas em toda sua incômoda complexidade”.

A Raquel não gosta do exemplo do estupro. Ela não tem essa visão psicanalítica. Mas concorda com a definição de trauma, e acha que pode se aplicar ao meu caso: uma espécie de vazio ou de vida “em pausa de sete anos”, ela diz, seria um trauma.

16 de abril. Vejo que o romance não terá a forma de um romance. Nem se passará só em Nova York. Também não irá do início ao fim da neurose. Acho difícil criar um romance a partir do que quero contar: não é *necessário*. A forma será a de um diário. É a mais apropriada. Um diário baseado nas anotações de todos estes anos e nas lembranças que elas despertem. Não sei quando me veio a ideia. Talvez foi lendo o romance *O fiel e a pedra*, de Osman Lins. Lendo-o, pensei: meu romance não pode ser assim, meu romance não é um romance. Lembro, também, que há seis meses, quando apresentei trechos do romance ao professor Assis Brasil (cenas de Nova York), ele disse: tem que colocar datas nesses trechos. Aquilo já era um diário... Um dos livros que eu li para preparar o romance, *Armadilha para Lamartine*, de Carlos Sussekind, é um diário, do pai sobre o filho “louco”. O maior escritor catalão, Josep Pla, sempre escreveu diários.

17 de abril. A Raquel gosta muito de minha “solução”, falamos bastante sobre o diário, diz que está “louca por ler” (fala sinceramente, percebo isso; aliás, sempre fala sinceramente). Me lembra que a forma diário é adequada, também, se considerada a opinião de meu psicólogo e psiquiatra de Barcelona, que disse que eu escreveria melhor em unidades fechadas, trechos curtos, como posts num blog. Ele me fez a recomendação um ano atrás. Agora me sinto capaz de enfrentar um romance, mas escrever em unidades curtas segue sendo melhor para mim, me permite uma satisfação maior.

Parece que tudo se encaixa.

21 de abril. Confusão sentimental. Estarei me apaixonando pela Anna? Escrevo por dez horas, coisa inaudita, como é inaudito não querer parar nem para jantar. (Assim deve ser: esquecer das horas, do lugar onde estou.) Têm a ver com minha recuperação alguns e-mails que respondi, um bate-papo com um ex-colega da Oficina pela Internet e, sobretudo, três horas de café com a Ana Santos, amiga e ex-colega da Oficina (falamos sobre relações sentimentais, mas também sobre o seu livro e o meu).

22 de abril. Leio trechos do diário de Katherine Mansfield. Por que ninguém me disse, quando eu estava doente, o que está escrito aqui sobre o sofrimento mental?:

A gente deve se render. Não se resistir. Aceitá-lo. Deixar-se abalar. Aceitá-lo por completo. Convertê-lo em parte da vida. Deixar de lutar.

23 de abril. Procuo estabilidade emocional. Quem diz que é possível escrever um romance e viver ao mesmo tempo uma paixão, mente.

Escrevo só uma hora. Depois de sair a correr não consigo escrever mais. Porém (isto não é normal), não fico desanimado com isso, estou calmo.

24 de abril. Vejo a Raquel. Ela insiste em que faça mais vida social, em que saia com amigos (Pedro e cia.), como fiz no feriado passado. Concordo em que isso me ajuda. Só não concordo em que agora possa namorar.

Das 15 às 21 h escrevo; escrevo e estruturo a parte inicial do romance, relacionada com Taís. A parte que achei que seria mais pesada de escrever vai tomando forma, inclusive estou gostando de escrevê-la.

29 de abril. Pela primeira vez em anos, perco a noção de estar escrevendo, escrevo sem ser consciente de estar fazendo-o, sem aquela horrível – e tão ruim para a escrita – *self-consciousness*. (Já consegui isso antes, mas por pouco tempo.) Muito bom. Muito bom

tê-lo conseguido. Quanto ao resultado, ao escrito nesse estado, não acho que esteja bem ainda, na forma em que ficou. Acho que estou escrevendo de maneira simples, com pouca adjetivação, pouca variedade vocabular, etc.

3 de maio de 2009, Porto Alegre. Feriadão ruim. Três dias sem ver nem falar com ninguém. Até a metade desse tempo (almoço de sábado) estive bem. Sábado à noite, a solidão começou a pesar. Hoje, domingo, me senti *muito só*, até o ponto de ligar à Raquel. Sinto que o romance não está bom; que ler (qualquer livro, ou o jornal) é uma chatice, etc.: tudo derivado, sei, desse estado de ânimo. O que fazer? As amigas do mestrado com quem gostaria de tomar um café têm marido ou namorado (todos ciumentos). À casa dos pais da Gabriela, onde sou sempre bem-vindo, por enquanto prefiro não ir. Resta o Pedro, mas não quero parecer chato, e acho que está com uma nova namorada.

O fator agravante é que eu vivo no momento, não enxergo além do hoje: isso tem suas vantagens e desvantagens. A solidão destes dias, por exemplo, a carência ou falta de afeto: não consigo vê-la como temporária, vejo-a “para sempre”, e isso me abala.

5 de maio. Certa vez a Raquel me disse que adorava conversar comigo porque eu era estrangeiro e muito inteligente. Isso não me animou. O que há de errado comigo? A Gabriela, quando eu comentei que o professor Assis Brasil me achava muito inteligente, logo disse: “Tu não é só inteligente: tu tem talento”. Isso também não me puxou para cima. O que há de errado comigo?

7 de maio. A parte dedicada à autobiografia do livro *Oficina de escritores*, de Stephen Koch, traz comentários importantes que podem ser-me úteis. Alguns me ajudam a ver o que posso estar fazendo errado. Ele diz que o escritor deve conhecer muito bem seus fatos, cada um deles, e “revirá-los na mente repetidas vezes, até ‘tomar posse’ deles”. Só depois escrever. Eu estou usando meus cadernos, em ordem cronológica, para ver o que posso utilizar e lembrar da ordem em que os fatos aconteceram. Estou traduzindo trechos do espanhol ou o catalão para o português e acrescentando, na hora, lembranças

que o que escrevo desperta em mim. A ideia é retrabalhar tudo quando a história completa, extraída em parte dos cadernos, esteja no papel (para saber, inclusive, o que “entra” e o que não). Mas, não deveria estar escrevendo do zero, algo novo já de partida, em vez de esperar o fruto das transformações do escrito anos atrás? Não deveria usar os cadernos de outra maneira? Estou fazendo o mais fácil. E não sei se a escrita que virá depois, sobre a base do que estou escrevendo, vai resultar no que eu quero. Acredito mais no jeito de trabalhar descrito por Koch, mesmo que seja mais difícil. Foi assim que escrevi meus contos.

8 de maio. Me anima encontrar mais uma referência ao modo como sempre quis e estou tentando escrever, o modo necessário de que fala Eric Rohmer. Agora em relação não com as frases, senão com a estrutura, a história toda. É uma citação de Truman Capote, recolhida no livro de Koch: “Encontrar a forma correta para sua história é simplesmente perceber o jeito mais *natural* de contar uma história”.

Em outro capítulo do livro, Koch escreve: “Acima de tudo, encontre o conflito e a motivação da misteriosa figura principal [...]: seu protagonista”. Meu protagonista (principal, não único) é duplo: o narrador na atualidade (2009) e o narrador no passado (2000), e as motivações são duas também: a do primeiro, sair da neurose; a do segundo, recuperar o não vivido. Mas, e o conflito? Qual é o conflito ao que tanto Koch quanto meu professor e orientador Assis Brasil dão tanta importância? Não tenho conflito?

9 de maio. Tenho o primeiro título possível para o romance. É o título descartado por Clarice Lispector para *Água viva: Atrás do pensamento*.

Lendo os meus cadernos mais antigos, encontro o plano do romance que estou querendo escrever. Tem data: 10 de outubro de 97. 12 anos atrás! Nesse plano, sublinho, agora, o que continua sendo válido (que é muita coisa): romance “essencialmente sobre a neurose”; “narração autobiográfica”; “o protagonista não é exatamente eu, embora seja muito parecido comigo”; “aparece a Dra. J.-P. como personagem importante”; “humor não ausente”; necessidade de “lembrar situações” e “inventar situações novas”; “escrever muito, e muito devagar, para que o trabalho posterior de recortar, polir, etc.

seja mais proveitoso”; os dois temas mais importantes: “a loucura e o amor”; a fazer: “desenhar cenas, pré-escrevê-las”; “levar o leitor para diante e para trás, criar ecos”; “incluir digressões”; “visitar os lugares”.

16 de maio. Ao passar alguns trechos para o computador, vi que o que escrevi sobre Nova York depois da última viagem à cidade, em fevereiro deste ano, deve me servir para descrever a Nova York que em 2000 não vivi completamente (sem incorporar esta última viagem à estrutura do romance ou à vida do narrador).

23 de maio. Ontem fui desanimado à Raquel. Disse-lhe que estava andando em círculos, que ainda não tinha achado a maneira de contar a história. Disse-lhe que nem sabia o que tinha escrito até hoje e que, para sabê-lo, resolvi imprimir as 100 páginas que acumulei. Contei-lhe, também, que ainda andava à procura de modelos de escrita memorialística em primeira pessoa, que estava lendo com prazer o primeiro volume, dedicado à infância, das memórias de Rubem Alves (que não me serve: é uma narração pouco intimista, que trata de tudo o que acontecia na cidadezinha onde o autor cresceu, no sul de Minas Gerais; além do mais, não tem uma estrutura orgânica, é um livro construído com cenas justapostas).

À tarde, contei a mesma coisa à Anna. Estou fazendo o contrário do que aconselha Descartes no *Ensaio sobre o método*: para sair da “floresta”, andar sempre em linha reta, não importando a direção e o sentido; nunca mudar de sentido ou direção para não correr o risco de ficar andando em círculo.

Mas hoje meu ânimo melhorou. Li as 100 páginas que imprimi como Koch pede que sejam lidas as primeiras versões dos romances [p. 220-221; ver Bibliografia]:

Prepare-se para ler a versão completa. Isso deve ser feito, na medida do possível, de uma vez só. [...] Feche e tranque a porta. Tenha a mão seu bloco de notas e post-its. [...] Quando ouvir uma voz dizer ‘isso não está bom’, não fuja; simplesmente anote ‘ruim’, ‘cortar ou melhorar’ [...]. Haverá também certos estímulos: ‘bom, muito bom’, mas não comemore; apenas anote ‘bom’, e vá em frente. [...] E, quando o seu tumulto interno diminuir, você terá uma coisa que até então

não possuía: o conhecimento da história. Ao menos o suficiente para poder tomar posse dela, plenamente.

Foi isso o que eu fiz. E não houve tumulto interno, só alívio e satisfação, porque vi que tinha a estrutura da história e, melhor ainda, que as páginas configuravam, sim, um romance. Li rápido, alguns trechos só por cima, mais atento à coerência, pertinência e ordem dos episódios do que a sua forma atual, e vi que pertenciam à história. Eliminei poucos parágrafos, assinalei a maioria com um “OK”, um “Dev.” (*to develop*), um “c. p.” (*change place*). Já estão escritos a maioria dos episódios de Nova York (ano 2000) e a maioria dos episódios do início da neurose (final de 95, início de 96). Do período 97-99 só tenho reflexões sobre o estar neurótico, sobre a própria neurose (que assinalei com um “97-99” nas margens das folhas). Preciso ver quais fatos desses anos devo contar. São fatos acontecidos em Barcelona, em Menorca e em Paris, sobre os que ainda não escrevi. Fatos da época em que estudava na faculdade, passava as férias com amigos em Menorca, namorava Lídia, visitava a Dra. J.-P.; da época em que ia procurando caminhos, ensaiando maneiras de sair da neurose, dando-me conta, aos poucos, de quais me serviam e quais não; da época em que não era capaz de fazer novas amizades e apenas mantinha as antigas.

29 de maio. Segundo a Raquel, estou “disparando em todas direções”. Dicas que ela me deu: escrever sobre Nova York. Não preciso conhecer toda a estrutura do romance. De novo, a importância do prazer: da escrita, mas também da descoberta. Escrever por partes. Concordo: é bom me concentrar na parte que se passa em Nova York, aquela que me dá mais prazer (ontem escrevi sobre Paris sem nenhuma vontade). Vou aperfeiçoar pequenos trechos, sem me importar com não ter ainda uma visão completa. A Raquel está certa, me ajudou muito.

30 de maio. Melhor manhã de escrita em anos! A partir de três versões antigas, escrevo o que pode vir a ser o início do romance. Com muita calma, muito devagar. Gostando de escrever cada palavra, apertando a caneta. Tem sido uma manhã diferente, pois tomei o café em casa, o que nunca faço. Só saí para comprar água e velas na loja da esquina. Comi pão com chocolate e tomei café na mesma mesa em que escrevo, que logo liberei

para escrever. Continuei a beber café (tomei duas xícaras, aos golinhos, até a hora do almoço) e uma vela se consumiu (a vela me marca o ritmo, lento). Usei o computador, ligado numa outra mesa, só para procurar a tradução de algumas palavras no dicionário e verificar alguma expressão no Google. Ótimo. Concentrei-me em Nova York; e, dentro de Nova York, numa cena (a da noite no hotel); e, dentro da cena, numa frase por vez (ou até numa palavra).

31 de maio. Trabalhei em casa, das 15 às 18:30 h, com café, vela, amendoim com chocolate. Enviei um e-mail à Anna: “Nossa! Escrevi muito bem!”. Estou escrevendo numa boa caligrafia e apertando a caneta, que, segundo Koch, é o que acontece quando, sem perceber, escreve-se com concentração, devagar e com prazer. Estou escrevendo com prazer. Não do nada, mas melhorando muito o já escrito, deixando trechos curtos quase prontos.

3 de junho de 2009, Porto Alegre. Às 15, hora prevista, preparo tudo (vela, café) e escrevo (reescrevo) sem vontade, desanimado. A causa do desânimo é, provavelmente, não ter recebido e-mails de ninguém (no entanto, almocei com a Anna e conversei com outras pessoas na faculdade: por que me sinto só?). Não fazia o seguinte há muito tempo: às 16 h, fecho as janelas, visto o pijama e vou dormir, levando comigo dúvidas que afetam o romance inteiro (na cama, penso numa frase que li ontem nas memórias de infância de Rubem Alves: “Os deprimidos querem dormir. No sono não há tristeza”). Acordo às 19 h. Nenhum e-mail. Sento no sofá e leio de novo a “primeira versão” que imprimi. Como na primeira leitura que eu fiz, vejo que há partes que eu gosto. Melhor: identifico trechos que complementam o que escrevi entre ontem e hoje e me deixou insatisfeito. Aqueço café, pego bolachas, acendo uma vela, esqueço o jantar. Reescrevo usando esses trechos. Faço-o com prazer (até as 22 h 30) e o texto fica bom.

4 de junho. Continuo cumprindo os horários e escrevendo bem; nada novo, porém: estrutura e melhora o já escrito, acrescentando alguma coisa. Hoje também não recebi nenhum e-mail, mas falei ao telefone com meus pais. Isso talvez me animou. Deveria ligar para eles mais seguido.

9 de junho. O desânimo já dura quatro dias. Não escrevo → Fico desanimado → Não escrevo. Círculo vicioso.

10 de junho. Estou “de volta”. Passei para o computador as primeiras páginas da “segunda versão”. A primeira tem 100, desordenadas, escritas em anos diferentes, algumas ainda em espanhol. A segunda já está numa sequência correta, se bem que não definitiva, e com os trechos bem escritos. A terceira será a segunda, melhorada, polida. Estas definições estão no livro de Koch e me resultam úteis. Fiz isso de manhã, no cibercafé (quatro horas, com pausa no meio) e à tarde, em casa (entre três e quatro horas, sem pausa). De manhã trabalhei concentrado, mas triste, e à tarde, concentrado e mais animado. Acho que o que tenho até agora é bom. Vou dar essas páginas à Raquel. (Dei-me conta de que, ainda que seja bonito, o episódio do “abrigo da Bony” deve ficar fora, não faz parte da história. E achei uma boa maneira de incorporar o discurso de Ray, em segundo pessoa do plural, ao relato.)

11 de junho. Almoço com a Marinella, ex-colega da Oficina de Escrita Criativa, a quem dou de presente o meu primeiro livro, *Una barca, un riu*, escrito em português na Oficina e publicado em catalão na Espanha.

Compro a revista Piauí, interessado pelo “Diário de uma mulher deprimida”. Acontece que é o diário de Daphne Merkin, que já li quando saiu no New York Times (me dou conta disso depois). Quando o li em inglês, reparei que o relato começava *in media res*, com ela internada, e seguia com uma analepse, e vi que eu também não poderia começar desde o início da neurose – não seria atrativo para o leitor.

À tarde, em casa, reescrevi uma página do romance, demorei três horas. Depois achei que podia reler o diário de Merkin, em português, à procura de expressões que pudessem ser-me úteis. Achei algumas, poucas. Queria ver, também, como ela fazia as descrições dos lugares (sendo seu relato em primeira pessoa) e os saltos no tempo. Vi que recorria muito aos detalhes. DETALHES. Devo incluir mais detalhes em minha

narração, sem eles não vai levantar voo. Incluir, também, como Merkin faz, falas minhas, pensamentos meus da época em que a história acontece, que eu posso até inventar se não consigo lembrar.

Ontem à noite comecei a ler as *Confissões* de Rousseau, na tradução de Rachel de Queiroz. Quero ver como Rousseau recupera seu passado. Além disso, precisava de um grande livro, no sentido de bom e de longo, para mergulhar mais no português. Não tenho medo de me “contaminar”, nem de ficar desanimado por ler uma obra-mestra ao mesmo tempo em que escrevo.

13 de junho. Aproveitei o sol da tarde para sair a correr. Depois, às 18 h, sentei-me à mesa: não consegui escrever nem uma frase. Veio o desânimo, deitei-me, estava cansado, dormi até as 22 h, acordei chateado. Falei com a Anna ao telefone: não entendo por que, nos últimos tempos, depois de correr sempre sinto este cansaço e não consigo fazer nada; antes, saía da academia cheio de energia, podia trabalhar à noite como se fosse de manhã. Duvido que seja a idade: Haruki Murakami, *the running novelist* japonês, é mais velho do que eu...

14 de junho. Passo para o computador, no cibercafé do Centro, dois trechos da “segunda versão”. Melhoro frases, adiciono detalhes. Voltam os ânimos. De caminho para casa, penso o seguinte: é quando sento a escrever sem vontade, ou quando penso no romance em abstrato e como um todo, sem ter as páginas em frente, que acho que este não é bom ou até é ruim; quando estou de fato trabalhando nele, ainda não me aconteceu de pensar isso. É um bom sinal.

15 de junho. Escrevo em casa, das 13:30 às 18:30 h. Ou reescrevo, como sempre. Não chego a me concentrar, mas o importante destes trechos já está escrito; amanhã, ao passá-los para o computador, vou melhorá-los.

16 de junho. Hoje fui na Raquel sem assunto. Falamos nos pensamentos genuínos, espontâneos, que não se sentem. Se não fosse ruim, *À procura do pensamento genuíno* seria um bom título para o romance, ou para alguma de suas partes.

O pensamento genuíno é o pensamento saudável (“saúde é não sentir o corpo nem a mente”, li em algum lugar). Mesmo os pensamentos distorcidos são saudáveis: são pensamentos genuínos afetados pela tristeza, ou a solidão, ou a raiva, ou a euforia,... Doentio é o pensamento neurótico, por exemplo, ou o depressivo. E o que leva à doença não é um acúmulo quantitativo de pensamentos distorcidos, senão um salto qualitativo do pensamento genuíno para o que não é tal.

19 de junho. Não sei de onde tirar a força para continuar escrevendo. A Raquel me recomenda voltar a correr regularmente (engraçada, a forma desse advérbio). Fazer coisas além de tentar escrever. Diz que estou obcecado com o romance e repete que eu sou mais do que o romance.

Tenho dúvidas. É para eu fazer o que tiver vontade, ou para ter uma disciplina e sentar cada dia a escrever (com ou sem vontade)? Por que meu estado de ânimo muda tanto? O quê provoca as oscilações de humor? Os escritores não pensam só em seus romances?, não se “obcecam”?, não se isolam por dias a fio?

Saio a correr. Vou para a cama às 19 h, sem jantar.

20 de junho. Escrevo sem vontade, adicionando detalhes ao texto, juntando peças do quebra-cabeça sem procurar escrever bem. É como estar fazendo *patchwork*, e isso me deixa frustrado, não sei se com ou sem razão. É preguiça? Ou aquilo que escrevi nos últimos dez (!) anos merece ser recuperado?

Envio um e-mail à Ana Santos, da Oficina: “O meu ânimo muda cada dia; o que eu acho do que estou escrevendo, também”.

21 de junho. Começo do inverno no hemisfério sul. Traduzo do inglês para o português notas tomadas em aula em Nova York em 2000 (a fala do diretor executivo da editora Putnam). Essas aulas têm um lugar no romance.

Anoto numa folha todos os assuntos que estão na primeira versão do romance e ainda não passaram para a segunda. A intenção é tê-los presentes e ver com maior clareza em que ordem podem ser incorporados. Quase parece que tudo está escrito! O medo, agora, é passar esses trechos para a segunda versão sem trabalhá-los, modificá-los se é preciso ou acrescentar-lhes elementos. Fazê-lo seria uma opção, mas o resultado estaria mais próximo da primeira versão do que da terceira, e isso me obrigaria a fazer posteriormente o trabalho agora adiado.

Saí a correr, obedecendo à Raquel, que atribui o cansaço de depois das corridas à pouca frequência com que, nestes últimos meses, de dias mais curtos, tenho me exercitado. Corri na sexta e na volta dormi. Corri hoje, dois dias depois, e não senti aquele cansaço, mas também não tive forças para trabalhar depois (terminei de tomar banho às 18, teria gostado de trabalhar até as 21 h).

J.-J. Rousseau, descubro, é outro na lista de escritores que escrevem quando não estão sentados em frente ao papel⁴. *Confissões*, Livro Terceiro [p. 123; ver Bibliografia]:

Nunca pude fazer nada com a pena na mão, em frente à minha banca e ao papel. É nos passeios, no meio dos rochedos e dos bosques, é à noite na cama e durante as insônias que escrevo, no cérebro. [...] Há alguns de meus períodos que virei e revirei na cabeça durante cinco ou seis noites antes que estivessem em estado de ser postos no papel.

Acontece comigo também. Mas em que grau me ajuda saber que isso não é incomum? (Pouco, acho.) A parte sublinhada na seguinte observação, também de Rousseau [p. 124; ver Bibliografia], pode ser-me mais útil:

⁴ F. Nietzsche faz disso uma condição: *Ecce Homo*: “Ficar sentado o menor tempo possível; não dar crença ao pensamento não nascido no ar livre, de movimentos livres – no qual também os músculos não festejem”. O neurologista Oliver Sacks, em “Por que adoro nadar” (ver Bibliografia), conta que escreveu todo o livro *Com uma perna só* enquanto nadava num lago do estado de Nova York, deixando o manuscrito cheio de borrões.

Estudei os homens e me suponho muito bom observador. Entretanto, só sei ver o que vejo. Só vejo bem o que recordo, e não tenho espírito nas minhas lembranças. De tudo que se diz, de tudo que se faz, de tudo que se passa na minha presença, nada sinto, nada penetro. O traço exterior é só o que me impressiona. Porém, depois tudo volta: recordo o lugar, o tempo, o tom, o olhar, o gesto, a circunstância. Nada me escapa. Então, sobre o que se fez ou se disse, descubro o que se pensou. E é raro que me engane.

Poderia eu, da mesma maneira, recordar o que pensei, senti, sofri (e intuir o que outras pessoas pensaram, sentiram, sofreram), a partir de situações lembradas, sobre muitas das quais já escrevi?

Seria bom parar de ler antes de dormir. Nesses minutos, relaxado, com a mente desocupada, vêm ideias e lembranças relacionadas com o romance.

22 de junho. A Anna diz que talvez me falte “costurar” os trechos do romance. É *uma* das coisas que faltam, sim.

Ela diz outra coisa interessante: para alguns escritores pode ser bom “se obcecar”, “se isolar”, etc.; mas se a Raquel, que me conhece bem, me recomenda fazer outras coisas é porque tem em conta como eu sou.

23 de junho. Vejo – não penso, nem resolvo –, *vejo* mesmo, ou sinto, que devo recomençar o romance do zero. A partir dos conhecimentos, lembranças, ideias, etc. de quem eu sou agora, em 2009, e não dos fragmentos escritos anos atrás, desde 95. De estar somente reescrevendo vinha parte de minha falta de prazer, de meu desânimo. Já quis começar do zero há um ou dois meses, mas acabei voltando sempre (por preguiça?; por quê?) aos textos velhos. Não vou cair mais nessa armadilha. Vou escrever sobre os mesmos assuntos, sobre fatos que eu já tratei, mas seguindo minha intuição e minha vontade de hoje, que é mais uma vontade de prazer e de descobrimento do que de pôr no papel o que já sei.

A Raquel gosta que eu tenha visto isso (acha meu propósito ousado, mas gosta). Acredita que, além de mais prazerosa, a escrita estará carregada de emoção, de paixão.

(Lembro que, para Rollo May, esse fator emocional é importante na criação.) Quero escrever à vontade, com prazer; com lentidão. Foi assim que escrevi os contos na Oficina, e foi bom, foram bons tanto o processo quanto os resultados. Escrevendo bem, “frase verdadeira” (necessária) após frase verdadeira, quase nem são precisas segundas e terceiras versões. O texto avança com passo firme e o ânimo não decai.

24 de junho. À noite, na cama, vieram-me à mente, e escrevi na caderneta da mesinha, as primeiras frases do romance.

26 de junho. Mais frases: desta vez, no ônibus, de manhã cedo, indo para a faculdade.

28 de junho. Mais frases, à tarde, durante a corrida.

2 de julho de 2009, Porto Alegre. Ontem à tarde escrevi muito e acho que muito bem. Inclusive enviei uma mensagem à Anna dizendo que estava muito satisfeito. Mas, logo depois que parei, lá pelas 20 h 30, pensei que o que estava contando, a minha história, não tinha suficiente interesse. Passei da alegria ao desânimo em segundos. Foi assim, desanimado, que a Anna me encontrou quando me telefonou. Falando com ela, pareceu-me ver o porquê do desânimo súbito: eu tinha passado, de novo, a enxergar o tudo, o romance completo, em vez de focar no trechinho que estava escrevendo. Não gostei de ver isso acontecendo de novo, mas ter uma explicação me tranquilizou.

Hoje de manhã, entretanto, dei-me conta de que ontem, apesar de trabalhar bem, escrevi um último parágrafo que não estava no lugar adequado, não devia ir a seguir. E relacionei o desânimo à intuição inconsciente, ontem, disso aí. Fiquei feliz pelo que isso significava: eu não tinha ficado mal por culpa de um pensamento negativo, distorcido, senão por um motivo real, ainda que inconsciente. O desânimo estava me sinalizando que algo no texto estava errado, e, portanto, sendo útil.

Risquei esse parágrafo e continuei por onde vi que devia continuar. Escrevi bem desde as 9 h até a tarde, seis horas no total.

A leitura de Rousseau continua me ajudando, ainda que seja menos prazerosa do que eu esperava (em parte, talvez, porque leio poucas páginas seguidas, à noite, na cama, e não sempre com a devida atenção). Mas vejo, por exemplo, como ele faz para, sem criar desconforto no leitor, ora se auto-elogiar, ora contar coisas vergonhosas de si mesmo (episódios de exibicionismo sexual, por exemplo). Ou como ele conta fatos em aparência pouco importantes ou desnecessários. Ou como antecipa peripécias que só vai contar mais adiante e assim prende a atenção do leitor. Sem dúvida, a leitura das *Confissões* está me dando uma espécie de empurrão.

17 de julho. Não escrevo no diário há dias (assisti a um cursinho sobre literatura lusoafricana, fiz o relatório do cursinho e escrevi um ensaio para uma disciplina do mestrado). Mas o romance, agora sim, está andando.

O que a Raquel me pediu, que esquecesse um pouco o romance e me permitisse fazer outras coisas, está fazendo-me bem – e é bom para o próprio romance. Eu sabia disso, ou teria me dado conta disso; mas interiorizar esse tipo de conhecimento é demorado. Quem sabe a tarefa dos psicólogos não seja essa, levar-nos a enxergar coisas que nós mesmos, sozinhos, demoraríamos muito tempo em ver.

Na quarta-feira almocei com a Anna, no Centro. Depois, apesar da previsão inicial de escrever, tive vontade de ler o jornal. O fiz, tomando café na CCMQ, por uma hora. Só escrevi das 17 h 30 às 19 h 30, mas essas duas horas renderam muito, escrevi bem um trecho difícil. Ontem, ao contrário, quinta-feira, almocei cedo, queria muito continuar escrevendo, dedicar toda a tarde ao romance. Tomei um café e escrevi uma página que logo risquei, não era boa. Deitei-me. Tomei outro café e continuei tentando. Não fiquei satisfeito. Às 24 h vi o filme *Saneamento básico*, de Jorge Furtado, que há muito queria ver. Mas não o vi concentrado, por causa da insatisfação. Quando fui para a cama, achei que algumas frases viriam. Não aconteceu. Ao acordar hoje, vi que tinha recebido e-mails de amigos. Era cedo, deitei de novo, contente por tê-los recebido. As frases vieram antes de me levantar.

18 de julho. Hoje a Gabriela, da França, num e-mail escreveu o seguinte (ela é muito inteligente e me conhece muito bem):

Legal essa tua descoberta de um novo caminho para escrever. Mais do que fazer rápido, o importante é fazer bem feito e deixar o livro do teu gosto. É mais do que uma parede de cozinha que a gente pode pintar outra vez daqui a dois meses, um livro não é tanto um campo de experimentação (a gente faz coisas para experimentar, como as tuas oficinas, tuas crônicas, etc.), é um trabalho sério e que deve ser levado adiante com 100% de satisfação. Mesmo que tu demore anos para escrever, escreve na tua marcha e espera o TEU resultado. É isso o que a gente quer ver!

20 de julho. Não está resultando nada fácil escrever como era, ou como eu enxergava, Taís, mas não posso ir em frente sem essa parte.

24 de julho. Depois de cinco dias sem escrever ou escrevendo mal, e de quase chutar o pau da barraca, escrevi bem, consegui dar forma ao trecho importantíssimo sobre Taís e inclusive achar-lhe uma continuação necessária e começar a escrevê-la. Finalmente, estou introduzindo elementos de ficção no romance, como o lugar de onde o narrador escreve, que faz todo o sentido que seja Nova York.

Esse “quase chutar o pau da barraca” foi positivo. Comprei a revista Rolling Stone e o último romance de Lobo Antunes e fiquei lendo no Centro, no café da rua Uruguai, como se não tivesse romance algum para escrever. Liberado da pressão e de qualquer angústia, à tarde, em casa, tive vontade de retomá-lo.

28 de julho. Levo vários dias escrevendo. Escrevendo aos poucos, bem, ficando satisfeito com cada trecho. O início da primeira parte do romance vai tomando forma. Hoje, isto é importante, fiz inclusive um descobrimento (sobre a vida do narrador, sobre a minha vida) daqueles que só é possível fazer quando se escreve sobre a experiência

vivida. Esperava que isso fosse acontecer, e espero que aconteça muitas mais vezes. No fundo, esse é um dos motivos pelos quais escrevo a história.

29 de julho. Sem novidade. Indo em frente e com vontade.

2 de agosto de 2009, Porto Alegre. Estou desanimado e talvez tenha dificuldade inclusive para escrever esta nota. Mas quero dar conta de uma coincidência. Ontem, depois do almoço, na sessão com a Raquel, falando sobre minha solidão e minha dificuldade em fazer (ou melhor: conservar) amizades, expliquei, mais uma vez (contei isso a outras pessoas no passado), que eu sempre precisava ter intimidade com alguém, e que esse alguém devia ser mulher; que só essa intimidade com uma mulher (que nem precisava ser uma namorada) me deixava à vontade, me deixava ser eu mesmo totalmente e dava sentido às coisas. O fato é que, à noite, li isso mesmo posto em palavras por Rousseau, no Livro Nono das *Confissões*:

Sei que me repito, mas é preciso: a primeira das minhas necessidades, a maior, a mais forte, a mais inextinguível, residia toda no coração; era a necessidade de uma convivência íntima, tão íntima quanto o pudesse ser; era por isso, sobretudo, que eu carecia mais de uma mulher do que de um homem, de uma amiga que de um amigo.

Já falei de outras “identificações” com Rousseau (“[...] como o suponho ter dito, só posso meditar caminhando; assim que paro, não penso mais, e minha cabeça só anda com os pés”). Mas me surpreendeu muito a coincidência na necessidade de intimidade com uma mulher – e o que isso traz implícito, que eu também disse à Raquel: a insuficiência da amizade com um homem. Não é um traço de caráter que me ajude. E me sinto menos só, lendo isso? Talvez. Não: menos só, não. Identificar-me com alguém num livro não me faz sentir menos só. Estou muito só. Não tenho essa intimidade desejada com ninguém, e isso me deixa triste. E vai dificultar a escrita do romance, que estava indo bem enquanto tinha essa intimidade com a Anna.

4 de agosto. Voltei a fumar. Na sexta, comprei um cigarro avulso. No sábado fumei dois, domingo, um, ontem, dois. Não comprava cigarros desde 2003, quando, depois de uns cinco anos, parei (parei “para sempre”, nunca mais tive vontade de fumar). Essa

“caída” é absolutamente significativa de como eu me sinto, de meu estado de ânimo. Entre outras coisas, confio menos em que a Raquel possa me ajudar. Ela me ajudou a voltar a escrever (que é pelo que a procurei em primeiro lugar), a superar minha angústia em relação à escrita; mas não estou superando problemas mais fundos, de caráter (que, é claro, afetam a escrita também).

Voltei a fumar “por birra”, a Raquel disse. (Ao ouvi-la, dei-me conta, concordei.) Ela disse que eu estava querendo provar a mim mesmo que estava no fundo do poço, ou pensava que estava; que, voltando a fumar, eu me agredi, achando que estava agredindo o mundo. Era a Anna, o romance, a Gabriela, a terapia,... Enfim: tanta coisa na cabeça, tanta coisa não indo bem, que o meu refúgio foi esse.

Quatro dias sem escrever. Só li jornais e continuei lendo as *Confissões*.

8 de agosto. Parece que o desânimo me deu uma trégua. Confio de novo na Raquel, que dias atrás me escreveu o e-mail mais querido. Hoje consegui deixar de lado tudo o que não fosse o romance (saudades, relacionamentos) e escrever, de jeito que quando parei e tirei uma soneca, ou quando, antes de jantar, tomei banho, me vieram ideias sobre o que estava escrevendo. É assim que tem que ser, minha mente deve estar aberta, livre para receber esses pensamentos e lembranças. Agora não posso me ocupar com nada mais.

9 de agosto. Depois da sessão com a Raquel não fui ao cinema como previsto. Comprei um cigarro e fumei, tomei um carioca ali mesmo, na Getúlio, e, sob uma chuvarada, fui para casa de táxi. Li na cama, mas veio o sono e dormi, três horas. Agora teria vontade de escrever, mas essa vontade se mistura com uma sensação frustrante de “agora não dá”.

10 de agosto. Escrevi ao meu irmão Oriol: “[...] Um dos problemas que eu tenho é o de unir as três histórias, tu poderia me ajudar. A princípio, queria contar tudo junto. Mas como contar a história da Anne, se ela não é a narradora (com diálogos?). E a da múmia? O narrador a contaria à Anne? Ou o narrador simplesmente iria escrevendo-a?

Também pensei em fazer separadamente, como uma trilogia. Primeiro a história do narrador neurótico (com presença da Anne e da múmia). Depois, a história da Anne, contada por ela mesma (com presença do neurótico e da múmia). Finalmente, a história do homem apaixonado pela múmia, a partir de uma investigação feita pelo narrador (o homem apaixonado pela múmia está num hospital psiquiátrico, o narrador entrevista ele). Tenho tempo para pensar. Mas por enquanto estou bloqueado. [...]”.

A mãe da Gabriela convidou-me para almoçar amanhã com a família. Não estou muito a fim, mas a Lúcia, prima da Gabriela, voltou há quinze dias de Londres, onde passou mais de um ano, e ainda não a vi.

11 de agosto. Escrevi mais um trechinho. É curto, e vou ter que reescrever um pouco amanhã, mas fiquei bastante satisfeito, porque é novo, fruto de novas lembranças. E fumei. Esse é um problema que vou ter que resolver, sobretudo porque o segundo cigarro (só fumei dois, desde que voltei a fumar não fumei mais do que isso) foi bom, ajudou-me a escrever algumas frases.

12 de agosto. Meu irmão Oriol respondeu, misturando cinema e literatura. [Ele estudou cinema e dirige comerciais de TV.] [Traduzo do catalão.]

Hey bro', olha, vou te dizer uma coisa. Minhas críticas podem ser destrutivas ou positivas, mas nunca são só isso, são algo a mais, são criteriosas. O que isso quer dizer? Pois bem, querido irmão, se na última crítica ao teu romance falei nos “grandes” (Auster, Murakami, etc.) não foi porque sim, ou para te deixar babando de feliz, foi porque esses “grandes” são “o referente”. Por que eu falo isso agora? Pois falo isso agora porque em teu e-mail li algo que me espantou, me aterrorizou, quase me fez gritar NÃO!!! Esse algo não é mais do que o teu não saber como incluir as três histórias no romance, e a possibilidade de colocá-las uma atrás da outra, contar a mesma história de vários pontos de vista. Tu é louco? Perdeu a capacidade de raciocinar? Não faças nunca isso num romance. É pior do que terminá-lo dizendo que o cara acorda e oh surpresa era um sonho. Olha, talvez Kurosawa contou a mesma coisa de sete ou oito pontos de vista, não sei, e teve graça. Mas, desde então, isso nunca mais funcionou. O mesmo vale para o “tudo era um sonho”, que deve ter sido feito em “The Twilight Zone”. A primeira vez todo o mundo disse ooohhh!, que esperto esse roteirista de série B! Mas desde então isso só serviu para roteiristas medíocres disfarçar sua mediocridade e me chatear quando pago 7 euros para

*ver seus filmes. Voltando ao motivo principal de teu e-mail. Os “grandes” e suas obras: tudo está nelas, basta olhar e aprender. Lembras Moon Palace? Como Auster coloca no meio do romance uma história em flashback, sobre o avô que cuida do protagonista quando jovem? Pois esse flashback tem 100 páginas. É tão longo que chega uma hora em que a gente não lembra mais do que estava lendo antes, é um romance dentro do romance. Mas a gente lê essa história com paixão. Sendo que se a história principal terminasse e a outra aparecesse no fim, como um anexo, ia ler ela a mãe que [***]. Então, o que tu acha? Eu acho que o autor é para lá de esperto. Murakami faz a mesma coisa em Crônica do pássaro de corda. Outro flashback de 100 páginas (casualidade?, não, irmão, só otários acreditam nisso). Se estivesse no final, também não o leria ninguém. Conclusão: com mais de uma história numa mesma obra, a gente tem que se virar como seja para que todas avancem junto, ou ao menos para que o leitor acredite que de algum modo avançam junto. Porque se o amigo leitor termina de ler a história que considera principal, e tu diz a ele para recomeçar, para ler a mesma história só que um pouco diferente, ou, pior, uma história nada a ver que o autor ou o editor não souberam encaixar, então, esse amigo leitor que é amigo mas não é burro vai jogar o livro na [***]. Espero que tenhas entendido a mensagem. Pensa como [***] entrelaçar as três histórias. Sempre teu,*

15 de agosto. Hoje já não fumei, não quero fumar. Se continuasse, isso viraria uma nova preocupação (paro?, não paro?) que me atrapalharia.

Não escrevi – ou escrevi só no blog, de manhã. Almocei no Centro, liguei para Barcelona, fui ao supermercado, saí para correr. Agora já é tarde. Espero saber curtir o fim do dia mesmo sem ter escrito.

16 de agosto. Cada dia está sendo melhor, desde sexta. Escrevi bem, no Gasômetro (com chocolate) e em casa (com café). E fiz questão de que fosse por bastante tempo (parei às 19 h 30, comecei às 15 h 30).

17 de agosto. Hoje o dia foi esquisito. À noite dormi mal, não sei por quê. Antes de dormir, li três contos de Cyro Martins, e quando, no meio da noite, acordei duas ou três vezes, pensei no romance. Como fui para a rua sem ter dormido o suficiente (olhos cansados, etc.), às 13 h deitei de novo. Só que não dormi uma, dormi quase três horas. Mesmo assim, depois, no café do Gasômetro, adicionei ao romance as frases pensadas à noite. Mais tarde, saí a correr (como tem mulher bonita à beira do rio, com o adiamento

do início das aulas!). Acabei aproveitando do dia. Correndo, ainda tive algumas ideias mais.

Agora com a Raquel trocamos e-mails, como complemento da terapia. Ela escreveu: “Tolerar bem quando as coisas não acontecem exatamente como planejas é importantíssimo, não esqueças isso”.

18 de agosto. Estou sozinho. Não quero estar só no futuro. Fiz essa escolha agora, para escrever agora. Mas não quero nem pensar que corro o risco de ficar só... Isso me dá medo e tristeza.

Hoje não deu tempo de me sentir só, almocei na casa da Gabriela, e sinto-me querido pelos pais dela, os avôs, a Lúcia, a mãe da Lúcia, tia da Gabriela. Amanhã estou convidado a almoçar na Lúcia, é o aniversário da mãe dela. Não disse logo que iria: liguei hoje quando acordei, tarde, às 11 h, para ver se ainda dava tempo de ir. Teria ficado mal, sozinho.

20 de agosto. Sei que é absurdo me desanimar por não ter escrito nada nos últimos dois dias, sendo que foram dias legais. Mas...

A Raquel escreve: “[...] Não escreveu, pois não havia espaço para tal. Mas que bom que saiu, foi ver pessoas queridas e que gostam de ti. [...] Mais uma vez repito: tu fez a escolha de te dedicar exclusivamente ao romance; é por um tempo determinado, então assume tua escolha e bola para frente. Agora, se precisares mudar, não tenhas medo; se os maiores artistas abdicaram de tudo a sua volta por causa de seu ofício, tudo bem, respeitamos, mas tu não precisas ser igual a todos eles”.

É: eu quero escrever, mas só quero ficar só por um tempo. Preciso enxergar que é só *por enquanto*. Não sou nenhum artista, e não ia querer me dedicar a escrever se o preço fosse ficar só.

Vou parar de fumar amanhã mesmo. Fumar não está me ajudando.

21 de agosto. Não parei de fumar, é claro. Isto é, parei até depois do almoço. À tarde, fumei seis cigarros (hoje já comprei um maço). O curioso é que fumando, na cozinha, escrevi coisas que depois risquei. E sem fumar escrevi melhor, coisas que ficaram. Há momentos em que fumar me ajuda, mas em geral não é assim. Não fumo “livre”, sempre existe aquele remorso. E o remorso me atrapalha.

Parece que sempre esteja inventando preocupações!

Contudo, de manhã “produzi” (passei coisas do diário para o computador, no Centro) e à tarde escrevi mais ou menos bem. Estive mais ou menos animado. E terminei de ler um romance.

Só falta parar de fumar... Amanhã?

22 de agosto. Deu, vou parar de fumar *mesmo*. Ontem lutei para me convencer de que podia fumar sem sentir culpa. Até que, à noite, decidi parar e fiquei em paz comigo. *Hoje*, porém, resolvi, de novo, fumar “livremente”, ao menos até a sessão da sexta com a Raquel. E, à tarde, a mesma história: a impossibilidade de ficar tranquilo com essa escolha de fumar “um pouco”, “não me sentindo mal”. Então, não tem jeito. Quero me sentir tranquilo e fumando não sou capaz.

Escrevi tanto ontem quanto hoje. Nada demais, coisas já meio escritas. Mas essas coisas não são aproveitadas porque sim: correspondem à parte do romance que estou escrevendo.

Se amanhã tiver vontade de fumar, em vez disso vou... sei lá, comprar 10 CDs.

23 de agosto. Senti-me insatisfeito com os trechos do romance que escrevi estes dias e então tive vontade de fumar. Saí, comprei cigarros, fumei no portão de casa. Concorro com os motivos pelos quais a Raquel disse que voltei a fumar. Mas, tem mais. Tem meu

traço de caráter obsessivo. Superei a neurose, mas não esse traço de caráter, e parece que esteja sempre procurando alguma pequena obsessão. Em Barcelona, quando me achei dependente demais das mensagens de celular, joguei o celular fora. (É o que fiz, também, seis anos atrás, quando parei de fumar: parar totalmente, de um dia para o outro.) Por muito tempo, fui dependente de se recebia e-mails de amigos ou não. Agora que fumo, essa dependência de e-mails sumiu. O café só não vira obsessão porque depois de tomar quatro já não tenho mais vontade. Mas meu perfil é obsessivo. A escrita do romance também é um tipo de obsessão. Mas sempre pensei que essa era boa... Esse traço de caráter está relacionado, imagino, com minha insatisfação permanente, com minha rigidez, com meus “oito ou oitenta”.

25 de agosto. Leio Freud, *O mal-estar na civilização* (o livro dele que sempre quis ler, cujo título em espanhol é diferente, *El malestar en la cultura*). Para, no romance, ao falar sobre neuroses, não deixar deslizar nenhum erro. Faço-o mesmo sabendo que a Raquel lerá o original, assim como espero que o leia meu psicólogo e psiquiatra de Barcelona – que também tem nome, talvez esteja na hora de escrevê-lo aqui, ele é um dos melhores, meio celebridade, Antoni Bulbena.

Freud escreve:

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. [...] Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse tipo é indispensável.

Derivativos poderosos seriam a criação artística, a atividade científica ou até o trabalho “quando livremente escolhido”. Satisfação substitutiva seria, por exemplo, a leitura ou a contemplação da obra de arte. Quanto às substâncias tóxicas, bom, eu estou fumando.

Tem, também, a religião, mas para Freud a religião não passa de “uma paranoia coletiva”. Ele fala bem da filosofia budista, que busca a ausência de desprazer, a felicidade da quietude; mas a considera inacessível para nós, ocidentais.

Segundo Freud, o problema do “momento” de felicidade ou prazer, aquilo que costumamos vivenciar, é que se trata de uma “manifestação episódica”, que não se prolonga; que deriva de um contraste e não de um “estado de coisas”.

Quanto ao amor...:

A modalidade de vida que faz do amor o centro de tudo, que busca toda satisfação em amar e ser amado talvez se aproxime mais da meta da felicidade. Porém, nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor.

Mas há esperança:

Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. [...] É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas.

28 de agosto. Li, em duas sentadas, na tradução ao português, o romance *As nuvens*, do argentino Juan José Saer (o segundo “anti-Borges”; o primeiro e mais querido por mim é Manuel Puig). Romance muito bom. O assunto é a viagem de um médico alemão (o médico é o narrador), com uma caravana formada por índios, soldados e prostitutas, para levar cinco “loucos” de uma aldeia cem léguas ao norte de Buenos Aires até uma nova clínica psiquiátrica fundada por ele com “métodos novos, mais humanos”. O tema é a relatividade da loucura – e a loucura de se aventurar pelo pampa, que, descrito por Saer (a história ocorre no início do século XIX) é o próprio inferno.

Meus pais ligaram. Falei do tabaco com meu pai. Ele me disse que, se fosse eu, não se preocuparia muito por estar fumando; que agora podia fumar e depois parar de novo, como já fiz.

30 de agosto. Aconteceu algo importante, tive uma daquelas ideias que vão definindo a forma do romance. Eu estava no sofá, com um olho no jornal, o outro na caixa de e-mails e o ouvido no programa de TV “Saia Justa”. No programa falaram sobre a proibição de fumar. Uma jornalista estava irritada porque no aeroporto de São Paulo não pôde fumar; achava razoável que no interior do prédio não fosse permitido, mas não gostou de, por não existir nenhuma marquise, ter que ficar sob a chuva. Logo falaram sobre um novo filme norte-americano em que o protagonista quer “tirar férias de sua alma”. Começou uma discussão ao respeito: seria legal, poder tirar férias de si mesmo? Durante a semana, o programa fez uma pesquisa. À pergunta “de que parte de seu corpo ou de sua personalidade você gostaria de tirar férias” a grande maioria de pessoas respondeu “da cabeça”. É por isso que a gente fuma, bebe ou se droga, disse outra das participantes no programa. Assim, de uma maneira tão fácil e absurda, tive de novo uma justificativa para fumar (por que não poderia tirar férias de mim?). Fumando na cozinha, lembrei-me de uma música da Céu em que ela canta “don't take yourself too seriously”. Pensei (mais uma vez) que eu me levava muito a sério, que tudo podia ser mais leve – e até dancei enquanto fumava. Na TV começava um episódio de “Os normais”, e ouvi da cozinha algumas piadas (a atriz Fernanda Torres fumava em cena, depois do sexo). Encurtando: toda essa leveza e esse humor me levaram à convicção (também não totalmente nova) de que o romance deveria ser mais leve, e até engraçado quando possível; continuar com seus fragmentos dramáticos, porque a história é dramática, mas num tom não tão dramático. Como saí da neurose, posso permitir-me isso: narrar os fatos de um modo mais descontraído. Vai ser bom para o leitor e para mim, como escritor (mais prazeroso). Tenho a estrutura do romance, isso não muda; tudo o que escrevi do zero é bom; mas o tom será mais leve.

Deitado na cama sem me preocupar com se iria parar de fumar ou não, tive algumas ideias boas (vieram-me à mente frases inteiras, etc.). E hoje de manhã, depois de fumar um cigarro na rua da Praia, escrevi no café do shopping com prazer e concentrado. Fumei um segundo cigarro duas horas depois, com satisfação pelo que tinha escrito e por *como* tinha escrito.

7 de setembro de 2009, Porto Alegre. Colei páginas do romance na porta da cozinha. Para ter uma visão de conjunto, poder ler em voz alta e poder fazer mudanças, tudo ao mesmo tempo. Postei uma foto no blog:



22 de setembro de 2009, Barcelona. Viajei a Barcelona devido a um problema de saúde do meu pai, que está no hospital. Logo que cheguei, fui ver o Antoni Bulbena. Falamos do meu pai; depois, de mim. Pediu-me que, por favor, ao menos durante esse mês na cidade, fumasse sem a menor culpa (riu de meus cigarros e me recomendou tabaco inglês, “melhor do que o americano” por ter hidro-não sei o quê). Concordou que eu voltei a fumar por raiva, mas disse que, depois, quando fumei “para escrever”, ou sentir-me menos só, ou sentir menos pressão, fiz um bom uso do tabaco. (“É a única substância que relaxa e estimula ao mesmo tempo”, ele disse). Pediu-me, como a Raquel já fez antes de eu viajar, que esquecesse por um tempo o romance. Elogiou a Raquel, disse que o trabalho que ela estava fazendo comigo era ótimo. Dispensou-me de fazer “vida social”: se por enquanto eu não tinha vontade de encontrar meus amigos, não precisava fazê-lo. Pediu-me, isso sim (a isso ele sempre dá importância), que procurasse ter sexo, inclusive nessas poucas semanas em Barcelona. E não achou que a solidão experimentada em Porto Alegre fosse tão problemática, disse que, em pouco tempo, seria uma “solidão criativa”.

28 de setembro. Leio um conto em que o narrador diz que o contrário do amor não é o ódio senão a apatia. Isso faz todo o sentido para mim. Não encontro um motor, uma motivação para escrever que não seja namorar (receber e dar amor).

27 de outubro de 2009, Porto Alegre. Depois de cinco semanas em Barcelona dedicadas quase exclusivamente a cuidar do meu pai (e dar apoio à minha mãe e aos meus irmãos), recomeço o romance. Digo bem: não retomo, recomeço, agora com prazer e com muita calma. O romance *não está mais* escrito em minha cabeça: irá se desenrolando.

Antes de voltar a Porto Alegre, vi de novo o Antoni. Ele comentou que nessas semanas eu estive “construindo família”. Achei que se referisse à minha família, à união com meus pais e irmãos. Mas ele em geral vai além. Referia-se, sobretudo, e não sei se entendi bem, à minha família *futura*, àquela que um dia eu posso vir a ter. Finalmente, achou que agora iria escrever bem.

29 de outubro. Hoje a Raquel me disse o seguinte: “De todas as pessoas que estamos ao teu redor [gosto que ela se inclua: ela me admira e tem por mim muito carinho, e isso me faz muito bem, e é recíproco] parece que tu é o único que acha que esse romance pode não sair”. (Antes, meio brincando, eu tinha falado que se até julho não saía ia pedir-lhe um atestado de depressão.)

Terminou a fase de apatia quanto à escrita. Nos últimos três dias escrevi – não só o romance, também no blog.

31 de outubro. Deveria rever *The Aviator*. O protagonista do *biopic* de Scorsese, Howard Hugues, sofre um grave transtorno obsessivo, muito bem recriado no filme.

15 de novembro de 2009, Porto Alegre. Desde que voltei, há três semanas, de Barcelona, escrevi quase cada dia – e escrevi trechos válidos. Foi boa para o romance, essa parada.

Postar no blog⁵ os trechos dos que fico satisfeito foi uma boa ideia, está sendo positivo, por vários motivos: 1) assim, fica mais claro para mim que devo escrever com calma, passo a passo (cada trecho é um trecho, e isso tira das minhas costas o peso do “romance-todo”); 2) a publicação no blog me ajuda a “enxergar melhor” o escrito, algo mais polido e coerente do que está nos cadernos; 3) os comentários que recebo são de grande utilidade, tanto os elogiosos, que me alegram e dão força para seguir, quanto os que sugerem mudanças ou fazem críticas, que me levam a introduzir melhoras concretas em cada trecho; 4) o fato de algumas pessoas lerem o publicado me impede modificar em excesso os rascunhos – me faz avançar.

28 de novembro. Muitos dias sem escrever no diário, que significa muitos dias escrevendo o romance.

Não quero “frases imaturas” no romance. Na época descrita pelo narrador, este podia ser imaturo (de fato, era); nos cadernos que às vezes uso, há frases ou reflexões imaturas. Mas o narrador da história, que escreve em 2009, *não é* imaturo. Em outras palavras: o narrador pode ser imaturo, mas o romance, a construção literária, não.

30 de novembro. A Raquel escreve: “Um pouco mais animado? Fiquei preocupada contigo... A sensação que dá em alguns momentos é que tu pareces não encontrar sentido nas coisas que andas fazendo... No entanto, fazes tão bem a tua escrita! Dá para sentir o carinho que colocas nas frases que constróis. Para de ser tão crítico contigo mesmo, aposta mais em tuas capacidades, te valoriza mais. Aceita tuas limitações, todo mundo as tem, isso também é necessário. Relaxa.”.

⁵ <http://www.adublinaportoalegre.blogspot.com/search/label/romance>

A Anna me animou um pouco no sábado. No domingo, achei que reler o já escrito poderia ser bom, me levar para cima. Ao menos estive ocupado, mudei algumas coisas. E de fato me animei. Hoje fiz a mesma coisa, reli de novo, fiz mais algumas mudanças e no fim mandei o documento ao professor Assis, que terá algumas páginas mais para ler.

Mas desde quarta não escrevo nada novo, não sei bem como continuar. Quando leio o já escrito, gosto, ou gosto da maior parte. Mas depois tenho a sensação de que não é bom. E, estes dias em que estou desanimado, penso que, OK, talvez eu saiba escrever, mas talvez não mereça a pena tanto esforço. Penso que se minha vida vai tomar um novo rumo depois do romance, já poderia tomá-lo agora, sem romance algum.

Quando penso que o ruim poderia ser o próprio assunto do romance, lembro que já tentei escrever sobre outras coisas e sempre voltei ao tema da neurose, que é aquele que eu acho mais interessante e conheço melhor. Sei que deveria relaxar, também pensei nisso: foi bom ficar cinco semanas sem escrever nada, pois depois escrevi bem e com vontade, por três semanas a fio. Mas não posso escrever nesse ritmo.

2 de dezembro de 2009, Porto Alegre. Sobre ler ou não ler enquanto se escreve. A tendência, assim sempre pensei, é não ler para evitar as chamadas influências (de estilo, etc.). Por isso me surpreende a tese de Roland Barthes, em *A preparação do romance vol. II*: “[...] não ler para evitar a *reação*, isto é, escrever ao contrário, querer se diferenciar de outro autor”. No momento, estou lendo contos de David Foster Wallace, em inglês. Barthes não fala sobre ler numa outra língua. Não vejo problema em ler, mas deveria estar lendo só em português.

10 de dezembro. De novo: *no news, good news*. O romance já tem umas 25 páginas “definitivas”. Recebi grandes elogios das pessoas que as leram: meus pais, meu irmão Oriol, a Raquel, a Gabriela, a Anna, a Ana Santos, o Ronaldo, um ou outro leitor desconhecido que acompanha o romance no blog. Os mais incríveis foram os de meu orientador, que não ousei reproduzir para ninguém, só comentei com a Raquel. Esses elogios começam a ter algum efeito, no sentido de me ajudar a não ficar tão frequentemente insatisfeito com o que escrevo ou desanimado em geral.

16 de dezembro. Li *Bem que eu queria ir (notas de uma vida fóbica)*, de Allen Shawn, músico, filho de William Shawn, que fora editor da *New Yorker*. (Todas essas leituras...: estão me ajudando mesmo, ou são procrastinação?) Esperava um livro mais autobiográfico e menos informativo: é metade-metade. Talvez meio repetitivo. Porém, é muito interessante. Bom para entender onde estão as raízes das fobias. Para contá-lo, além de sua própria experiência, o autor usa teorias de Freud e de Darwin (porque algumas fobias têm origens remotas: foram, na pré-história, “medos úteis”) de Darwin. A psicanálise e as técnicas da psicologia cognitivo-comportamental não o curaram, mas o aliviaram, fizeram sua vida “possível”. Ele não fala muito nos avanços da neuropsiquiatria (já que o livro é em parte informativo, achei isso em falta); só diz: “Pelo menos até os dias de hoje, não existe ressonância magnética no mundo que possa olhar para o cérebro e analisar as conexões neuronais para determinar quais [fobias] existiam no útero, quais se formaram aos três anos de idade e quais se criaram no mês passado”. E achei estranho que só falasse em egocentrismo no pós-fácio: por acaso o egocentrismo não está presente nas fobias e neuroses em geral?

O seguinte fragmento é esperançoso para quem sofre esse tipo de doença ou outras parecidas:

Quando hábitos de evitação e ansiedade persistem por muito tempo, eles se tornam parte de você, como a dor crônica. O cérebro se acostuma às conexões, e elas se consolidam. O impressionante, no entanto, é que mesmo o cérebro adulto pode construir conexões completamente novas. As antigas podem se desfazer – se a pessoa estiver pronta a desfazê-las – e por fim, com muito trabalho, podem ser substituídas.

20 a 26 de janeiro de 2010, Porto Alegre. Depois de um tempo sem tocar no romance (férias de Natal em Barcelona), dedico dias a revisar as primeiras 28 páginas antes de continuar. Quero lembrar em que ponto estou, o que contei e o que não. Ao ler, vou introduzindo as correções feitas por meu orientador e pela Gabriela, assim como resolvo alguns problemas apontados por eles. Demoro-me na revisão. Há nisso um quê de perfeccionismo. E um quê de obsessão. Mas não é isso só. Acredito que nessas

primeiras páginas, em seu tom, personagens, etc. e em seu “valor literário”, esteja ou não a *possibilidade* do romance. A revisão tem ainda um uso emocional: ao não encontrá-la em outro lugar, ou em alguém, o desejo é que perceber que essas páginas são boas ou até muito boas me dê a força de que preciso para continuar.

Fico muito satisfeito com o que leio.

14 de fevereiro de 2010, Porto Alegre. Às vezes me perguntam como é que escrevo “tão bem em português”. A resposta típica é: o catalão é minha língua materna; para quem mora na Catalunha, o espanhol é uma espécie de língua materna também; além de inglês, falo francês; li muita literatura brasileira e troquei muitos e-mails em português; e por tudo isso não foi difícil aprender a língua. Mas há outros motivos. Eu escrevo de maneira simples, faço isso por eleição. Como Rohmer (que acabou de falecer), acredito que cada história, cada cena, cada frase, pede uma forma, uma só; que sempre existe uma maneira mais clara, mais simples, direta ou efetiva de dizer tudo o que se quer dizer. Quando encontrada, o autor desaparece; fica, na página, somente o contado; somem as marcas evidentes do artifício. Mas há coisas que não somem porque *nem chegam a aparecer* – e é disso que me dei conta hoje. Já do início, são indesejáveis quaisquer trocas de ordem sintática, brincadeiras com a linguagem, barroquismos, excessos líricos, “invenções” linguísticas ou narrativas, “efeitos especiais”. Não sendo fácil, também não é difícil, esta maneira de escrever. É, sobretudo, uma questão de tempo, de paciência.

21 de fevereiro. Não estou escrevendo nada. (Escrevi, mas não gostei.) Estou achando que não vai dar, não vou ter o romance em julho.

Esta semana foi péssima. A Anna viajou. Há dez dias que não vejo ninguém. Poderia ter ligado à Ana Santos, fazer alguma coisa, mas não tive nenhuma iniciativa, não sei por quê.

8 de março de 2010, Porto Alegre. A Ana Santos, que está terminando um livro de contos, perguntou-me se achava importante me afastar um bom tempo dos textos antes da última revisão. A escritora Zadie Smith fala exatamente nisso, dá tanta importância a isso quanto à própria escrita. Ela considera que uns meses é pouco: idealmente, o texto deve ficar na gaveta *por anos*. Seu conselho está no ensaio “That Crafty Feeling”, versão revisada de uma palestra para alunos de escrita criativa da Universidade Columbia, de 2008. O texto, divertido e engraçado, é importante, sobretudo, porque ela detalha aquilo que, em sua opinião, o autor/revisor não pode deixar passar (eu sublinho):

8. Step Away from the Vehicle

You can ignore everything else in this lecture except number eight. It is the only absolutely twenty-four-carat-gold-plated piece of advice I have to give you. I've never taken it myself, though one day I hope to. The advice is as follows.

When you finish your novel, if money is not a desperate priority, if you do not need to sell it at once or be published that very second - *put it in a drawer*. For as long as you can manage. A year or more is ideal - but even three months will do. *Step away from the vehicle*. The secret to editing your work is simple: you need to become its reader instead of its writer. I can't tell how many times I've sat backstage with a line of novelists at some festival, all of us with red pens in hand, frantically editing our published novels into fit form so that we might go onstage and read from them. It's an unfortunate thing, but it turns out that the perfect state of mind to edit your own novel is two years after it's published, ten minutes before you go onstage at a literary festival. At that moment, every redundant phrase, each show-off, pointless metaphor, all the pieces of deadwood, stupidity, vanity and tedium are distressingly obvious to you. Two years earlier, when the proofs came, you looked at the same page and couldn't see a comma out of place. And by the way, that's true of the professional editors, too; after they've read the manuscript multiple times, they stop being able to see it. You need a certain head on your shoulders to edit a novel, and it's not the head of a writer in the thick of it, nor the head of a professional editor who's read it in twelve different versions. It's the head of a smart stranger who picks it off a bookshelf and begins to read. You need to get the head of that smart stranger somehow. You need to forget you ever wrote that book.

10 de março. Vai ser preciso arejar as partes mais pesadas do romance, isto é, aquelas que se referem diretamente ao processo ou aos episódios neuróticos.

16 de março. Ter paciência para escrever *não é fácil*. No caminho encontram-se a frustração, o desalento, a insatisfação, a ansiedade, a solidão,...

12 de maio de 2010, Porto Alegre. Hoje meu orientador criticou algumas partes das últimas páginas que lhe entreguei. Não recebi aqueles incríveis elogios. Continua achando o romance muito bom, a escrita ótima. Mas me indicou alguns trechos (poucos, certo) que atrapalham ou tornam lenta a leitura. Dois amigos dele que também leram o texto fizeram a mesma observação. Eu concordo, sei quais são essas partes: as menos narrativas, aquelas em que eu conto ou tento explicar, mais do que mostrar ou recriar, o que foi a neurose.

O problema é que, saindo da reunião com ele, vi que *outras* coisas também não estavam bem. Primeiro: eu sempre quis contar a neurose. E pensei nas formas memorialística, diarística, etc. até me decidir pelo romance. Comecei a escrevê-lo. Só que, assumida essa escolha, diversos problemas surgiram. Por exemplo: por que o narrador estaria em Nova York? (A neurose durou sete anos, eu estive menos de três meses na cidade – foram os piores, mas...?) Eu sempre quis contar, além da neurose, o que eu não vivi plenamente, e aquilo que mais lamento não ter vivido plenamente é o período que passei em Nova York: mas escrever sobre as pessoas que conheci, os passeios, a vida na residência,... será suficientemente interessante para o leitor? Quero contar (e ainda não consegui, nem sei se vou conseguir) como funcionava minha mente quando estive neurótico: contar esse mecanismo *desde dentro* talvez seja o mais importante que eu possa fazer, pois considero que ninguém que não o tenha vivenciado pode chegar a saber como opera um pensamento neurótico (ou paranoico, ou fóbico, ou depressivo, etc.). ... Acho que tudo se resume em: é possível conciliar a narração fiel de uma doença com a forma ficcional do romance?

13 de maio. Fiz essas perguntas à Gabriela por e-mail. Ela respondeu logo:

Até o momento a tua pergunta é barbada de responder... A resposta é SIM!!! [...] Acho a narração ficcional uma BELA estratégia para falar da doença, te digo por que: pelo simples

fato de tu poderes sair um pouco de ti, de inventares artificios, situações, sensações e todo o resto que facilitem a explicação ou os eventos relacionados com a neurose, valorizando-a (ela é a protagonista escolhida por ti, não é?). Tudo baseado na vida real e mais a história da doença pode funcionar, mas acho o romance-ficção (putz, acho que estou destruindo as categorias literárias, desculpa!) uma opção mais rica e também mais leve para o teu texto... [...] Acho que essa questão de Nova York tem muito a ver com o que escrevi aí em cima. Para falar da neurose, de uma pessoa doente e de como ela se sente, o ambiente em que ela vive deve ser rico, estimulante, um ambiente que ofereça muitos espaços para a reflexão e a descoberta, aí vamos ver como é um pensamento neurótico [...]: nada mais genial que tirar o protagonista da sua cidade natal e colocá-lo em New York City! Eu sei que só foram dois meses, mas tu podes fazer ganchos ao processo neurótico, usar capítulos para a descrição nua e crua da doença (pensei agora nos capítulos de O tempo e o vento, “A fonte”). Tu é autorizado a fazer flashbacks quando tu quiseres. Eu sei que é difícil colocar isso na estrutura do livro, mas acho o teu livro uma obra propícia para fazer esse tipo de coisa. [...] Nós leitores sabemos que é difícil falar minuciosamente de sete anos, e é por isso que tu tens que escolher uma fatia dentro desse período todo. O mais significativo é sempre o ápice, o agudo da crise, por dois motivos: para bem mostrar o que acontece e para mostrar o limite, até onde as coisas chegam. [...] Tu ainda tens a vantagem de poderes voltar ao início (ou não) sem ficar perdido. Eu sei que outras coisas e outros aspectos positivos da tua vida poderiam ser interessantes para o leitor e reconfortantes para as pessoas que te conhecem, mas acho que isso poderia tirar forças da linha central do texto, isso meio que amortizaria a força da neurose. (Um exemplo meu atual: em Stupeur et tremblements, Amélie Nothomb fala só da sua vida dentro de uma empresa japonesa, questões profissionais, colegas de trabalho e da mulher no mundo do trabalho. Em uma parte do livro ela chega a comentar que a vida dela não era só aquilo, muito pelo contrário, do outro lado de Tóquio ela tinha uma vida legal e pessoas que gostavam dela, fazendo-a esquecer de toda essa batalha no trabalho. Mas só no outro livro, esse que eu ganhei dos teus pais, ela fala da vida dela sob uma outra luz, agora sobre um namorado japonês que ela teve.) Enfim, Roger: tratamos de artificios enriquecedores para a tua história! [...].

21 de maio de 2010, Porto Alegre. Quanto tempo leva escrever um romance? Qual é o tempo a ser contado? Inclui os anos em que o autor vive a experiência que, intuí, algum dia se tornará algum tipo de narração? Inclui os anos gastos guardando em cadernos notas esparsas, frases incompletas, palavras? E o tempo dos rascunhos, de textos quatro ou cinco vezes reescritos, que depois não se usarão? As muitas tentativas ou ensaios para encontrar a forma mais adequada? As leituras feitas?, as conversas? Inclui as noites, a atividade mental inconsciente? E a solidão? Ou é só o tempo de escrita “para valer”, das páginas que, mais ou menos modificadas, acabam sendo impressas no papel?

29 de maio. Escrevo à Raquel: “Só para te dizer... Estava na rua e me senti feliz. Li as primeiras páginas do meu livrinho (que encadernei), fiz umas pequenas mudanças... e acho que está o máximo. Já encadernei o projeto que escrevi para a Funarte, e também acho o máximo. Se ganho a bolsa, será um grande empurrão para continuar a escrever.⁶ E mais: talvez pela primeira vez em cinco anos, me sinto em casa em Porto Alegre. Será que isso vai durar?”.

⁶ Não ganhei.

BIBLIOGRAFIA

- A., Ruben. *O mundo à minha procura III*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1994.
- ALVES, Rubem. *O velho que acordou menino [Infância]*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.
- ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- AUSTER, Paul. *Moon Palace*. New York: Penguin, 1990.
- AUSTER, Paul. *The New York Trilogy*. London: Faber & Faber, 1987.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952.
- BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Planeta do Brasil; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.
- BARTHES, Roland. *A preparação do romance I: da vida à obra*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BARTHES, Roland. *A preparação do romance II: a obra como vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BÜCHNER, Georg. "Lenz". In: GUINSBURG, J. e KOUDELA, Ingrid D. (org.). *Büchner. Na pena e na cena*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CHARYN, Jerome. *Nueva York, crónica de la jungla urbana*. Barcelona: Ediciones B, 1998.
- CORDIOLI, Aristides Volpato. *Vencendo o transtorno obsessivo-compulsivo*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- COSTA, Flávio Moreira da (org.). *Os melhores contos de loucura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

DANBURY, Richard. *The Inca Trail. Cusco & Machu Picchu*. 2nd edition. Surrey: Trailblazer Publications, 2002.

DeLILLO, Don. *Homem em queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: volume XXI: O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

FREUD, Sigmund. *Esquema del psicoanálisis y otros escritos de doctrina psicanalítica*. 7^a reimpresión. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

GABBARD, Glen O. *Psiquiatria Psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GARDNER, John. *A arte da ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

GAWANDE, Atul. “A Coceira”. *Revista Piauí*, nº 42, março de 2010.

HOTCHNER, A. E. *Papà Hemingway*. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1968.

JAMISON, Kay R. *Una mente inquieta*. Barcelona: Tusquets Editores, 1996.

KOCH, Stephen. *Oficina de escritores: um manual para a arte da ficção*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

KOKIS, Sergio. *A casa dos espelhos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

KUSHNER, Tony. *Angels in America, Part One: Millennium Approaches*. New York: Theatre Communications Group, 1993.

KUSHNER, Tony. *Angels in America, Part Two: Perestroika*. New York: Theatre Communications Group, 1993.

LEHRER, Jonah. “The Eureka Enigma”. *The New Yorker*, July, 28, 2008.

LEWIS, C. S. *Una pena en observación*. 8^a edición. Barcelona: Editorial Anagrama, 2002.

LINS, Osman. *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LINS, Osman. *O fiel e a pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LLOSA, Mario Vargas. *La verdad de las mentiras*. Barcelona: Seix Barral, 1995.

LORCA, Federico García. *Poeta en Nueva York*. 6^a edición. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994.

- MANN, Thomas. *Los orígenes del Doctor Faustus: la novela de una novela*. 2ª edición. Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- MANSFIELD, Katherine. *Diário e cartas*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1996.
- MARTINS, Cyro. *Contos escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- MAY, Rollo. *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.
- McEWAN, Ian. *Sábado*. Barcelona: Anagrama, 2005.
- MENDOZA, Eduardo. *Nueva York*. 2ª edición. Barcelona: Ediciones Destino, 1987.
- MERKIN, Daphne. “A Journey Through Darkness”. The New York Times Magazine, May, 10, 2009; “Saindo das trevas”. Revista Piauí, nº 33, junho de 2009.
- MURAKAMI, Haruki. *Crónica del pájaro que da cuerda al mundo*. Barcelona: Tusquets Editores, 2001.
- MURAKAMI, Haruki. “The Running Novelist”. The New Yorker, June, 9, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NOTHOMB, Amélie. *Stupeur et tremblements*. Paris: Albin Michel, 1999.
- O’NEILL, Joseph. *Netherland*. New York: Pantheon Books, 2008.
- OTIS, Ginger Adams; GREENFIELD, Beth; REID, Robert; ST. LOUIS, Regis. *New York City Guide*. 6th edition. Footscray: Lonely Planet Publications, 2008.
- PESSOA, Fernando. *Poesía*. Madrid: Alianza Editorial, 1997.
- PIRES, José Cardoso. De profundis. *Valsa lenta*. 5ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- PLA, Josep. *Weekend (d'estiu) a Nova York*. Barcelona: Edicions Destino, 1999.
- ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Confissões*. Bauru: Edipro, 2008.
- SACKS, Oliver. *Com uma perna só*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SACKS, Oliver. *El hombre que confundió a su mujer con un sombrero*. Barcelona: Anagrama, 2004
- SACKS, Oliver. “Por que adoro nadar”. Revista Piauí, nº 4, janeiro de 2007.
- SAER, Juan José. *As nuvens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- SCHNITZLER, Arthur. *Contos de amor e morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SECHENAYE, Marguerite. *Autobiography of a Schizophrenic Girl. The True Story of "Renee"*. New York: Meridian, 1994.
- SHAWN, Allen. *Bem que eu queria ir: notas de uma vida fóbica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SMITH, Zadie. *Changing My Mind. Occasional Essays*. London: Hamish Hamilton, 2009.
- STIRLING, Stuart. *El trágico destino de las princesas incas*. Buenos Aires: El Ateneo, 2006.
- SUSSEKIND, Carlos & Carlos. *Armadilha para Lamartine*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TOLSTOI, Lev. *Ana Karenina*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2006.
- URTON, Gary. *Mitos Incas*. Madrid: Ediciones Akal, 2003.
- VEGA, Inca Garcilaso de la. *Comentarios reales de los Incas*. Lima: Editorial Mantaro, 1998.
- WALLACE, David Foster. *Brief Interviews with Hideous Men*. New York: Little, Brown, 1999.
- WHITE, E. B. *Esto es Nueva York*. Barcelona: Editorial Minúscula, 2003.
- WOLFF, Tobias. *Vieja escuela*. Madrid: Alfaguara, 2005.
- WOOD, James. *How fiction works*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008.

